



Immortal

First love never dies . . .

GILLIAN SHIELDS



First love never dies..." - "O primeiro amor nunca morre..."

Sinopse

A escola Wyldcliffe é um convento para jovens senhoras, é abrigada em uma mansão gótica no norte dos mouros* gelados, que é de elite, cara, e pouco acolhedora.

Quando Evie Johnson é arrancada de sua casa à beira mar para se tornar a nova estudante bolsista, ela está mais isolada do que ela poderia ter sonhado. Professores severos, estudantes esnobes, e a atmosfera opressiva de Wyldcliffe deixam Evie afogada em solidão.

A única salvação de Evie é Sebastian, um rebelde, zombeteiro, perigosamente atrativo jovem que ela encontra por acaso. Conforme os sentimentos de Evie por Sebastian crescem a cada encontro secreto, ela começa a temer que ele esteja escondendo alguma coisa sobre seu passado. Ela é assombrada por vislumbres de um estranho, uma menina fantasma - esta garota que é misteriosamente como Evie, ela poderia até ser uma irmã. Evie é lentamente levada para uma teia de passado e presente que ela não pode controlar. E quando as extraordinárias forças elementares da Wyldcliffe se erguem como um mar poderoso, Evie é confrontada por uma verdade assustadora sobre Sebastian, e sobre seu próprio inacreditável destino.

A história eletrizante de Gillian Shields vai fascinar os leitores com suspense, misticismo e romance.



“Porque temos de morrer e seremos como águas derramadas sobre a terra.” — Samuel, 14:14

Prólogo

Não acredito em fantasmas. Eu não acredito em bruxaria tampouco, em tabuleiros Ouija*, levitação, cartas de tarô, astrologia, maldições, cristais, segunda visões, vampiros — nenhuma das coisas do "outro lado". É claro que não. Eu sou inteligente, sensata, a sensível Evie Johnson. Garotas como eu não se misturam com todo esse lixo louco paranormal. Pelo menos, é isso que eu teria dito antes de eu chegar à escola e convento Wyldcliffe. Mas tudo é diferente para mim agora. Eu tenho vislumbrado seu mundo, e eu não posso voltar a ser a garota que eu costumava ser. Imagine uma paisagem selvagem, solitária onde há várias colinas rigorosas dos mouros com concavidades verdes, marrons e roxas. Ovelhas são salpicadas aqui e ali, nas encostas dos morros esperando pacientemente no penetrante vento. Algumas árvores têm conseguido crescer, mas elas parecem nuas e atrofiadas. Os mouros cercam uma pequena aldeia sombria no coração de um vale, como as paredes de uma antiga prisão.

Bem vindo a Wyldcliffe

Este é o lugar que assombra meu presente, meu passado e meu futuro. Ou seja, se eu ainda tenho um futuro. Se ele vai permitir isso. Se ele não me destruir primeiro. Ela esta ao meu lado, como minha irmã, mas ele esta em minha alma.



Ele é meu inimigo, meu carrasco, meu demônio.

Ele é meu amado.

**O Tabuleiro Ouija ou Tábua Ouija tem letras, números e alguns símbolos em que se pode falar com espíritos*

Um

Eu nunca quis ir para um internato.

Passando tempo com uma multidão de crianças ricas em uma ostentosa escola nunca estive na minha lista de desejos. Eu estava contente com a minha vida antiga, em manter-me a mim mesma nesse tipo de caminho. Não feliz, talvez, mas de conteúdo. E então, e um dia agradável e azul de setembro, a minha avó Frankie ficou gravemente doente. Ela nunca tinha sido uma avó para mim, apenas a querida Frankie, minha mãe substituta, minha melhor amiga.

Eu esperava estupidamente que ela iria ficar inalterada para sempre. Mas ninguém é imortal, nem mesmo as pessoas que amamos. E agora Frankie estava doente e fui obrigada a arrumar minhas malas para a escola Wyldcliffe para jovens senhoras. A vida realmente te dá um pontapé às vezes. Eu estava fazendo o meu melhor para pensar nisso como um desafio.

A viagem para Wyldcliffe pareceu durar horas no trem para o norte. Eu estava viajando sozinha. Papai queria vir comigo, mas eu o convenci de que



eu estaria bem indo sozinha. Eu sabia que ele queria passar todos os momentos possíveis da sua licença com Frankie na casa de repouso antes que ele tivesse que voltar para seu o exército. Então, eu disse que era capaz de me sentar em um trem por algumas horas sem acabar em um cartaz para pessoas desaparecidas.

- Honestamente, pai, eu tenho dezesseis agora, não sou mais uma criança... Não era difícil convencê-lo. A verdade é que eu imaginei que seria mais fácil dizer adeus a ele e a casa. A última coisa que eu queria era que as meninas esnobes de Wyldcliffe me vissem chorando enquanto meu pai dirigia para longe.

Não, não ia haver a "pobre" Evie neste momento. Eu já tive o suficiente sobre a mamãe. As pessoas cochichando sobre mim na rua. Os olhares compassivos pelas minhas costas. Não ia ser assim novamente. Eu estava indo para mostrar-lhes que eu não preciso de ninguém. Eu era forte, tão forte como um oceano verde e profundo. Ninguém na Wyldcliffe jamais iria me ver chorar.

Eu fui transferida para um trem local da mesma forma que estava começando a ficar escuro. Nós nos movemos através de uma paisagem desconhecida de suaves colinas cobertas de samambaias e espinheiros¹. Nas profundezas da minha angústia eu senti uma pontada de curiosidade. Quando eu era pequena, Frankie tinha me contado histórias sobre Wyldcliffe, que ela tinha ouvido de sua mãe, histórias sobre os selvagens mouros² e as fazendas solitárias e os céus ríspidos do norte. Eu nunca tinha visto o lugar, mas agora,

¹ *Espinheiro: Nome de diversas plantas, mais ou menos espinhosas, algumas espontâneas e cultivadas no País (espinheiro-alvar, espinheiro-da-virgínia, etc.). Designação vulgar de muitas plantas de várias famílias, em especial acácias.*

² *Mouros é um povo árabe-berbere que conquistou a Península Ibérica. Fazem parte da Península: Portugal, Espanha e Andorra.*



eu estava quase lá. Eu guardei a minha revista e meus fones de ouvido e olhei para fora da janela, para o crepúsculo.

Meia hora depois, o trem parou em uma pequena estação pouco a frente da sombra de um profundo vale. Enquanto eu soltava minhas malas em um surrado táxi, uma rajada de vento chicotou alguns respingos de chuva. Eu disse:

-Wyldcliffe, por favor.

E partimos. Eu tentei conversar com o motorista, mas ele mal grunhiu em resposta. Nós dirigimos em silêncio. Entre as nuvens, eu avistava o sol deslizando para trás dos mouros como um traço de sangue. O céu pesado como chumbo parecia pressionar pesadamente o solo. Eu tinha vivido toda a minha vida junto ao mar aberto, e as colinas escuras me fizeram me sentir encurralada.

Para todas as minhas discussões corajosas, eu de repente me senti muito pequena e só. Quão estúpida eu fui por não deixar papai vir. Em seguida, o carro virou uma esquina, e a torre da igreja e os edifícios de pedra cinzenta da vila Wyldcliffe finalmente entraram em minha visão. O motorista parou do lado de fora de uma pequena loja na rua enegrecida pela chuva.

- Onde, então? Ele rosnou.

- Ao convento- eu respondi.

-Você sabe a escola e convento Wyldcliffe.

Ele girou a cabeça e olhou para mim.



-Eu não vou levá-lo para esse lugar amaldiçoado, ele cuspiu. Você pode sair e andar.

-Ah, mas - Eu protestei. - Eu não sei em que lugar está. E está chovendo.

O homem pareceu hesitar, mas depois ele grunhiu novamente.

-Não é tão longe para andar. Bata na porta da loja de Jones, se você quiser. Ele vai conduzi-la, mas eu não vou.

Ele saiu do carro e deixou as malas no pavimento molhado. Depois dele se mexer perguntei:

-Mas, onde está a escola? Aonde eu vou?

- A igreja é ali, disse ele, apontando com relutância para a igreja.

-Não mais do que um meia milha do cemitério. Diga a Dan Jones, que é onde você está indo.

Um segundo depois, seu carro rugia para fora da vila, me deixando para trás como um indesejado pacote. Eu não podia acreditar que ele tinha acabado de me largar lá na chuva. Bati furiosamente na porta da pequena loja, onde se podia ler D. JONES, WYLDCLIFFE LOJA E CORREIO. Não houve resposta. Foi um demorado e molhado domingo, e toda a vila parecia estar desligada durante a noite. Xinguei sob a minha respiração. Não houve escolha, se não andar. O sol se punha, e a lua pálida estava lutando para se libertar de uma névoa de nuvens.



Árvores altas e escuras e oblíquas sepulturas lotavam a pequena igreja. Quando passei, eu me assustei com o som estridente de galhas no crepúsculo.

Sacudi-me com raiva. Eu não ia ficar assustada por alguns pássaros. Parecia algum jogo ridiculamente barato em um filme de terror. Procurando em volta, vi um letreiro velho marcado CONVENTO. Parti para a ruela, transportando as malas sobre a lama. Até agora o meu longo cabelo vermelho estava com pingos de chuva, e minhas mãos estavam brancas com frio, mas eu sentia dentro de mim uma ebulição quente, vociferando contra a injustiça de tudo: em primeiro lugar Mamãe, em seguida, Frankie, e agora a escola o abandono no embarque, o taxista louco, e a chuva, estúpida chuva, estúpida... Perdida em meus pensamentos amargos, eu não vi o cavalo ou o cavaleiro, até que fosse tarde demais.

Houve uma grande agitação dos cascos e flancos brilhando e o turbilhão de um casaco comprido. Eu olhei para cima e congelei incapaz de sair do caminho de um cavalo preto que foi arremessado em mim. Em seguida empinou e guinchou e algo golpeou o lado da minha cabeça. Eu só lembro de cair... Cair na escuridão. Quando eu abri meus olhos novamente, o cavaleiro tinha desmontado e estava debruçado sobre mim. Ele era só um menino, alguns anos mais velho que eu, mas ele parecia que tinha vindo de uma mundo diferente, uma terra de contos de fadas e elfos, cavaleiros e príncipes. Seus longos cabelos escuros emoldurando um rosto pálido e sensível com maçãs do rosto salientes e brilhantes olhos azuis, e ele estava fitando-me tão intensamente que me senti desconfortável. Isto era irreal. Eu não era o tipo de garota que trombava com caras bonitos. Eu mexi meus pés

- Me desculpe, balbuciei. -Eu não te vi.



-Você não é previsível.

Ele parecia cansado e tenso, e as sombras sob seus olhos eram como hematomas suaves em uma ameixa.

Me desculpe, eu repeti estupidamente, esperando por ele para se desculpar em troca. Mas o rapaz simplesmente olhou para mim.

-Você parou meu cavalo de propósito?

- Será que você me derrubou de propósito? Eu me enfureci de volta.

- Não há nenhum dano a você, respondeu o garoto. - Mas eu não posso dizer o mesmo para o meu cavalo.

A grande besta estava tremendo e suando, jogando sua cabeça e rolando seus olhos, como se tivesse visto um fantasma.

- Oh, eu lamento, eu rebati. - De onde eu venho os seres humanos são realmente considerados mais importantes do que cavalos.

- O mundo é invadido por seres humanos, como ratos, mas eu raramente encontro um cavalo que me sirva tão bem.

-Sua expressão era tão fria quanto um mar de inverno. Ele murmurou para o trêmulo animal, seus longos dedos examinando, respingando lama ao seu lado. Então ele olhou para mim, um pouco menos hostil.

-Felizmente não há nenhum dano real.

- Oh, ótimo, disse eu. - O cavalo está bem. Bem, isso é um alívio. Eu pensei que poderia estar ferido e coberto de lama após ser derrubado, oh, estou



atrasada para meu primeiro dia em um hediondo internato, isso é tudo. Mas não, o cavalo está bem. Aleluia!

-Eu me mexi furiosamente para recolher as coisas que foram espalhas das minhas malas. Quem ele acha que ele é, este poser³ pretensioso, com seus longos cabelos negros e seu longo casaco preto?

Algem tipo de cangaceiro romântico? Apenas uma espécie de idiota. Eu fervia, esmagando tudo de volta para a mala o mais rápido que pude. A camisola azul estava em uma poça. Eu a agarrei, então gani.

-Ouch!

A camisola se abriu para revelar a minha foto emoldurada de mamãe. Ela estava linda nesta foto, rindo para a câmera em um dia de verão. Eu tinha enrolado a preciosa lembrança na camisola durante a minha arrumação apressada, para mantê-la segura. Mas, o vidro da pequena moldura tinha quebrado e cortado a palma da minha mão e, agora, uma gota do meu sangue escorria sobre a cara da mamãe.

Eu girei em meus calcanhares. Eu só queria sentar-me na chuva e gritar.

- Olhe o que você fez!

Eu bati com raiva, tentando segurar as lágrimas. O rapaz jogou as rédeas de seu cavalo de seu braço então habilmente dobrou a camisola em

³ *Poser: é um termo pejorativo, usado frequentemente na cultura musical do punk, metal, hip-hop e gótico para descrever "uma pessoa que finge ser algo que ela não é".*



volta da moldura quebrada. Ele murmurou algumas palavras rápidas antes de empurrar o pacote de volta para a minha mala.

- A foto era muito estimada por você, disse o menino abruptamente. Ele olhou para mim de um jeito estranho procurando algo, como se estivesse prestes a dizer algo mais. Eu segurei minha respiração. Ele realmente era extraordinário, tão pálido e ainda intenso.

-Não chore, disse ele. - Por favor.

- Eu não estou chorando. Engoli em seco, de pé e chupando a minha mão que estava sangrando. - Eu nunca choro.

- Eu posso ver isso, ele zombou. - Mas, o corte deve ser coberto, e parece que eu devo fazer isso para você.

Rapidamente ele torceu um lenço branco em uma gaze e amarrou em volta da minha mão para parar o sangramento. Um arrepio estranho percorreu-me quando sua mão roçou a minha.

Além disso, disse o rapaz, olhando-me mais suavemente. - Eu fiz algo que compensou qualquer confusão com o meu cavalo, salvando sua vida. Acabei de impedir que você sangrasse até a morte

Uma insinuação de um sorriso cintilou sobre o seu rosto magro. Notei a curva de seus lábios, e do arco das sobrancelhas negras. Ele ainda estava segurando minha mão na sua, e eu senti um nó de atração lutando em minha caixa torácica.

- Não seja ridículo!, Respondi, deixando cair a minha mão com um esforço.

- Um pequeno corte como aquele não é perigoso.



- Você realmente sabe que perigos se escondem nessa ruela? O menino se aproximou de mim e estudou-me com olhos artificialmente brilhantes. Senti seu hálito fresco em minha bochecha. Então ele estendeu a mão e tocou em um fio de meu cabelo molhado e sussurrou: - Como você sabe o que está esperando neste vale de uma garota do selvagem mar?

Eu tremia sob o seu toque, não sabendo o que dizer. Como ele sabia que eu vinha o mar? Quem era ele? E ele podia me fazer algum mal neste lugar solitário? Afastando-me dele, eu estava tensa e comecei a queimar meus miolos lembrando de tudo que já havia aprendido sobre a autodefesa. O garoto parecia ler minha mente.

- Não se preocupe, você vai chegar em casa com segurança esta noite.- Ele sorriu e montado em seu cavalo. - Mas, nós nos encontraremos novamente, eu prometo a você!

-Ele galopou na direção da vila. “Nós nos encontraremos novamente”. Eu empurrei o pensamento para um lugar secreto, não querendo admitir para mim mesma que eu esperava que ele estivesse certo. A chuva que caía me trouxe de volta ao meu juízo. Juntei minhas coisas e continuei ruela a abaixo em direção ao convento.

Quando eu alcancei os portões de ferro fixados em um muro de pedra. Um letreiro antigo foi preso em um lado dos portões.

Dizia: WYLDCLIFFE SEJA LEGAL OU VOCÊ MORRE.
Por um segundo eu olhei com horror, depois ri fracamente. Eu li o letreiro novamente, preenchendo as lacunas onde as letras pintadas estavam lascadas.



CONVENTO WYLDCLIFFE ESCOLA PARA JOVENS SENHORAS.

Eu tinha chegado finalmente.

Dois

Eu nunca vou esquecer a primeira visão do convento. Eu concluí o percurso estrada a baixo, virei uma esquina e minha nova casa levantou-se diante de mim – a sombria, e cinza Wyldcliffe em todo o seu esplendor gótico. Foi um choque, difícil, um lugar reservado. Torres e muralhas se projetavam loucamente até ao céu, e as linhas das janelas encobertas por uma persiana. Uma lâmpada balançou no vento acima da maciça porta de entrada. Era como se eu tivesse tropeçado em uma época passada. Eu estava lá, oprimida, em seguida, um grupo de meninas frustradas ao virar a esquina do prédio e subir os degraus da frente, correndo para sair da chuva. Eles quebraram o encanto, e eu corri atrás delas.

Alcansei o degrau mais alto, eu abri a porta de carvalho esculpido. Não havia nenhum sinal das meninas. Elas haviam desaparecido no edifício cavernoso. O hall de entrada mal iluminado estava vazio e silencioso. Troféus de escola desbotados eram exibidos em armários e a lareira cintilou em um enorme coração. No final do corredor uma escada de mármore larga se enrolava para cima. A área em torno do pavimento superior, era quase vertiginosa se olhada do alto.



O lugar inteiro era como nada que eu tinha visto antes, exceto em museus. Atravessei o chão de ladrilhos até a lareira e tentei me aquecer. É isso, pensei. Minha nova vida. Esse era o famoso convento e escola Wyldcliffe. Ele não era o que eu queria, mas eu gostaria de tentar tirar o máximo dele. Eu não iria reclamar, eu iria estudar muito e fazer o meu pai orgulhoso.

- Você deve ser Evie Johnson, disse uma voz soando custosa. Me virei e vi uma mulher alta, elegante, saindo das sombras para a luz do fogo.

- Sim, eu sou. Sorri, alisando meu cabelo molhado. Imaginei que ter boas maneiras era uma grande coisa em Wyldcliffe, então eu estendi a mão e disse:

- Como vai você?

A mulher ignorou a minha mão estendida, e meu sorriso. Ela fez uma pausa e examinou meu rosto atentamente, então franziu o cenho.

-Você está atrasada. Nós não toleramos impontualidade na Wyldcliffe.

- Oh, eu não poderia ajudar, comecei, mas seu olhar advertiu-me para parar. Senti-me contorcendo sob o seu olhar frio, era como se ela soubesse que eu tinha me atrasado na chuva por causa de estranho.

- Eu sinto muito.

- Não deixe que isso aconteça novamente, ela respondeu friamente. - Eu sou Celia Hartle, a diretora de Wyldcliffe Agora siga-me. Deixe aqui a sua bagagem. O guarda irá lidar com isso.

Então, isso foi o principal. Eu esperava que os outros professores fossem um pouco mais humanos. Ela abriu o caminho por um corredor escuro para a esquerda, em seguida, parou em uma porta que tinha uma placa com



letras pretas que se lia diretora. Nós entramos em uma elegante sala com paredes revestidas de painéis, decorada com livros, pinturas e mobília antiga. Sra. Hartle estava sentada atrás de uma mesa impressionante, e eu me sentei em uma cadeira dura oposta a dela. Ela pareceu me examinar novamente antes de anunciar:

- Eu não era a favor de aceitar você na escola.

Oh, ótimo, pensei. Ela não me quer aqui. Este foi um início perfeito.

- O período já começou, ela continuou, - será difícil para você compreender o nível avançado de trabalho na divisão de seniores da escola. Será mesmo mais difícil para você aprender nossos costumes, nossas tradições. Wyldcliffe não é como as outras escolas. Este estabelecimento não é meramente uma academia de sucesso. Ela treina jovens para um lugar na sociedade. Nos últimos anos, o número de vagas de bolsas tem sido muito limitado.

Ela fez uma pausa, e eu sabia que ela estava me esperando para dizer o quão grata eu era, que eu seria boa e humilde e afável, a garota perfeita em uma escola cheia de jovens senhoras. Eu queria falar asperamente de volta com toda a minha fúria ruiva, eu não quero estar na sua podre escola também. Eu quero ir para casa! Mas consegui manter a calma Sra. Hartle suspirou e continuou.

-Os administradores da escola, no entanto, pensaram em que nas suas circunstâncias, não poderia negar o auxílio.

-Papai tinha me dito que havia uma cláusula antiga na constituição da escola "Criar as filhas necessitadas dos oficiais das Forças Armadas de Sua



Majestade." Em outras palavras, aulas de graças para meninas órfãs de mãe com um pai no exército e com não muito dinheiro. Bem, eu estou necessitada, tudo bem, eu pensei com um sorriso triste.

- Você tem a sorte de se beneficiar de uma bolsa de estudos. Certifique-se de que você merece! Ela me olhou com desgosto, tendo em minhas roupas enlameadas e meu cabelo molhado. Os olhos dela descansaram por uma fração de segundo sobre o lenço manchado de sangue que ainda estava amarrado em torno de minha mão, e então disparou para a corrente de prata em volta do meu pescoço.

- Jóias não são permitidas na escola. Instintivamente, eu apertei o colar que Frankie tinha dado a mim durante a minha última visita ao lar de idosos. Ela apertou-a a minha mão, incapaz de falar, o rosto torcido pelo acidente vascular cerebral que quase a matou. Era um pingente antiquado de prata primorosamente trabalhado, com um cristal brilhante em seu coração. Eu não acho que seja valiosa, mas Frankie queria que eu o tivesse, o que o tornou precioso.

-Mas Frankie, minha avó, deu.

-Tenho certeza que sua avó iria querer que você obedecesse as regras de Wyldcliffe, Sra. Hartle me interrompeu em desaprovação. Eu rapidamente empurrei o colar para fora de sua visão para debaixo da camisa.

- Isso é melhor. Eu poderia também acrescentar que o uso de telefones pessoais, rádios, e tal são também proibidos. Na Wyldcliffe não queremos que nossas meninas sejam oprimidas pelos inventos e a assim chamada cultura popular, nem que sejam viciadas nos hábitos modernos de comunicação sem sentidos e estúpidos . Você vai me dar qualquer desses dispositivos para a guardar e eles serão devolvidos no final do período.

Relutante entreguei meu precioso celular e meu iPod . Eu estava começando a não gostar da Sra. Hartle e suas regras.



-Agora, infelizmente, como você chegou tão tarde, as meninas já tenham ido para a ceia. Você não tem tempo de se trocar antes de se juntar a elas. Venha!

Ela levantou-se abruptamente, e imaginei que me mandar para a ceia parecendo uma confusão absoluta foi à punição pelo atraso. Eu tremia, e não do frio.

Sra. Hartle conduziu-me através de um confuso labirinto de corredores de painéis pendurados com sombrias pinturas, e finalmente chegou ao refeitório. Era uma sala, fria com longas filas de mesas e bancos de madeira.

Uma mesa alta encontrava-se em uma plataforma elevada, onde os professores se sentavam. Eles eram quase todas mulheres e a maioria deles vestindo roupas formais de acadêmicos. Tudo parecia deprimente como algo de uma centena de anos atrás.

O murmúrio das conversas morreu instantaneamente quando a Sra. Hartle deu um passo à frente. Os estudantes prestaram a atenção, a maioria das crianças privilegiadas, tinha a partir de onze a dezoito anos de idade. Eles estavam todos vestindo o uniforme da escola cinza escuro e marrom - o tipo doentio de um vermelho-sangue e todas elas são muito parecidas, com seus cabelos brilhantes e tez clara.

-Obrigado, meninas, disse a Sra. Hartle. -Por estarem sentadas. Mas, antes de continuar com a sua ceia, eu gostaria de introduzir uma nova aluna. Esta é a Evie Johnson, que se junta a nós como uma bolsista.



Ela poderia muito bem ter acenado um cartaz dizendo, ELA NÃO ESTÁ PAGANDO PARA ESTAR AQUI. ELA NÃO É REALMENTE UM DE NÓS. Eu olhei para as linhas de meninas bem ordenadas, meu cabelo pingava no chão frio.

-Oi.

Minha voz soou como um eco perdido. Os alunos encararam em silêncio, todos os duzentos, eles julgando, avaliando, a rejeição. O menor relincho do riso ondulado em torno de suas fileiras polidas.

-Tenho certeza que vocês vão fazer o seu melhor para acolher a senhorita Johnson, disse a diretora suavemente.

-Boa noite, senhoras.

-Ela marchou para fora da sala. Depois do que pareceu uma eternidade, uma menina com cabelos castanhos encaracolados se levantou e disse:

- Há um lugar aqui. Desci as longas filas de garotas e agi com cautela e cai em um assento com gratidão à sua frente. Enquanto eu me sentei, uma corrida de fofocas rompeu o silêncio.

- Silêncio, por favor! Repreendida em voz baixa e áspera. Eu olhei para o quadro de professores e vi uma mulher magra com um rosto atormentado e o cabelo raspado e para trás. Ela estava batendo palmas em conjunto para levar à sala a ordem.

-Nós não comemos como hooligans (*não entendi*).

-Por favor, continuem a sua ceia em silêncio.



O ruído diminuiu em conversas sussurradas. Eu peguei uma colher de algo servido de um prato na mesa, mas me senti muito cansada para comer. A menina de cabelos encaracolados que tinha me chamado me deu um sorriso encorajador. Acendi um sorriso de volta para ela e tentei força alguma comida para baixo.

-Oi, Evie, disse ela sobre a mesa. -Eu sou Sarah. Sarah Fitzalan.

-Oi, Evie, Eu sou Sarah, imitou a menina sentada ao lado dela. Ela era do tipo a princesa de gelo, com traços perfeitos e cabelos loiros lisos. Um ar indefinível e um jeito de dinheiro.

-Você está coletando outra criança abandonada e perdida para adicionar à sua coleção, querida Sarah?

-Oh, cale a boca, Celeste, respondeu Sarah. A garota que se chama Celeste olhou para mim e disse docemente:

-Você sempre chega à escola coberta de lama? Duas meninas do outro lado de Celeste riram como se ela tivesse dito algo engraçado.

-Fiquei molhada vindo da estação, eu disse calmamente.

-Oh, meu Deus. Celeste engasgou com horror ridicularizou. - Você realmente entrou no trem?

-Algumas pessoas usam transporte público, Celeste, disse Sarah. - Nem todo mundo tem carros que consomem gás em excesso, e com motoristas.

Celeste voltou seu olhar sobre Sarah e disse inocentemente, -Sério? Deve ser horrível. Lembre-me de nunca tentar.

Um sino soou estridente, fazendo-me saltar. As meninas rapidamente terminaram de comer, em seguida, levantaram-se. Sarah fez um sinal para que eu fizesse o mesmo. A longa oração foi recitada pela professora de rosto fino. Após ecoando, "Amém", obedientemente, as meninas



começaram a andar em fila para fora da sala. Eu segui-as, na esperança de que Sarah teria que me mostrar aonde ir. Assim quando eu cheguei à porta uma voz aguda me chamou de volta.

-Evie Johnson!

Virei-me. A professora que tinha feito a oração estava me chamando para ela. Ela tinha um vestido preto pendurado frouxamente em seus ombros estreitos. Deu-lhe o ar de uma freira, pronta para atacar a menor quebra de disciplina.

-Um ... o que é ... Senhorita ... er ...? Eu perguntei.

-Meu nome é senhorita Scratton, respondeu ela. - Eu estou no comando das meninas na divisão sênior. Eu gostaria que você conhecesse alguém. Helen!

Olhei em volta e vi uma menina alta, como uma freira do outro lado da sala de jantar, colocando algumas poucas xícaras de café em bandejas. Ela veio relutantemente, quando senhorita Scratton chamou o seu nome.

- Helen está a anos em Wyldcliffe e agora é a nossa outra bolsista, Senhorita Scratton explicou.

-Você vai estar na mesma classe e no mesmo dormitório.

- Oi, eu disse, mas Helen não respondeu.

-Talvez você não sabe ainda, Evie, que as meninas bolsistas são esperadas para executar alguns pequenos serviços como um sinal de gratidão e compromisso com a escola. Você vai ajudar Helen a colocar as bandejas de café para as freiras após o jantar, arrumar os livros de hinos após a aula prática de coro, esse tipo de coisa. Helen irá mostrar-lhe o que fazer.



Olhei para ela com surpresa. Eu não esperava ter que fazer as tarefas. Não se admira que as meninas riram. Por um louco segundo, fui tentada a dizer, coisas ruins sobre a sua bolsa, e dar o fora. Mas, não havia nada à minha espera lá em casa. Nem pai. Nem Frankie. Nem lar. Nada, mas o mar de um azul profundo.

-Bem, Eu menti. - Claro. Não há problema.

-Excelente, disse senhorita Scratton. - Quando terminar aqui você vai direto para a cama, o sino toca cedo nas noites de domingo. Portanto, comece com o seu trabalho agora, Evie, e certifique-se de fazê-lo bem. Não há lugar para preguiçosos em Wyldcliffe.

Senhorita Scratton se moveu rapidamente, e seu vestido preto ondulou -se à sua volta.

Olhei para Helen. Seu cabelo era tão claro que era branco quase prateado, e ela tinha traços delicados e límpidos, e olhos claros. Ela parecia delicada, como se um vento forte pudesse sopra - lá, mas sua expressão era pesada e sombria. Talvez ela fosse apenas tímida, eu pensei. Pelo menos nós estávamos no mesmo barco, talvez pudéssemos ser amigas.

-Obrigado por me ajudar, Helen. Sorri. - O que eu faço?

Ela não sorriu de volta

-Organize os copos em bandejas. As freiras iram pegá-los mais tarde. Você precisa de colheres, creme de leite e açúcar. E não quebre nada. Sua voz era baixa e rouca, como se ela não estivesse acostumada a falar muito.



- Então, eu estou no mesmo dormitório que você, eu disse. - Isso é ótimo.

Silêncio. Tentei novamente: - Você não acha tudo isto de fazer tarefas é um pouco exagerado? Eu brincava, e chocalhava as xícaras e pires descuidada em minha bandeja.

-Você sabe, como Cinderela, só com cerca de duas centenas de irmãs feias. Que mais é que eles esperam que façamos? Dormir em uma caverna,

-Eu gostaria que eles fizessem, Helen disse com raiva inesperada. - Seria melhor que ... Ela piscou e me deu um olhar estranho. Era simpatia ou compaixão? Mas quando ela falou, foi em uma voz inexpressiva.

- São as regras. Apenas lide com elas.

Suspirei. Eu imaginava que ia ouvir muito mais sobre as regras nos próximos dias. Nós acabamos com as coisas do café, e Helen começou a caminhar rapidamente para fora da sala de jantar.

-Espere! Eu chamei, correndo atrás dela. - Você não vai me mostrar o caminho para o dormitório?

-Ah, tudo bem, ela respondeu não muito graciosamente. - Vem comigo.

Ela caminhava pelo corredor deserto. Não havia sinal de ninguém, além de um casal de professores em suas roupas escuras. A passagem dava a volta para o salão principal e as escadas de mármore. Estas escadas me intrigaram. O mármore deve ter sido incrivelmente forte, mas as escadas



pareciam flutuar para cima em uma curva elegante. Eu coloquei minha mão sobre o ferro do corrimão e olhei para cima.

-Isso é onde os dormitórios estão? Eu perguntei.

-Sim. Terceiro andar.

Nossos pés ecoavam na pedra fria quando mais subíamos . Eu estava fora do ar no momento em que cheguei ao topo das escadas. Ainda a um outro longo corredor, alinhado com as portas pesadas, estendidas em ambos os lados da escadaria. Olhei para trás sobre o corrimão para o padrão dos pretos e brancos dos azulejos na sala abaixo. Como seria fácil de cair, e se quebrar como uma boneca.

-Vamos, disse Helen, caminhando à frente.

- Então estamos bem no topo do edifício, agora?

- Há um sótão acima deste piso, mas cale a boca.

A voz abafada ecoou por trás das portas de painéis. Eu li os sinais nas portas: DRAKE, NELSON, CHURCHILL, WELLINGTON Eles estavam estranhamente bélicos para uma esnobe academia de meninas.

- São estes os nomes dos dormitórios? Helen concordou.

- Este é o nosso, disse ela. - Cromwell.

Fiquei feliz que o dia estava chegando ao fim, tudo o que eu queria fazer era rastejar para a cama e dormir. Eu não sabia que ainda havia mais uma provação na minha frente.



Segui Helen no quarto, olhando por cima de seu ombro para ver se Sarah também estaria no dormitório. Ela não estava lá, no entanto meu coração se afundou quando reconheci Celeste descansando em uma das camas.

Helen se aproximou de sua cama e se precipitou nela. Pegou um pequeno livro debaixo do travesseiro e começou a ler, ignorando a todos os demais.

Olhei ao meu redor incertamente, pensando qual cama seria a minha. O quarto era bastante deserto e frio, obviamente devia ter sido de outra época, com uma grande janela arqueada com uma espécie de um sofisticado assento justo ao lado.

As duas garotas que também haviam estado sentadas com Celeste no jantar, agora estavam sentadas encolhidas no assento. Uma tinha os olhos azuis com um olhar infantil, quase como o de um bebê, a outra parecia fria e pouco acolhedora.

- Conhece Sophie e Índia, Celeste disse arrastando as palavras. Acenando com a mão preguiçosamente em direção a elas. - Você se divertiu fazendo as tarefas para as mestras, Evie? Que doce que Helen finalmente tem alguém para ajudá-la a esfregar o piso.

Me dei conta de que Helen se encurvava em forma de bola em sua cama.

- Sim. Eu disse arrastando as palavras de volta. - Nos divertimos muito.



Agora, qual é a minha cama? Eu gostaria de desempacotar minhas coisas.

- Oh, nós já fizemos isso por você. Celeste disse com um sorriso inocente.

As garotas pela janela sorriram uma para a outra. - Sua cama é a do canto.

Havia cinco camas, com cortinas finas que podiam ser deslizadas para obter um pouco de privacidade, parecido com um hospital. Alguém havia fechado as cortinas ao redor da cama no canto, por isso me aproximei e as abri, então dei um passo para trás pelo horror do que eu havia visto.

A cama estava envolta em uma seda preta e rodeada por altas velas fúnebres. Pétalas de rosas haviam sido espalhadas sobre o travesseiro, como gotas de sangue vermelho e uma fotografia de uma adolescente com olhos muito abertos pendurada sobre a cama, me olhando fixamente. Minha roupa havia sido jogada e chutada no chão. Me virei para enfrentar Celeste.

- O que é tudo isso?

Seu sorriso desapareceu.

- É sobre o fato de que você não é bem-vida. A última pessoa que dormiu nessa cama foi minha prima Laura. Ela morreu. Não acho que te disseram isso, não é?

- N-não. - Você está aqui só porque o lugar dela na escola ficou livre. Os idiotas que estão no comando queriam que parecesse que eles



estavam fazendo o seu dever cristão, permitindo você vir a Wyldcliffe. Mas, se Laura não tivesse morrido, você não estaria aqui. A voz de Celeste tremia pela raiva de suas palavras. - Só de te olhar faz eu me sentir doente.

- Mas não foi minha culpa protestei. - Realmente sinto muito sobre sua prima, mas acho que.

- Não me importa o que você acha, Johnson. Nós não te queremos aqui e vamos ter a certeza de que você não dure muito tempo. Não se esqueça - você está dormindo na cama de uma garota morta. E espero que ela te assombre a cada respiração.

Celeste saiu, seguida por sua pequena gangue. Me senti como se houvesse levado um tapa na cara. Por um segundo fiquei paralisada com o choque, em seguida a raiva se apoderou de mim.

-O quê ?

Uma campainha soou no corredor. Helen se levantou e se dirigiu para a porta, segurando uma pequena bolsa de cosméticos.

- Será melhor que você troque de roupa. A segunda campainha logo soará para que as luzes se apaguem.

Ela evitou meus olhos e se afastou.

Fervendo pela fúria, agarrei os castiçais e as cobertas de material preto e os atirei na cama de Celeste. Mas não pude conseguir retirar a fotografia da parede. Oh, brilhante, pensei, agora tenho que dormir com a foto bizarra de uma garota morta me encarando todas as noites.



Isso era tudo o que eu precisava.

Eu não podia acreditar que meu primeiro dia em Wyldcliffe houvesse sido tão desastroso.

Celeste estava sendo loucamente injusta. Oh, eu sabia que a dor produzia coisas estranhas nas pessoas, mas ainda assim doía. Respirei fundo e tentei me acalmar. Quase pude escutar a voz de Frankie em minha cabeça me dizendo, Pobre Celeste, nós devemos ser muito amáveis com ela.

Frankie sabia tudo sobre a dor. Havia perdido sua única filha, Clara, há quinze anos, em uma cruel e brilhante manhã de primavera. Clara Johnson.

Minha mãe.

Quando eu era um bebê, minha mãe se afogou nadando nas escuras ondas que rodavam pelo Atlântico e chegavam à praia onde era minha casa. As pessoas que se lembravam de mamãe diziam que eu era como ela: longo cabelo ruivo, pele pálida e olhos cinzentos da cor do mar.

Eu não tinha nem uma só lembrança dela, nem sequer o som de sua voz, então a querida Frankie havia feito tudo o que podia por mim para substituir o lugar da sua filha morta. E agora eu poderia perder Frankie também.

Suponho que eu sabia como Celeste se sentia.



Eu prometi isso para mim mesma. Vou tentar ser amável com ela, mas minhas palavras foram vazias. Por mais que eu pudesse tentar simpatizar com Celeste, eu sabia que nós nunca seríamos amigas.

Comecei a pegar minhas roupas amarrotadas. Meu velho suéter azul continuava enrolado ao redor dos pedaços de vidro da foto da mamãe. Eu desembulhei o pacote, com cuidado de não tocar nas peças quebradas e olhei fixamente com assombro.

A fotografia estava com a moldura intacta. O vidro estava completamente impecável, como se não tivesse tido nenhum dano e a mancha de sangue no rosto da mamãe havia desaparecido.

Por um momento achei que tinha imaginado tudo isso: a travessa escura, o garoto, o cavalo - mas eu não tinha imaginado; eu ainda tinha o lenço como bandagem. O rasguei com força e lá estava: uma marca fina de sangue seco que atravessava a palma da minha mão direita. Isso provou que eu realmente havia me cortado. Eu havia visto vidros quebrados. E agora eles já não estavam.

Impossível.

Helen voltou ao quarto. Puxou as cortinas totalmente em torno da cama, deixando para fora eu e todos os demais. Eu decidi fazer o mesmo.

Me deitei e ouvi Celeste e sua tropa de amigas voltando do banheiro, rindo e sussurrando. Em seguida, uma campainha soou e as luzes se apagaram. Mas na realidade eu não podia descansar. Impossível, impossível, impossível...



A explosão de raiva da Celeste se desvaneceu na insignificância. Não eram suas ameaças as que me mantinham acordada ou a imagem da menina morta, Laura, me encarando abaixo. Era o pensamento sobre o garoto cuja existência havia em tão pouco tempo colidido com a minha. Ele havia consertado o vidro de uma maneira misteriosa?

Não, isso era absurdo, ridículo. Eu não podia parar de pensar nele, no entanto. Quem era ele? De onde havia saído? Quando tentei dormir, lembrei de seu intenso olhar, seu sorriso, a sombra sob seus olhos... Lembrei do suave toque de sua mão quando roçou meu rosto e a frescura de sua respiração em minha pele. Por mais que eu tentei tirá-lo de meu pensamento, me pareceu escutar sua voz em minha cabeça, rindo. Nos encontraríamos novamente... novamente...novamente...novamente.

Eventualmente encontrei o sono, mas não o descanso. Eu sonhei coisas escabrosas e febris, até o último sonho no qual o terrível oceano cinza se levantava sobre os mouros e esmagava Wyldcliffe no esquecimento com uma onda poderosa.

Acordei de repente ofegando e suando. Por um momento tive problemas para lembrar onde eu estava. Claro. A escola. O quarto. As outras quatro garotas dormindo tão perto de mim.

Afastei a cortina branca para tentar conseguir mais ar, então tive que parar de gritar em voz alta. Pelo canto do olho eu tinha visto uma garota com um longo cabelo ruivo e um o rosto pálido e assustado. Me virei para olhá-la e em seguida ela afundou para trás, tremendo. Que estupidez a minha. Só havia sido o meu reflexo em um espelho longo que estava colocado ao lado oposto



da parede. Apertei meus olhos fechados, mas não havia maneira que eu pudesse voltar a dormir.

O sentimento de que estava sendo observada se apoderou de mim, como o aumento de um nevoeiro. Havia alguém mais no quarto além de nós cinco, eu tinha certeza disso. Eu me esforcei para ouvir. Era o mais suave eco de alguém cantando uma canção de ninar, de muito tempo atrás. Ouvi passos leves, uma tosse, e as páginas de um livro virando. Alguém estava lá, oculto pelas profundas sombras.

Outra impossibilidade. Tentei dar os ombros. Estava nervosa, inquieta por estar em um lugar estranho. Provavelmente era alguém do dormitório ao lado ou do andar de baixo. Os sons se distorciam em uma casa tão grande e velha quanto essa; isso era tudo.

Essa primeira noite eu não sabia nada melhor do que culpar minha imaginação. Nessa primeira noite eu não sabia quem estava me observando. Eu não sabia que sua vida estava enredada com a minha: minha guardiã, minha irmã, meu outro eu. Eu não podia adivinhar que ia chegar a conhecê-la, descobrir seus segredos e até mesmo ler as páginas de seu diário privado.

Fiquei acordada a noite toda, até que o pálido sol surgiu como um fantasma da sepultura.

Quatro

O Diário de Lady Agnes, 13 de setembro de 1882.



Minha notícia é que o querido S. está de volta de sua última viagem, depois de meses viajando para fora do país com seu tutor o Senhor Philips. Nós não esperávamos vê-lo novamente até o Natal, mas ele chegou no Hall a noite passada e veio até aqui na carruagem de seu pai logo pela manhã. Essa foi uma surpresa maravilhosa em nossa rotina monótona. Sinto como se a vida houvesse me pego pelos ombros e me sacudido bruscamente e que agora estou pronta para qualquer desafio.

Foi tão bom ver meu amigo de infância de novo! Inicialmente, embora, eu estava um pouco tímida. Ele cresceu notavelmente alto e bonito, e fez eu me sentir como um bebê com seus contos de Paris e Constantinopla e Viena - Eu, que mal estive fora do vale solitário de Wyldcliffe. Mas logo estávamos conversando como matracas. Ele ainda tem o mesmo ar ansioso, o mesmo desejo de compartilhar tudo comigo, o mesmo intenso olhar azul. Apesar de que nossas mães são apenas parentes muito distantes relacionadas por casamento, ele estava mais perto de mim que qualquer primo poderia estar; realmente o irmão que eu nunca tive.

Parecia cansado, entretanto, sob seus sorrisos. Não fiquei surpresa ao saber que ele havia sofrido uma febre em Marrocos e havia estado terrivelmente mal durante muitos dias. Agora ele está preocupado por uma tosse cansativa e está mais magro do que deveria ser, com sombras sob os olhos. Sua doença é a razão de seu retorno para casa antes do previsto.

Eu não posso parar de ser egoísta contente que ele foi forçado a voltar. Este ano de 1882 tem sido tão tedioso, tão longo e triste sem ele. Nunca me dei conta antes do quanto que suas conversas e suas idéias, seus livros e poemas animavam minha existência. Mesmo vaguear entre os mouros não era



um entusiástico prazer sem ele ao meu lado. A senhorita Binns não podia esperar para ocupar seu lugar e acho que ela está tão encantada quanto eu estou que meu companheiro tenha voltado. Ele não vai para a Universidade de Oxford até o Ano Novo, assim ele terá todas as chances de recuperar sua força, e eu vou tê-lo perto de mim durante muitas semanas felizes.

A pobre senhorita B. tem estado realmente perplexa e triste por mim nos últimos tempos. Ela não entende minha sede de estudo, ainda que seja uma boa pessoa, e estou agradecida de que papai dedica a tão amável, gentil governanta para mim. Mas, pode um pouco de francês e da música e as datas dos reis e rainhas da Inglaterra ter sentido para uma real educação nestes tempos modernos? Se eu pudesse ir ao colégio! Perguntei para mamãe se eu podia assistir a universidade de senhoras em Londres sobre a qual eu li, agora que eu tenho dezesseis anos, mas ela disse que era impossível para uma jovem da minha classe social, e que devo lembrar que sou a Lady Agnes Templeton, não uma garota obscura forçada a ganhar meu pão por meu juízo.

Eu confesso que sou levada a distração pelas noções da mamãe. O que a mundana classe social tem a ver com o desejo de conhecimento? Hoje em dia há novas idéias em todos os âmbitos, e quero ser parte desse novo mundo, não só uma boneca decorativa.

Ao longos dos últimos meses tenho me sentido algumas mudanças em mim. Mais cedo no verão, minha menstruação começou. Mamãe me abraçou quando eu disse a ela e chorou um pouco, em seguida secou as lágrimas e me disse que logo eu seria uma esposa e mãe. Temo que minha mãe encontre um jovem gago cuja única recomendação é que ele é o filho de um duque e me obrigará a caminhar pelo corredor com ele. Mas eu nunca poderia me casar com alguém que eu não amo, nem sequer um príncipe real. No



entanto, minha querida mãe parece pensar o contrário. Temo que se ela soubesse meus verdadeiros pensamentos, frequentemente nós brigaríamos. Eu devo ter certeza de que ela nunca veja este diário.

Me sinto... eu não sei como expressar isso... como se eu tivesse um formigamento de um poder invisível, desconhecido, e ao longo de se livrar de tudo isso parece pequeno, sem brilho e superficial. Meus sonhos estão cheios de fogo e cor, tanto acordada e adormecida. Há um estranho sonho, em particular, que eu tive muitas vezes recentemente. Nele, eu estou de pé em uma profunda caverna subterrânea onde arde uma chama alta e torcida.

Eu me aproximo desta coluna de fogo e recolho algumas delas na minha mão. As chamas dançam como luminosas folhas ao vento, sem me queimar. Eu estou com medo, embora eufórica...

Sempre que tenho esse sonho acordo me sentindo inquieta e sigo em direção à liberdade dos mouros. Deito na grama, com a terra sob meus ossos e o ar no meu rosto e eu ainda sinto que a chama queima e dança dentro de mim.

Se somente eu tivesse alguém para conversar, um amigo, ou uma irmã. Às vezes eu imaginei um amigo tão fortemente que eu juro que quase podia vê-lo. Mas agora, pelo menos, o querido S. está de volta. Eu não posso estar sozinha com ele apenas duas milhas de distância no Hall. Seu pai lhe deu uma nova égua de raça (*não entendi*), então ele prometeu que teremos muitos passeios juntos assim que ele esteja um pouco mais descansado. Eu vou ter que me contentar com obter minha educação de segunda mão dele, e ver o mundo através de suas histórias. Mas eu sei em meu coração que eu sou capaz de fazer algo que vale a pena, e não vou descansar até que eu tenha descoberto isso.



Eu fico com a minha infância atrás de mim e meu destino pela frente, como se eu estivesse equilibrada na crista de uma onda que vai me enviar arremessada para alguma distante, para uma praia desconhecida.

Cinco

A campainha tocou de manhã como o som de um alarme de incêndio. Eu me arrastei para fora da cama e fui para o banheiro. Havia duas ou três antigas cabines de moda, cada um com um chuveiro de antiquado aspecto e um emaranhado de tubos de cobre. Eu fui ao mais próximo e fechei a porta atrás de mim. Minha cabeça doía por falta de sono, e não pôde evitar um sentimento de ansiedade persistente. Enquanto eu me despia, percebi que o corte na minha mão tinha se curado em uma linha de cor vermelho escuro - corte que, aparentemente, veio do nada. Não fazia sentido. Se ao menos houvesse alguém que pudesse falar sobre isso. Sentia muita falta de papai e Frankie tanto que doía.

Sob o chuveiro quente, eu tentei que a água lavasse tudo. Esqueça, eu pensei. Eu devo ter entendido errado. O vidro não quebrou em primeiro lugar. Devo ter me cortado com uma dos cantos da moldura de metal, e foi isso. Ou talvez algo afiado tinha caído na camisola, quando eu estava fazendo as malas em casa. Não houve mistério. E ninguém estava olhando. Certamente que não. Impossível. Precisava se concentrar em lidar com a minha nova escola, as coisas normais, como procurar o meu caminho, ou ser a melhor na minha classe, ficar fora do caminho da Celeste. Eu tinha que esquecer todo esse assunto tinha que esquecer o menino de cabelos escuros e olhos perturbadores.



Voltei para o dormitório e coloquei o meu uniforme de saia cinza escura, meias vermelho-sangue e a antiquada gravata. Me olhei no espelho pendurado na parede e ele não conseguia reconhecer a garota refletida no espelho.

- Ei, como é doce, disse Celeste. - Ela está admirando seu uniforme.

- Não é uma tristeza que você não vai usá-lo por muito tempo?

Lembrei-me de minha vontade de ser tolerante e engoli a resposta irritada que tinha preparada. Foi um esforço tremendo.

- Vem, Evie, disse Helen. -Vamos tomar café da manhã.

A olhei surpresa. Não esperava que Helen me mostraria algum apoio. Agradecida a segui para fora do quarto, porém ela não desceu a escadaria de mármore onde as meninas estavam começando a se dirigir a sala principal. Em vez disso ela me levou para um dormitório em uma parte escondida do corredor que era ocultado por uma cortina. No fundo da sala havia uma porta de madeira. Helen puxou um ferrolho e abriu a porta. Celeste, Índia, e Sophie voltavam do banho aos empurrões. Havia pouca luz, onde uma escada em caracol serpenteava para a escuridão total. Helen apalpou por trás da porta, e pegou uma lanterna e acendeu.

- Vou discutir isso. Vamos, disse ela. - Isto está oficialmente fora dos limites, mas vou te mostrar o caminho. Você não terá que topar com a Celeste e sua comitiva.

- Mas Onde estamos indo?



- Podemos começar por aqui. É a escada de serviço.

Helen fechou a porta atrás de nós e apontou a luz em direção à escada em espiral. Era tão estreita que parecia que tinha sido embalada entre as paredes, como uma escada que desce em um buraco escuro.

- Você deve estar brincando. Eu realmente não queria admitir a Helen, mas eu sempre temi espaços escuros e fechados e eu não vou ir por aí embaixo.

- É perfeitamente seguro. Ou prefere sair com Celeste?

Se pôs a andar, a luz flutuando na frente dela.

- Helen! Espere!

Desci as escadas atrás dela, tentando não imaginar que as paredes estavam me prendendo. Após algumas voltas, chegamos a um outro assoalho escuro.

- Esse é o subsolo central, disse Helen. - Vá em frente.

Finalmente chegamos a parte inferior esta estava úmida e deserta. Helen varreu com a luz as paredes cheias de teias de aranha.

- Onde estamos agora? Eu perguntei, na esperança de que não importava onde estávamos se saíssemos rapidamente de lá.

- Isto costumava ser os quartos de serviço, quando o convento era uma casa privada. Essa porta nos leva de volta para a parte principal da escola,



perto da escadaria de mármore, mas se você pegar a passagem no sentido oposto chegara à antiga cozinha e aos estábulos.

- Eu gosto daqui. Vou lhe mostrar se você quiser.

A última coisa que eu queria explorar era os quartos velhos e sujos que ninguém usava a mais de 100 anos, mas Helen parecia fascinada com o lugar. Eu não tinha escolha a não ser segui-la como uma empregada de antigamente. Ali tudo foi pintado com um castanho escuro deprimido, e ele estava cheio de poeira. Eu tinha certeza que ouvi os ratos correndo ao longo das paredes. Já era o suficiente. Eu estava prestes a dizer a Helen para voltar, quando vi uma fila de sinos de idade em uma moldura de mogno. Com etiquetas com coisas como Sala de Estar, Sala Azul, e sala de bilhar.

- Para o que são?

- Os sinos soavam quando os servos eram necessários em algumas das diferentes salas. Os empregados iam daqui de baixo para as escadas até cerca de 100 vezes por dia, alguns deles mais jovens do que nós. Eles não foram autorizados a utilizar a escadaria de mármore, obviamente. Era apenas para utilização do Templetons.

- Quem eram eles?

- Os proprietários deste lugar.

Helen abriu a porta de uma cozinha abandonada.

- Este é o lugar onde os empregados trabalhavam. Ela olhou em volta. - Você não ouve a sua voz?

Agora, sim eu estava começando a me assustar. Eu não queria ouvir as vozes dos empregados mortos da era vitoriana, não importa o quanto Helen



gostava disso. O ritmo do meu coração começo a cair, e a estranha sensação de ser observada novamente tomou conta de mim. Sussurros e segredos parecia vibrar na minha cabeça. Naquele momento, um sino tocou a distância, e eu pulei. Helen piscou.

- Esse é o sino do café. Nós não devemos chegar tarde demais! Ela correu pelo corredor até a casa principal. - Vamos se apresse! Lutando para manter-me no ritmo de suas pernas longas, e em poucos minutos estávamos na escada na antiga escada de serviço. Em seguida, Helen abriu uma porta para o corredor principal, perto da escadaria de mármore. O som de passos e o tumulto para a sala de jantar ecoou a distância à nossa esquerda. Corremos para alcançá-los, mas era tarde demais. Ao entrar na sala, niveladas e sem fôlego.

As meninas estavam em suas longas filas de mesas. Sra. Hartle estava sobre a mesa, dando graças. Helen parecia preocupada e esperou nervosamente à porta. Eu vi Celeste, tranquila e pura como um anjo, sua boca se curvou em um sorriso secreto. A diretora terminou sua oração, em seguida, olhou-me friamente.

- Então, Evie Johnson atrasada de novo? Nós temos que ajudar você e sua amiga Helen a lembrar que o atraso é contra as regras em Wyldcliffe. Senhorita Scratton dois cartões demérito, por favor. - Senhorita Scratton veio e nos deu a cada uma uns cartões vermelhos impressos. Ela franziu a testa enquanto nos dava, captei a expressão miserável de Helen e eu sabia que esta era uma desgraça maior. Outra das tradições bobas de Wyldcliffe.

- Este é um lembrete de que as normas devem ser mantidas, disse senhorita Scratton. - E talvez eu deva explicar, Evie, que, quando uma menina



acumulou três faltas, se deve informar a diretora da detenção. Tudo isso parecia um escândalo por nada, mas Helen se estremeceu, segurando o cartão.

Eu percebi com surpresa que ela estava absolutamente aterrorizado pela Sra. Hartle. Helen era estranha, eu pensei com inquietude. Não pude deixar de ficar zangada com ela por me meter em encrencas na minha primeira manhã. No entanto, ela tentou, à sua maneira, me proteger de Celeste. No entanto eu ainda estava tentada a livrá-la disso, quando o sino do final do café da manhã soou e o do início da classe começava. Saímos da sala, e eu me encontrei com Celeste ao meu lado.

- Você fez um ótimo começo, Johnson. Um Demérito no seu primeiro dia. Deve ser um recorde. Ele apenas mostra o que acontece quando você se junta com uma perdedora como Helen. - Eu tentei manter a calma.

- Não foi culpa de Helen.

- Você está dando a defendendo? Isso é tão doce , ela zombou. Mas não espere que Helen seja uma verdadeira amiga. Está completamente louca.

- Ela não é, eu disse teimosamente, eu havia estado pensando bastante sobre o mesmo. - Ela está muito nervosa. Isso é tudo.

- Assim é como se diz? o rosto de Celeste, de repente vira um doentio branco sob o seu bronzeado. - Ela estava muito nervosa para falar com a polícia, embora tenha sido a última pessoa a ver Laura com vida? Estava nervosa demais para dizer a verdade sobre o que aconteceu naquela noite? Seus olhos se encheram de lágrimas. - Não me fale de Helen Blasco, e não se meta em coisas que não sabe nada. Ela saiu balançando o cabelo loiro.

- Vem, Evie, disse uma voz rouca atrás de mim no corredor. Era senhorita Scratton.

- Não quer chegar tarde outra vez hoje. Eu serei sua professora, esta manhã. Siga-me. Me mantive em um fluxo monótono de informações sobre a



minha agenda e onde encontrar as diferentes salas, mas eu não conseguia entender por que Helen teria necessidade de falar à polícia sobre a Laura? Eu achei que ela tinha morrido em um acidente de carro horrível, mas era como se ele tivesse morrido aqui na Wyldcliffe. Ela estava doente? Então por que envolver a polícia? Ainda mais estranho, Celeste parece sugerir que Helen sabia algo sobre isso.

- Você pode ver na espessura das paredes e tetos baixos que esta parte do edifício é muito mais velha que o resto. Senhorita Scratton estava dizendo a medida que andávamos ombro a ombro por um outro corredor. - É a parte do convento medieval original, possivelmente utilizada como uma área do hospital. Centrei minha mente de novo, murmurando: - Sim, muito interessante.

Ele entrou na sala de aula. As paredes eram brancas, haviam fileiras de mesas e uma prateleira muito alta. Um grande cartaz emoldurado com a produção das bruxas de Macbeth pendurado atrás da mesa da senhorita Scratton.

- Encontra uma cadeira. Havia cerca de vinte meninas da classe. Fiquei contente de ver Sarah sentada na parte traseira. Pelo menos havia uma cara amigável. Ela me deu um sorriso rápido, mas as outras meninas apenas me olhavam e pensavam sobre a punição do cartão vermelho que eu havia recebido, e viraram se como se não quisessem ser associadas com a minha desgraça.

Havia uma mesa vazia ao lado de Helen. Sentei-me e fingi estar ocupada com o meu caderno e caneta. A atmosfera era de trabalho e estudo muito diferente da maneira fácil e livre que eu estava acostumada em casa. Senhorita Scratton deu aulas de Inglês e história, e apesar de ser maçante, com



sua voz seca, foi uma excelente professora. Depois de um tempo me encontrei gostando muito e tentando me manter atualizada com os argumentos e teorias formuladas. Foi um alívio para mim mergulhar no trabalho e esquecer todo o resto. Debrucei-me sobre os meus livros, absorvida por aquilo que estava lendo. E quando eu olhei para cima, eu tive a maior surpresa da minha vida. A sala tinha mudado. Oh, não me refiro as paredes brancas e janelas gradeadas, eram exatamente como haviam sido antes. E a sala foi configurada como uma sala de aula, mas ao invés de fileiras de mesas de madeira e meninas em uniformes escuros, eu vi uma grande mesa polida com papéis e livros pesados espalhados ao longo. A sala estava cheia de mobiliária antiquada e um grande globo foi exibido em uma prateleira.

Uma gorda mulher de meia idade com bochechas vermelhas e um vestido cheio de frescura salientava algo a um único aluno seu, uma menina vestida de branco. Os olhos cinzentos da menina estavam observando com atenção total e seus cachos castanhos foram capturados em uma fita preta. A imagem fantasmagórica da menina que tinha visto na noite anterior no espelho veio à minha mente. Esta menina era real, porém, não um reflexo, como uma visão de uma irmã perdida. Mas eu não tinha uma irmã e eu nunca tive uma irmã. Enquanto eu olhava, ouvi o barulho do fogo e de repente vi uma luz ofuscante de chamas brancas. Gritei, então a senti se dissolver no nada. Quando voltei eu estava caída sobre a minha mesa, e Helen era inclinada sobre mim. As outras garotas se empurravam para fora do caminho.

- O quê? Você está machucada? Porque gritar assim? Um corte de voz através de suas perguntas ansiosas.

- Evie desmaiou por alguns segundos, isso é tudo. Disse senhorita Scratton.



- Por favor, não se aglomerem ao seu redor. Voltem para os seus lugares meninas, e comecem a ler calmamente. senhorita Scratton franziu o cenho para mim e tomou meu pulso. - Você já desmaiou antes?

Lembro-me vagamente do meu encontro com o garoto e seu cavalo, mas eu balancei a cabeça. Eu não sabia o que era real e que era somente um sonho.

- Senti-me tonta, isso é tudo, eu murmurei.

- Bem, é melhor sair. É melhor do que ficar fechada aqui. Ela olhou para Helen, ela hesitou uma fração de segundos, depois disse:

- Sarah, mostre a Evie os terrenos. Você vai se sentir muito melhor com o ar fresco.

- Vem, Evie, disse Sarah. - Nós estamos indo para uma caminhada.

Sua amizade simples me tocou e eu tinha lágrimas ardendo nos meus olhos. Pisquei para afastá-las. Enquanto seguia Sarah para fora da sala lembrei-me da promessa que tinha feito. Ninguém, absolutamente ninguém iria me ver chorando em Wyldcliffe.

Seis

Sentamo-nos em um fardo de palha no estábulo quente e empoeirado. Sarah sorriu e me ofereceu uma bolsa de maçãs.

-Eu guardo essas aqui para Bonny, mas elas estão perfeitamente bem, especialmente se você não tiver tomado muito café da manhã.



Mordi uma das maçãs amarelas. Era doce e bom. O que também descrevia exatamente Sarah, pensei, com o cabelo castanho escuro e pele sardenta. Parecia que ela pertencia ao estrangeiro, aos campos e florestas. Eu comi minha maçã, bonita e grande, e um pequeno cavalo tentava roubá-la de mim com seus lábios soprando. Sarah riu, então me olhou com curiosidade.

- Então o que aconteceu?

Evitei seus olhos. Eu não estava realmente segura de mim mesma. Tudo o que eu sabia era que não foi a primeira coisa estranha que me aconteceu desde que cheguei ao Wyldcliffe. Mas como eu poderia dizer a Sarah esses absurdos de um tipo de convencido cavalheiro e dos cacos de vidro que não foram quebradas, e uma menina ruiva que não poderia estar lá? Sarah parecia a primeira pessoa normal que eu havia conhecido até agora, e eu não queria que ela pensasse que eu era totalmente louca. Salientando isso, pensei. Nada disso vai acontecer novamente.

- Só uma tontura. Dei de ombros e me levantei, querendo mudar de assunto.

- Você tem que me levar para ver as terras, eu ainda não as vi.

- Bom. Ela sorriu. - Adeus, Bonny querida. Te vejo depois. Você não vai acreditar que foi um desastre, há alguns meses, certo? Meus pais me ajudaram a resgatá-la de algumas pessoas que não sabiam nada sobre cavalos e a maltratavam. Agora é como uma bola de gordura. Meu outro pônei se chamada Starlight (*não achei*). Vamos vê-lo primeiro, então eu vou mostrar tudo. Segui Sarah para outro lugar, onde um belo cavalo cinza a beijou a mão e gentilmente aceitou uma maçã. "Graças a Deus Wyldcliffe nos permitiu trazer os cavalos para a escola.



Eu passo cada minuto livre com eles. Eu estaria perdida sem um animal por perto.

Em casa eu tenho três cachorros, dois gatos e um burro, e todos foram resgatados de um lugar para outro. Ao ver Sarah contar, eu me lembrei do que Celeste tinha dito sobre sua coleção de "crianças abandonadas e cães de rua.

Bem, eu realmente fui um deles. Nós andamos em torno do pátio do estábulo, que estava situado no lado principal da casa. Eu vejo uma porta verde desbotada que parece pouco utilizada. Achei que levaria para os quartos dos empregados, onde Helen e eu tínhamos ido de manhã. Quando um gato preto atravessou o pátio. Nós o seguimos e chegamos a um muro de um jardim com fileiras de feijão preto e groselhas.

- Podemos ter nossos próprios jardins aqui, disse Sarah. - Eu gosto de coisas que crescem, cavar a terra e ver a primavera de uma nova vida. E eu amo muito os estábulos. As partes magníficas da abadia podem parecer frias e sombrias, mas aqui eu posso ver realmente o que deve ter sido quando o lugar pertenceu à família de direito, com o seu jardineiro e carruagens e os cavalos e cães. Mas isso foi mais de cem anos atrás, quando Lady Agnes viveu. Ela olhou para mim e franziu o cenho, como se estivesse tentando se lembrar de algo.

- Quem era essa Lady Agnes? Eu perguntei, tentando parecer interessada.

- Ela era a filha do senhor Charles Templeton, que reconstruiu Wyldcliffe em meados do século XIX. A abadia original, da época em que as freiras viveram aqui no período medieval, a maior parte foi destruída há muito tempo, mas eu acho que Sr. Charles Templeton era romântico, portanto,



quando ele construiu a sua nova casa para sua esposa e filha fez permanecer aqui até a última pedra.

- Venha e veja! Deixamos o jardim no terraço de cascalho por trás da casa principal. Do terraço, uma área de gramado de grandes dimensões se inclinava na direção de um lago ao longe. A parte inferior do lago era densamente coberta por densos arbustos verdes, e além deles, marchando como sentinelas em torno do convento, estavam os mouros selvagens.

Era uma visão impressionante, mas havia algo sobre a visão que me tirou o fôlego.

Ao lado do lago, as ruínas da capela da antiga abadia, se elevavam em direção ao ar. Os arcos delgados pendurados como rendas petrificadas contra um céu cinzento. Pilhas de pedra foram acumuladas sobre a base das muralhas medievais, e onde foi colocado o altar onde uma vez que ali era verde e liso. Tudo era refletido no lago, como se fosse um submarino que estava fantasiado de catedral e estava abaixo da superfície de vidro.

- É inacreditável, não é?, Disse Sarah.

- É algo além das palavras. Um arrepio estranho percorreu meu pescoço.- Mas tudo parece tão triste, de alguma forma.

- O que você sabe sobre Laura, então?

- Celeste, me disse. Eu não sei por que, mas meu coração começou a bater com força.

- Laura foi encontrada aqui no lago. Ela tinha se afogado.- Como minha mãe. Senti-me doente, e eu vacilei um pouco.

- Ei, você está bem, Evie? Eu não quero que você desmaie novamente. Ela deve ter me arrastado, em parte, e me apoiou em algum lugar com vista para o lago.



- Desculpe. Não é nada. Vamos falar de outra coisa. Diga-me sobre Lady Agnes.

- Não é uma história feliz também, respondeu Sarah com relutância.

- Houve algum tipo de acidente e morreu jovem. Li sobre isso uma vez. Assim, este local tornou-se um colégio.

- Após a morte de Agnes seus pais foram para o exterior deixando no convento. - Por quê?

- Eu acho que não suportaria ver algo que lembrava ela. Quando ela morreu, não havia ninguém para herdar Wyldcliffe. O prédio estava vazio por um tempo antes de se tornar um colégio, as pessoas locais falam de todos os tipos de histórias sobre um ser assombrado. Isso era fácil de imaginar, eu suponho. -Uma grande casa e vazia com uma capela em ruínas, não é preciso muita imaginação para inventar alguma coisa, certo?

- Eu não acho, eu respondi, olhando para as ruínas. A história que Sarah disse era a do motorista de táxi na noite de minha chegada. Esse lugar maldito.

Eu não podia culpá-lo, realmente. Minha própria imaginação parecia fora de controle Wyldcliffe. Mas olhando para as pedras jogadas, achei mais fácil ver porque as pessoas intentavam histórias sobre este lugar. Se tornavam obcecadas com a assombração por toda a sua vida. E esses mesmos montes escuros tinha olhado para baixo para este lugar durante todas e cada uma das tragédias, e o vento gelado tinha cantado através da grama.

- Você gosta daqui? Eu perguntei. Sarah riu. - Como é que você vai gostar de qualquer lugar que está cheio de crianças esnobes como Celeste? Não estou certa de quanto tempo a escola e suas tradições vão sobreviver, para ser honesta. O mundo mudou, mas Wyldcliffe não.

- Então por que as pessoas continuam a enviar os seus filhos aqui?



- Wyldcliffe prepara jovens para um lugar na sociedade, não só para o sucesso acadêmico. Sarah repetiu. - Eu sou a quarta geração da minha família que vem para cá.

- Mas você realmente queria vir?

- Eu suponho que sim. O lugar em si é muito especial, você sabe, as ruínas, as paisagens e a velha casa. Eu acho que amo Wyldcliffe ao mesmo tempo que a odeio. E você? Gosta?

- Mmm. Eu não tenho certeza.

- Então por que você veio para cá, Evie?

- Minha mãe está morta, e o meu pai está no exército. Tem sido destaque neste momento no exterior, disse-lhe, tentando parecer o mais indiferente possível.

- Minha avó, Frankie, sempre esteve comigo. Mas ela está doente.

- Desculpe. Percebi ... Quer dizer, eu achava que parecia infeliz.

- Sim, bem, é apenas uma maneira de se dizer isso. Eu não quero qualquer piedade. Mas esta menina não é ameaçadora de qualquer maneira, eu queria falar. Engoli em seco e comecei. - Papai tinha ouvido falar desta escola porque a família da minha avó Frankie era daqui, séculos e séculos atrás. Então soube da bolsa, e estava organizando tudo tão rápido. Eu sei que sou muito sortuda. E então eu vim Mas eu não acho que posso começar a me encaixar como minha família não veio a esta escola em outras gerações.

- Isso não importa, não a mim de qualquer maneira, disse Sarah. - Além disso, minha família está aqui só pela pele e seus dentes.

- O que você quer dizer?

- Minha bisavó Maria foi adotada por uma família cigana em uma viagem, quando ela era um bebê. Se não fosse por isso, tudo teria sido diferente.

- Por quê? O que aconteceu? Eu perguntei.



- Seus pais adotivos eram fazendeiros ricos e desesperados por uma criança. Eles aparentemente ajudaram quando o pai de Maria foi injustamente acusado de caça ilegal na propriedade de um vizinho, e quando a mãe de Maria morreu dando à luz, o persuadiu a que ele desse o bebê. Foi um acordo incomum para ambos os lados, mas amavam Maria e queriam dar-lhe o melhor de tudo, roupas, viagens, educação, o que Wyldcliffe significa, é claro.

- Por quê? O que Wyldcliffe tem de especial?

- Ela sempre foi considerada a escola mais exclusiva, da Inglaterra. Em outras palavras, esnobe e incrivelmente caro. Sarah riu. - A diretora do colégio falou do fedor de Maria e sobre ela ser pobre e disse que eles não iriam deixar uma menina cigana e suja em Wyldcliffe poluindo o sagrado colégio. Mas os pais adotivos doaram uma grande soma de dinheiro para a escola, o que fez o truque, por isso aqui estou.

Ela ficou pensativa. - Frequentemente eu penso nela. É engraçado pensar que uma vez estiveram por aqui pelas mesmas razões que estamos agora. Às vezes sinto que provavelmente soa ridículo que ela esteja me observando.

- Você quer dizer ... como um fantasma?"Eu tentei brincar, mas houve um tremor em minha voz.

- Oh, eu não sei, realmente. Mas pergunto-me sobre ela. Quer dizer, eu me pergunto se ele alguma vez pensou em sua família verdadeira, ou se arrependeu de não ser parte da antiga forma de vida cigana. Às vezes eu acho que teria gostado de viver assim, perto de seus cavalos, perto da terra, em contato com o conhecimento antigo, Sarah fez uma pausa e sorriu.

- Minha família ainda tem toneladas de dinheiro, que é uma espécie muito útil.



- Mas não pense que eu sou algo parecido com Celeste e suas amigas porque eu não sou, ok?

- Ok, eu disse. - Eu não acharei que você é como uma delas, eu prometo.

- Estou contente que esclarecemos isso. Ela sorriu. - Vamos lá, é melhor voltar para a classe, se sente melhor, ou Srta. Scratton estará distribuindo mais deméritos.

Ela me levou ao ritmo dos seus pés. Eu estava relutante em deixar o lago de alguma forma. Foi o única extensão de água que eu tinha visto desde que deixei minha casa à beira-mar, e eu fui atraída por seu profundo verde intenso. No entanto, era um local de uma tragédia terrível, uma menina havia se afogado.

Eu não quero pensar sobre isso. Me separei do lago e olhei para a paisagem.

Talvez o cara que eu tinha conhecido estivesse por aqui, passeando a cavalo pelas colinas. Então, uma nuvem difusa cobria o sol e uma rajada de vento frio sobre a grama, me fez estremecer. Eu comecei a correr.

- Ei, espere! Chamou Sarah. Mas não pare até que ele estivesse segura e abrigada dentro de casa.

Sete



Diário de Lady Agnes. 17 de setembro de 1882.

Eu não sei o que fazer com esse recente entusiasmo que parece ter enfeitiçado meu querido, meu único amigo. Tudo o que sei é que estou preocupada, até mesmo com medo por ele. De alguma forma já não me sinto em segurança.

Ontem S. me trouxe uma grande quantidade de presentes de suas viagens. O médico havia ordenado que ele permanecesse em repouso completo, mas ele falou que não poderia ficar na cama por mais nenhum minuto, e saiu caminhando pelo saguão sem que ninguém soubesse.

Caminhado! Mas, ele sempre fora teimoso quando se decidia de alguma coisa, e ele estava tão ansioso para me mostrar sua parcela de presentes. Echarpes, bijuterias e esculturas de modo que o repreendi pela extravagância, mas ele apenas sorriu e falou que haviam custado apenas algumas moedas nos bazares. Então ele estendeu um pacote embrulhado em papel de seda prateado.

- Esse é o melhor presente de todos. Ele sussurrou. - o dom do conhecimento.

Era um livro com aparência de ser muito velho encadernado em couro verde. Em letras desgastadas pela ação do tempo li as palavras O CAMINHO MÍSTICO. Abri o fecho de prata e abri o livro. Um cheiro de páginas secas e velhas subiu do livro. As palavras impressas eram grossas, pretas e apertadas. Algumas estavam em Latim, e o restante em uma antiga forma de inglês. Eu li em voz alta:



- Leitor, se você não for puro, detenha suas mãos e não leia mais;
- Os mistérios antigos aqui proclamados não devem ser contaminados pelo mal.

Olhei para cima e ri. Que tipo de conto de fadas é esse que você me trouxe? Você não acha que estamos um pouco velhos para esse tipo de disparate?

- Não é disparate, Agnes; é a coisa mais importante que encontrei em todas minhas viagens! Você tem que ler esse livro!

Ele parecia tenso e corado, e me perguntei se ele ainda estaria febril.

Rapidamente ele tirou o livro de mim e começou a ler:

- Os filósofos nos dizem que os quatro elementos eternos, o fogo, ar, água, e terra são o estofado da vida. E o maior deles é o fogo, que é filho da chama sagrada da criação. Você também deve saber que esses elementos são a chave para os nossos Mistérios. É um erro grave pensar que tais Elementos são meramente matérias físicas, ou substâncias corpóreas. O Grande Criador não fez um corpo, mas fez a essência e espírito. Por que o que é um corpo sem um espírito? Porque o corpo se corrompe e decai; mas o espírito vive para sempre. E também é verdade que toda a matéria física possui um espírito invisível dentro. Assim o ar, a terra, a água, e o fogo contêm seus próprios espíritos, onde ficam escondidos seus verdadeiros poderes.

Ele olhou para mim, seus olhos brilhavam.



-Você escutou isso Agnes? Grande poder. Não é isso que todos nós procuramos nesse mundo?

- Eu não sei. eu falei cautelosa. - o que mais o livro diz?

- Nós em nossa condição humana somos feitos desses quatro elementos – a terra sendo nossa carne, o ar sendo nossa respiração, a água sendo nosso sangue, e por ultimo o fogo sendo nossas paixões e desejos. E assim superando a razão pela qual somos ligados aos espíritos eternos dos elementos. Agora aqui fica nosso grande objetivo, que é: aquelas pessoas que verdadeiramente e justamente se dedicarem ao estudo dos Caminhos Místicos, devem aprender a invocar o poder dos elementos...

S, voltou a me encarar, e seus olhos brilhavam como chamas azuis. – E se nós aprendêssemos a invocar esses poderes, Agnes? Imagine o que poderemos fazer.

- Acho que “imaginar” é a palavra certa. Eu repliquei. -É uma fabula, só isso, não é mais real do que os contos das Mil e uma noites, que líamos juntos quando crianças.

- Não você esta errada. Tenho olhado as paginas, e o que tenho lido tem me surpreendido. Há rituais aqui, ensinamentos que destrancam os mistérios sagrados...

- Sagrado? Eu interrompi. - não é mais provável que esteja cheio de superstições profanas? Deixe-me ver.

Ele me passou o livro com as mãos tremulas, e olhou as paginas.

Meus olhos foram puxados pelas seguintes palavras:



No entanto deixo os incautos avisados; não á luz capaz de rivalizar com a terra, ar, fogo e água. Os quatro grandes elementos podem nutrir e proteger, mas também podem destruir.

- Isso sem duvida é aviso suficiente. Eu falei. - Onde você encontrou esse livro?

- Vou te contar, mas antes você precisa manter isso como um segredo nosso. Ele me puxou para perto no sofá. - Eu estava em um bazar em Marrakesh com Philips quando encontramos uma barraca coberta com cortinas bordadas e com pilhas de livros antigos e mofados.

O vendedor, um homem velho usando vestes longas e dificilmente com um dente na boca, nos chamou para mostrar suas mercadorias. Havia pergaminhos e livros em todas as línguas possíveis, todos jogados em uma grande pilha. Estávamos prestes a sair quando o velho me pegou pela manga e falou. ‘Inglês! Jovem mestre inglês! Inglês!’ Ele continuava repetindo isso e não me deixava sair, sinalizando urgente para eu entrar em uma das salas de sua pequena loja, que estava escondida como a caverna de Aladin atrás da tenda. Philips não gostou muito da aparência do lugar, mas eu estava determinado á entrar e ver o que o velho falava tão insistentemente.

- Quando ele entrou na parte de trás da loja, o vendedor de livros destravou um baú feito de madeira escura, encravado com estranhos emblemas. Com ar de grande reverencia ele retirou um livro e falou,

- É isso o que você procura, jovem mestre; isso é para você. Eu perguntei quanto ele queria pelo livro, mas ele pressionou o livro contra mim e falou, - nada, nada. Esse é o momento; pegue o seu destino. Então Agnes, o que você me diz disso?



- É uma boa história. eu sorri. - Estou surpresa por ele ter lhe dado esse livro de graça. Acho que você lhe deu um lindo presente pelo trabalho?

- Eu te falei. Ele replicou impaciente, tossindo um pouco antes de poder continuar. - Ele não aceitou nada. ele queria que eu ficasse com isso por uma razão; estou convencido disso. Acredito que se seguirmos esses ritos antigos, poderemos fazer maravilhas juntos. Não era você que sempre falou que desejava aprender coisas novas, de sair do mundo da sua mãe e da senhora Binns, e todas as restrições mesquinhas que prendem você como paredes de uma prisão? Os olhos dele se tornaram calmos e apelativos, e ele colocou gentilmente a mão no meu braço. Um estremecimento me atravessou, se de prazer ou dor, eu não sei dizer.

- Então aqui está algo novo. Por favor, Agnes. Dê uma chance a isso.

Olhei para baixo para o pesado volume no meu colo. Quase que com vontade própria ele se abriu ao meio. Todas as páginas eram decoradas com estranhos símbolos, e meu sangue começou a correr quando comecei a ler os diferentes títulos impressos com tinta vermelha e desbotada: para conjurar chuva. Para acalmar o vento. Para fazer amuletos contra raios. Para enriquecer a terra antes do plantio.

- Pense em todo o bem que poderemos fazer. Ele falou.

Continuei lendo em transe.

Cura contra a Maladie perigosa. Para acalmar a mente da escuridão e pesar. Para encontrar o desejo do seu coração. Para invocar o Fogo sagrado. Naquele instante meu velho e familiar sonho voltou para mim, mas mais vivido que antes. Eu estava como sempre parada em uma coluna de chamas



brancas e quentes. Mas agora o fogo parecia estar queimando dentro de mim, e eu tinha que somente estender minha mão para pegar qualquer coisa que eu quisesse.

- Não! eu bati o livro fechado. - não quero ter nada a ver com isso. é perigoso. É errado.

- Você quer dizer que a senhora Binns não irá aprovar, e aquele velho vicário medroso na igreja da vila, e todos os reacionários teriam palpitações com qualquer descoberta nova? Pensei que você tinha mais ambições do que sentar com a sua governanta como uma boneca sem se atrever a pensar, ou respirar, ou viver.

- Não é nada disso. Falei incerta. - Estou feliz em abraçar tudo o que é novo e bom em nossa era moderna. Mas isso não é progresso. E voltar para a era da escuridão.

- Há em Deus, alguns dizem, uma profunda e deslumbrante escuridão... Ele murmurou. - Você não lembra desse poema? Você acha que o todo poderoso está limitado à aquilo que sabemos e aprovamos aqui nessa pequena terra, nesse exato momento do tempo? Claro que não! E nem vamos nós. Ele pegou minha mão na dele e me puxou para perto. Podemos criar algo bom que iria durar para sempre. Divida isso comigo Agnes.

- Mas é apenas uma confusão de disparates. Eu protestei.

Inesperadamente rindo, ele soltou minha mão, a paixão saindo de seu rosto.

- Nesse caso não poderemos fazer nenhum mal, exceto por parecermos tolos. Além do mais, nossas intenções são puras, como o livro diz. Que mal pode vir desse jogo que ajudara a passar o tempo da minha



convalescença? Por que não jogarmos mais uma vez, quando fazíamos quando éramos crianças?

Ele sorriu para mim como se eu fosse à única pessoa no mundo que interessasse para ele. Um pequeno nó de atração apertou sob minhas costelas. Olhei para longe, repentinamente consciente e sem palavras.

- Muito bem. Eu falei. - Vamos jogar.

E então isso seria um jogo. Apenas isso. E espero com toda a minha alma, que como em nossas brincadeiras de criança, isso nos leve á um final feliz. Mas se dependesse de mim, eu jogaria esse livro no lago e deixaria que ele afundasse naquelas águas profundas para nunca mais ser visto.

Oito

Eu estava nadando em casa ao amanhecer. A luz no mar era como madre pérola, e eu estava repleta de alegria em pensar que eu poderia continuar nadando sem parar e nunca ficar cansada. Então senti alguma coisa raspar em meu tornozelo. Chutei para longe, pensando ser somente uma alga marinha solta, mas era uma mão fria que me puxou para baixo da superfície, cada vez mais para baixo, para o fundo. Me debatendo em pânico, vejo Laura, morta e assustadora, o cabelo dela flutuava ao redor de seu rosto sem vida, os olhos eram buracos vazios. Ela estava me arrastando junto com ela para as profundezas. Eu queria gritar, mas estava lutando desesperadamente para respirar. Eu não conseguia respirar; Eu estava em perigo... Que perigos guardava uma garota do mar... Eu não conseguia respirar...



Abri meus olhos e joguei os cobertores sufocantes para o lado. Procurando por meu relógio, vi que eram três horas da manhã. Meu coração estava agitado e tive que sair da cama para espantar o pesadelo. Ajeitei-me no banco da janela e olhei para o quintal desenhado pela luz da lua e sombras escuras. Cada árvore e arbusto parecia se manter artificialmente, como lago em um set de teatro. Encostei minha cabeça contra o vidro gelado da janela e tentei controlar novamente minha respiração. Eu não me atrevia a olhar para a foto de Laura na parede. Espero que ela assombre você. Celeste havia me dito. Espero que ela assombre cada respiração sua.

Por favor, deixe Laura estar em paz, por favor, por favor... Eu implorava em uma espécie de oração confusa. Eu ficava doente em pensar nela lutando sozinha no lago, apavorada, lutando pela vida. Tentando respirar sob a água escura e fria, deveria ser uma maneira horrível de se morrer.

Eu sempre havia me recusado a pensar sobre o que havia acontecido com a minha mãe, até agora. Apesar da morte dela, sempre gostei do mar, como se pudesse anular o passado desafiando as ondas eu mesmo. Todas as vezes que saía das águas salgadas e me secava na praia, eu pensava ser imortal. Mas no escuro dormitório de Wyldcliffe, a certeza absoluta de minha própria morte surgia para me aterrorizar. Era realmente acontecer algum dia, e então não haveria como trapacear. Em um flash de memória lembrei de uma inscrição no muro do porto em casa, colocada em hora aos marinheiros que haviam perdido suas vidas ao longo dos séculos. Para todos nós que devemos morrer, seremos como água derramada no chão...



Todos que devemos morrer. Olhando para fora da janela, eu conseguia ver as ruínas sob o luar e o calmo lago próximo a elas. Como Laura fora morrer em um lago tão calmo?

- Todos que devemos morrer. Eu murmurei para mim mesma. Então eu achei ter escutado de algum lugar em minha memória, a voz quente e reconfortante de Frankie, como se ela estivesse lendo em voz alta na pequena capela em casa: todos deveremos morrer... Ainda assim deus não tirara a vida... Todo aquele que nele crer terá a vida eterna.

Voltei para a cama e fui dormir.

Parecia ter passado apenas um minuto quando o sino da manhã tocou nos arrastando para fora das camas. Outro implacável dia em Wyldcliffe estava começando.

Me vesti rapidamente e desci as escadas de mármore antes que Helen voltasse do banheiro. Eu não queria ser ingrata, mas realmente não queria ficar vagando no escuro com ela, comungando com os espíritos das empregadas da cozinha que á muito se foram. Além do mais eu não me atrevia a chegar atrasada para o café da manhã novamente. Decidi que contaria esse como meu verdadeiro primeiro dia em Wyldcliffe. Eu não chegaria atrasada, não iria me meter em problemas, e eu definitivamente não iria desmaiar.

Simples.

Pequenos grupos de garotas estavam descendo as escadas, suas blusas, saias e cabelos lisos, limpos e arrumados para o dia que estava começando.



- Olá. Eu falei alegremente, mas elas apenas me ignoraram. Silêncio total. Era como se eu não existisse.

- Nada de conversa nas escadas. Alguém falou baixinho atrás de mim. Virei e fiquei grata em ver o rosto amigo de Sarah. Ela colocou um dedo sobre os lábios. Agora eu entendia, outra regra. Eu sorri para ela aliviada e desci os frios degraus brancos.

Quando chegamos ao patamar à diretora estava parada lá, elegante e distante. Nos observando com olhos inexpressivos.

- Pensei ter lhe dito que jóias não são permitidas nesta escola.

Eu havia esquecido tudo sobre aquilo, e a pesada corrente do colar da Frankie aparecia sob o colar de minha blusa.

- Sinto muito... Eu esqueci...

- Por favor, fique sabendo que quando eu digo para uma estudante fazer algo, espero que ela não esqueça.

- Vou tirar o colar. Subi correndo as escadas antes que ela tivesse tempo de falar mais alguma coisa. Havia alguma coisa sobre ela que me apavorava. Aqueles olhos escuros e insondáveis, a maneira muito controlada de falar, e ainda a faísca de raiva visível sob a superfície.

- Cuidado, sua idiota!

Celeste me olhou furiosa quando quase a derrubei da escada.

- Oh... sim, sinto muito. Eu falei ofegante enquanto passava. Eu não iria dar a ela, (ou a senhora Hartle) a satisfação de me verem chegar atrasada



para o café da manhã novamente. Apressei-me para dentro do dormitório, abrindo à corrente enquanto corria, então abri a gaveta ao lado da minha cama.

Eu parei. Me senti estranhamente relutante em largar o colar na gaveta. Como eu iria saber se ele estaria seguro? Celeste provavelmente não teria dúvidas em mexer nas minhas coisas, e eu não podia suportar a idéia dela tocando o colar. Ele era muito pessoal, muito privado.

O pingente prateado brilhava hipnoticamente em minha mão. Esse era o meu último link com a Frankie. O rosto dela apareceu em minha mente, e de repente pareceu incrivelmente importante não me separar dessa pequena lembrança.

Remexendo nas gavetas, achei uma camisola que tinha uma fita branca ao redor da gola. Retirei a fita. Então soltei o pingente da corrente e o preendi á fita. Em alguns segundos, o preendi ao redor do meu pescoço, escondendo tudo sob minha camisa. Olhei no espelho. Não se podia notar o colar agora, a Senhora Hartle nunca iria saber que eu ainda o estava usando.

Correndo escada à baixo novamente, cheguei ao refeitório justamente quando as últimas garotas estavam sentando em seus lugares, e consegui um lugar ao lado de Sarah. Tive que me impedir de sorrir do quando idiota ela era. Desafiar a Sonhara Hartle até mesmo sobre uma coisa tão trivial como isso me fazia me sentir bem.

Depois do café a Senhora Scratton me parou na saída do refeitório. - Espero que você tenha um melhor dia hoje, Evie. Ela falou com sua voz dura e seca.



- Oh, tenho certeza que estarei bem.

Ela se aproximou.

- Quem sabe o que espera por nós a cada novo dia? tente ficar longe de problemas. Seus olhos redondos me observavam, e eu imaginei loucamente se ela podia ver o colar da Frankie pendurado sob minha camisa. Mas isso seria um absurdo.

- Você rapidamente ira se adaptar com nossos costumes. A Senhora Scratton continuou. - eu espero que logo você ira se sentir em casa em Wyldcliffe. Tem sido o lar muitos peregrinos ao longo dos anos. Eu não sabia do que ela estava falando. Eu não conseguia ver a Sarah, e eu precisava chegar á sala de aula. Meio que sorri para a Senhora Scratton, esperando que ela já tivesse terminado o que queria comigo, e sai.

Não parecia haver ninguém da minha classe no meio da multidão de meninas no corredor, então examinei a tabela de horários impressa que haviam me dado. Era terça feira a primeira aula seria de ginástica. Um mapa da escola havia sido impresso no verso do cartão. Depois de algumas voltas nos corredores sem fim, consegui encontrar o vestiário. O restante da turma já estava se preparando para a aula Lacrosse, pela aparência dos equipamentos.

- Ola Evie, você já recebeu as suas roupas de ginástica? Sarah perguntou. Eu balancei minha cabeça.

- Papai encomendou tudo, mas não havia chegado quando sai de casa. a loja falou que enviariam as coisas para cá.

- É melhor você explicar isso para a Senhora Schofield quando você chegar ao campo. Vamos; rápido. Você não vai querer estar...



- Com problemas novamente. Eu sorri. - Sim, eu sei.

Marchamos para fora por uma porta lateral com as outras garotas e seguimos um caminho que seguia do prédio da escola para o quintal.

Era um dia chato com o céu cinza sujo. A distância os muros se estendiam como um monótono cobertor no horizonte. À nossa direita, as ruínas da capela se elevavam até os céus, fraturada e quebrada, mas até mesmo sob essa luz mortiça era extraordinária. Mas as outras meninas as ignoravam, conversando umas com as outras até chegarmos aos campos e quadra de tênis que estavam escondidas atrás das árvores.

A professora de ginástica a Senhora Schofield estava nos esperando impacientemente.

- Vamos, vamos, nada de enrolar! Ela gritou. - comecem a se aquecer e correr ao redor do campo. Pelo menos ela parecia mais jovem do que algumas das outras professoras, ou tutoras, como Sarah havia me dito para chamá-las, mas ela soava irritada. -Você, a garota nova, venha aqui. Por que você não está usando suas roupas de ginástica?

Expliquei o que havia acontecido. Por um instante achei que ela iria explodir de irritação, mas ela apenas ladrou.

- Corra até a ala das serventes. Elas saberão se sua roupa chegou.

- Hum... onde?

- Segundo andar, corredor da direita, terceira porta da esquerda.

Pergunta pela senhora Edwards. E se apresse! Ou o período já terá acabado quando você conseguir se trocar.



Não esperei para ela me falar duas vezes. Corri de volta para a escola, diminuindo o ritmo apenas quando passei pelas ruínas novamente. Assim que pude, eu prometi para mim mesma, eu viria e exploraria as ruínas com calma. Mas primeiro eu teria que encontrar a sala das serventes. Segundo andar, corredor da esquerda, terceira porta do lado direito, ela havia dito. Ou era ao contrário? Consultei meu mapa impresso, mas apenas as salas de aulas estavam nomeadas: geografia, Francês, arte, música, e o restante. Todas estavam no primeiro andar. Uma série de salas no segundo andar estavam marcadas, escritório dos funcionários e dormitórios, mas era tudo. Não havia menção da sala das serventes.

- Droga!

Segui o mapa de volta à escada de mármore e corri para o segundo andar. O saguão era decorado com pilares de granitos e painéis esculpidos. Olhando por cima da balaustrada eu podia ver os desenhos feitos pelos azulejos no piso do saguão de entrada. O quão fácil seria cair e bater lá embaixo. O pensamento me fez sentir ligeiramente doente, e virei para o corredor da esquerda.

Não havia letreiros em nenhuma das portas. Parada do lado de fora da porta mais próxima, escutei vozes, então bati na porta timidamente, mas não houve resposta. Segui para a próxima porta. Essa parecia mais promissora. Pensei ter escutado um barulho abafado vindo da sala. Bati na porta. Não houve resposta, então segurei a pesada maçaneta e abri a porta em um puxão.

Seis ou sete tutoras estavam sentadas ao redor de uma mesa circular, debruçadas sobre um velho livro que parecia como uma Bíblia antiga. Elas



estavam recitando baixinho como se estivessem lendo em voz alta. Eu tossi e as mulheres se viraram para olhar para mim. Uma delas rapidamente fechou o livro e o cobriu com um pano roxo. Uma mulher loira e ligeiramente acima do peso pegou algo se cima da mesa e colocou no bolso.

- Como você se atreve vir aqui sem permissão! falou a mulher alta de cabelos cinza, que havia escondido o livro. Seu rosto estava vermelho e marcado com a raiva. - Você não conhece as regras garota? Essa é a sala privada das tutoras.

- Sinto muito; sou nova aqui. Eu me desculpei. - eu bati na porta.

A tutora gorducha veio ate a porta. Ela tinha um rosto sorridente e tranqüilizador, mas os dentes dela pareciam ligeiramente grandes e desconfortáveis na boca dela, e por um absurdo momento pensei no lobo na historia da Chapeuzinho vermelho.

- Não se preocupe minha querida. Ela falou. - Vamos dar uma olhada em você. Eu sou a senhora Dalrymple, e você é claro é a Evie Johnson. Essa é a sua primeira semana não é? Agora, senhora Raglan, não arranque a cabeça da pobre garota. A mulher de cabelos grisalhos me encarava, mas a senhora Dalrymple parecia determinada a ser amigável. - entre, entre, não seja tímida.

Ela me apressou para dentro da sala, e seis pares de olhos se viraram para mim.

- Olhem senhoras, para todo esse adorável cabelo vermelho.



- Acho que não deveríamos nos deixar levar pela cor do cabelo da senhorita Johnson. A Senhora Raglan respondeu friamente. - O que você está fazendo aqui em cima?

- Procurando pelas serventes. Eu falei. Por todas elas estavam olhando para mim?

- Essa é a terceira porta do outro lado das escadas. Ela falou. - E lembre-se que essa sala é fora dos limites.

- Sim... Sinto muito...

- Adeus por agora Evie. Realmente espero que você esteja em minhas aulas. A senhora Dalrymple sorriu mostrando seus dentes novamente.

- Geografia, querida, não se esqueça.

Saí da sala, gaguejando mais desculpas e então corri para a porta das serventes. Peguei minhas roupas de ginástica e corri de descendo a escada de mármore. Repentinamente eu não estava com vontade de ter aula de geografia. Havia sido a gorducha, e alegre senhora Dalrymple que havia escondido algo no bolso. E eu podia jurar que havia sido uma adaga de prata.

Nove

O Diário de Lady Agnes, 25 de setembro de 1882.

Ontem trançamos o círculo sagrado pela primeira vez. Para a cerimônia. S. usou uma adaga de prata e um punhal negro q ela trouxe de suas viagens, cortando o ar em padrões hábeis para marcar um espaço para trabalhar nos ritos místicos



Eu tinha muito medo de que estivéssemos fazendo algo mal e supliquei-lhe para parar, mas ela me obrigou a ser paciente. Nós estávamos e cova bruta iluminada somente por uma vela. Nós permanecemos em nosso círculo esperando. Um silêncio profundo caiu sobre nós. A vela a vela queimava vacilante como um único olho brilhante. Então S. disse o encantamento escrito no livro. Parecia ecoar através de mim como o som de uma campainha. Mas nada aconteceu. Depois ela chamou os espíritos dos quatro elementos para se revelarem a nós. Outra vez não houve resposta. Ela voltou as páginas do livro impaciente chamando as palavras e rezas e feitiços escritos nelas. Cada vez mais frustrada por que não tinha efeito.

Uma pequena voz em minha cabeça dizia, que eu sabia que nada aconteceria. Senti meu corpo relaxar. Nós tentamos e falhamos e agora S. esqueceria tudo a respeito dessa bobagem.

No entanto se eu tivesse que dizer a verdade, em alguma parte secreta de mim eu também estava decepcionada. O que eu havia esperado? Um arrepio de excitação por desafiar as regras que minha mãe e a senhorita Binns impuseram? Ou era para agradar a ele que eu queria que algo acontecesse? De repente ele se voltou para mim e empurrou o livro em minhas mãos.

- Leia você

- Oh...mas.

- Por favor, Agnes. Só uma vez. Por favor, faz isso por mim.

Chame o fogo sagrado.

Um estranho tremor passou através de mim e eu soube que queria fazer isso. Eu tinha que fazê-lo.



Eu escutei minha voz tremer enquanto eu lia o encantamento para convocar os espíritos elementares. Depois seu poder cresceu, palavras raras saíram de meus lábios como se eu estivesse falando-as por toda a minha vida.. A terra em baixo dos meus pés começou a tremer e ouve um relâmpago. Um vento que soava como o mar se estendeu pela cova. Soltei o livro e estiquei meus braços. Pequenas chamas brancas dançaram em minhas mãos esticadas. Eu não senti dor nem tremor e nesse momento me senti mais eu mesma do que havia sido antes.

E eu vi ele cambalear para longe de mim com um grito e o circulo se rompeu. O fogo branco desapareceu o vento parou a terra ficou imóvel.

Fomos ver um ao outro com cuidado sobrecarregados com o espanto.

- Os elementos responderam ao teu chamado Agnes. Ele disse lentamente você chamou os espíritos e eles te responderam. - Você falou com o fogo.

Voltamos para a abadia em silêncio tentando entender eu soube que nada voltaria a ser o mesmo.

Desde então eu havia me sentido transformada. Eu estou sobre o efeito do fogo com esperanças e sonhos. Tudo reluz e brilha ao meu redor. A vida é transbordante eu vejo pequenas aranhas arrastando-se eu vejo os peixes no lago e aves voando sobre as ruínas da capela, eu me arrasto e nado com eles.



E outras coisas também vieram: Estranhos fantasmas resplandecendo nas sombras. Esta manhã, deixando a sala para obter algo de seda bordada para a senhorita Binns que minha Tia Havia enviado de Paris , eu tive uma estranha sensação que estava sendo vigiada. Eu me virei e vi a imagem jovem caminhando no corredor atrás de mim. Eu a princípio pensei que era um truque de luz mas era como se a cortina entre esse mundo e o outro houvesse sido levantada. Ela vestia uma túnica curta e suas penas estavam cobertas só até a metade e como eu ela tinha cabelo da cor da chama quando eu vi ela brilhando ali metade escondida pelo abismo que existia entre nós me pareceu o som das ondas e o cheiro de sal do mar.

Nosso “jogo” havia provado ser incrivelmente real! Agora estou queimando para saber mais e por descobrir todos os segredos. Eu nunca havia me sentido tão viva!

Dez

Eu nunca havia me sentido tão deprimida. Era como se uma parte de mim tivesse morrido. Tudo sobre Wyldcliffe parecia estranho e incomodo, mas que incomodo perigoso. Cada sombra me fazia saltar cada noite me traz sonhos perturbadores cada manhã eu desperto com um nó no estomago.

Eu me dizia que era só por causa da escola que era tão diferente de tudo o que eu havia conhecido.



Que eu me acostumar com ela. Eu me endureceria seria insensível como Evie o suposto professor de musica que carrega um punhal no bolso. Se trata simplesmente de uma faca. Supondo que eu não havia visto a Laura afogada. Foi só um sonho. E a menina com o cabelo cor de chama era imaginaria. Não havia nada para se preocupar. Eu estava ansiosa e nostálgica. Mas por alguma razão não pude convencer a mim mesma.

Quando eu tinha estado em Wyldcliffe a mais ou menos uma semana, finalmente recebi uma carta do papai. Foi posta com o resto do correio dos estudantes em uma larga mesa no hall de entrada. Meu coração saltou quando reconheci sua carta escrita a mão, Meti a carta no bolso e contei os segundos, Até que souu campainha para o recesso da manha. Quando eu sai da classe para o terraço com vista dos jardins os outros estudantes ao redor de celeste enquanto ela continuava falando sobre as maravilhosa ferias que já teve em uma ilha paradisíaca. Helen que havia permanecido na sala lendo e não havia sinais de Sarah tampouco.

Não tinha visto ela muito. Pois ela passava todo o seu tempo livre nos estábulos.

Nadie se ofereceu para compartilhar os biscoitos e o chocolate quente que sempre servem nesse momento do dia. Era como se a aversão de Celeste tinha contra mim me deixasse intocável. Me disse para que não prestasse atenção, e eu corri para as ruínas para abrir minha carta em paz.

Querida E.

Espero que agora que você esta se acostumando com sua nova escola e seus amigos. O que você pensa de Wyldcliffe? O campo esta muito



bem por ali. Sua mãe e eu visitamos essa zona quando estávamos recém casados.

Clara queria ver a antiga granja donde sua família havia vivido. Caminhamos durante quilômetros sem encontrar nenhuma alma viva. Eu me lembro mais talvez tenha mudado desde então. Não posso dizer a você quanto me deixa feliz que você tenha sorte de obter uma bolsa para Wyldcliffe. É um peso muito grande que você tira de minha cabeça ao saber que estão te atendendo muito bem.

Volto amanhã ao estrangeiro. Será bom voltar a ver os meus homens e o trabalho que temos que fazer, mas vou pensar em você todos os dias. Vi a Frankie no lar dos idosos esta manhã, mas temo que nada tenha mudado. Ela não me conhece mais nunca duvide o muito que te ama. E eu também minha querida. Seja valente, estude muito, e trás a teu velho pai orgulho.

Lutei contra o nó que se formou em minha garganta. Não me sentia valente. Um corvo grasnou encima da minha cabeça. Eu olhei a vista; as ruínas e os muros e o céu que pareciam tão incrivelmente sós e desolados.

O que você pensa de Wyldcliffe? Na realidade papai estou começando a odiar o lugar...mas eu nunca ia dizer-lo. Tens que tratar com ele, como Helen havia dito.

Soprando meu nariz, me levantei então me dei conta do horror que as outras meninas sabiam ter desaparecido do terraço. Devem de ter ido todos para dentro das classes seguintes. Fui correndo sobre a erva úmida e me meti no edifício através de uma das portas laterais. Não havia nada ao redor. Busquei em meus bolso o horário e o mapa que eu estava levando a todas as partes.



Se estava ali não pude encontrá-lo. Eu ia me meteria em problemas outra vez e se papai descobrir...

Matemática. Isso foi tudo, eu estava segura de que tinha matemática com a senhorita Raglan, a professora de cabelo grisalho que havia sido tão perturbadora comigo. Eu me lembrei que a sala de matemática estava em frente ao edifício em uma das grandes e velhas habitações, perto da biblioteca. Todo o que tinha que fazer era chegar a escadaria de mármore e estaria perto dali. Tinha que ser rápido sem atraso. A senhorita Raglan seria o tipo de um amante da partilha se você chegou atrasado.

Caminhei rápido pelos corredores deserto. Todo mundo estava na sala, mas eu não. A escola inteira parecia quieta e vazia. Por fim cheguei ao lugar correto. Sim graças a deus. Abria a porta.

Mas, não era a não era a sala da senhorita Raglan. Nem sequer era uma sala de aula. Era uma espécie de sala de estar preenchida com moveis pesados e vasos pinturas com molduras douradas. Uma jovem alta com um rosto negro e um vestido negro que se estendia pela chaminé. Corri para a porta e olhei tudo ao redor selvagemente. De repente não reconheci as pinturas ornamentais nas paredes do corredor ou o tapete vermelho no chão. Agora eu estava completamente perdida. Ótimo pensei simplesmente ache o caminho para a sala da senhorita Scratton's você deve lembrar de como chegar ali.

Só iria explicar-lhe que não consegui achar o caminho e pedir-lhe outro mapa.



Antes que eu pudesse me mover, ouvi um ruído suave atrás de mim. Logo voltei a vê-la a menina de branco, caminhando longe de mim pelo corredor. Ela segurava um pacote de seda arco íris em suas mãos sem pensar segui ela pelo corredor como em um sonho, e todo tempo podia ouvir o sibilo swish-swish da saia longa.

- Eiii pára tratei de gritar. Ela fez uma pausa e se virou olhando por cima de seu ombro com uma expressão de desconcerto. O chão embaixo dos meus pés parecia que iam entrar em colapso. E as cores de seda em suas mãos se rodaram em um caleidoscópio como se todo o mundo houvesse começado a girar. Vi seu rosto pálido nas sombras que se moviam. Então ela se converteu na terrível imagem da Laura morta por afogamento. Comecei a lutar para respirar quando a escuridão se apoderou de mim mais uma vez.

Eu estava caindo e nada podia me salvar, nada exceto um menino de cabelo preto rindo embaixo das estrelas. Senti seu hálito frio em meu rosto, vi seus ferozes olhos azuis, ouvi sua voz. Você salvou a vida...

Nos encontramos de novo. A cicatriz descolorada em minha mão latejava debilmente. Como uma pulsação.

Eu gritei a ele: - Onde está? Quem é você?

Mas ele só riu e murmurou, Evie, Evie...

- Evie! Evie! Um estranho estava me chamando. Minha cabeça estava dolorida e eu me sentia mal. Lutei para abrir os olhos. Um homem com óculos de aros de ouro inclinava-se sobre mim. Eu entrei em pânico e tentei empurrá-lo para longe.



- Este é o doutor Harrison Evie o rosto contraído da senhora Scratton estou em foco com o medico situado atrás dela.

Ela me olhava fixamente - Você desmaiou de novo. Estamos preocupados com você.

Fiz um esforço para me sentar. Eu estava numa sala branca descoberta que eu nunca havia visto antes.

-Onde...?

- Você está na enfermaria. Explicou a Senhora Scratton.

- Uma das meninas novas te encontrou no corredor que se estende fora do salão de matemática. O que aconteceu?

Hesitei depois desviei o olhar.

- Não sei.

- Bom não podemos ter você desmaiando em todo o lugar. Disse ela secamente. - Tem que ter uma explicação.

- Não creio que haja nada de mal, digo muito mal senhorita Scratton.

O médico interveio.

- Sua pressão arterial está normal. Mas esta jovem tem um pouco de agitação em sua vida, afinal de contas e difícil trabalhar tão duro. Ela precisa de ar fresco e fazer exercício. Ele voltou a olhar para mim e perguntou:

- Você passeia? Isso traria algum tom rosado ao seu rosto.



Sacudi a cabeça e disse com voz rouca. - Eu gosto de nadar.

- Nadar?! Excelente! Estou seguro que pode nadar. Há uma piscina no recinto escolar. Não ha senhorita Scratton?

- Ela só é cheia de água no verão! O Dr. Harrison grunhiu insatisfeito. Mas se levantou para ir.

- Vou deixar algumas barras de vitaminas para que você tome, jovem. Eu não acho que lhe faltem as comidas!

Ele me deu um sorriso e se foi, seguido pela senhorita Scratton. Me encostei apoiando a cabeça afortunadamente na fria almofada. O que havia realmente ocorrido no corredor?

Quem era a menina de branco? Estava ela relacionada com Laura, de alguma maneira? E o garoto que havia estado ali, junto de mim, suficientemente perto para eu sentir seu hálito.

Uma onda de náusea me invadiu. Virei a cara para a parede e cerrei os olhos. É ridículo entusiasmar-se por pessoas que você nunca voltará a ver.

Quem eram. Depois de tudo? Um menino que havia se visto só uma vez e provavelmente nunca mais voltaria a ver. Uma menina morta de uma fotografia. Uma menina perigosa inexistente que eu havia inventado em minha imaginação. Sou patética. Eu estava atuando como uma criança triste, demente, tão desesperada por falara com alguém que havia inventado loucos amigos invencíveis. Era estúpido, tonto. Eu não preciso de nada.



Mas, por mas que eu dissesse eu sabia que no meu coração não era certo. Mas, fazia falta algum tipo de contato com os humanos, fora só com os sonhos e ilusões. Pela primeira vez em minha vida admiti que estava terrivelmente só e que era doloroso. Celeste e as outras garotas tinham amigas confidentes e estavam auto satisfeitas de Wyldcliffe haviam deixado claro que não me queriam nos arredores. Talvez eu poderia fazer um esforço maior para ser amiga de Helen, mas havia algo nela...esse tipo de medo que havia em mim. E ali estava Sarah. Eu realmente gosto de Sarah mas ela parecia muito feliz com seus cavalos e seu jardim. Ela não precisava de mim. Nada de mim. Eu estava só.

Enquanto agarrava o frasquinho de pastilhas do medico, eu sabia que ia precisar de mais do que umas poucas vitaminas para curar meu coração atormentado.

Onze

O Diário de Lady Agnes, 30 de setembro 1882

Que o leitor tome cuidado para que a Via Mística seja um caminho de cura, não de escuridão. Embora não seja daqueles que, por ignorância e preconceito vulgar, têm chamado à feitiçaria comum. Mas todos os verdadeiros seguidores do Caminho não devem usar o poder para seu próprio bem e não prejudicar nenhum ser... Isto é o que diz o livro. Agora eu sei que estou destinada a fazer. Vou dedicar-me à mística e me tornar uma grande curadora. Como S. disse no primeiro dia, que grande bem poderíamos realizar?



Não há doença e tanta ignorância neste mundo para ser curado e conquistado. Até eu, no meu vale protegido, sei das terríveis dificuldades de alguns dos miseráveis em Londres ou Manchester e os outros nas chamadas "grandes" cidades. Estou determinada a usar nossas descobertas para aliviar o sofrimento, e eu fiz um começo muito pequeno. Há uma árvore de pêras no canto do jardim que está estragada, e o jardineiro me disse que pensava em cortá-la na próxima semana. Assim, quando senhorita B. e sua mãe estavam descansando após o almoço há poucos dias, fechei a porta do meu quarto e as cortinas e olhei para o livro. Primeiro, eu fiz um altar na minha cômoda, vestida de seda branca, iluminada com velas de cera pura, e invoquei as palavras secretas da bênção. No chão diante do altar, desenhei um círculo em volta de mim para a proteção e força. Então eu falei o encantamento, a queima do óleo e ervas, como se descrevia no livro. Quando eu fiz, eu esvaziei minha mente e concentrar-me até parecer ver as estrelas de fogo e luz em torno de mim. Quando a mistura esfriou, eu fui para o jardim da cozinha, certificando-me de que ninguém me viu. Então eu envolvi um único fio de cabelo em torno dos ramos. Quando eu coloquei minha mão sobre a árvore, eu senti a força de vida dentro dela, respondendo ao meu chamado. Hoje os cancrios da haste e da praga estão desaparecendo das folhas. E eu sei que posso fazer mais, muito mais.

Como alguns foram dados o dom de cantar ou dançar ou pintar de uma forma que jamais poderia se esperar imitar, de modo que também me foi dado um dom milagroso: conhecer e servir o Fogo Secreto e o grande Criador. Oh, as minhas palavras parecem selvagens, mas eu sei que tenho visto e feito! Posso incendiar o tabaco e velas com um piscar de olhos, e acender o fogo da minha lareira com o pulso do meu braço e com força do meu pensamento. Eu posso ver através da escuridão a luz, onde uma menina com cabelos brilhantes e roupas estranhas caminha ao redor do lago, sozinha e solitária. Quero



experimentar tudo isso e mais, e para compreender todos os mistérios profundos contidos no livro. Mas há problemas a respeito de S. E eu. Eu sinto que estamos caminhando em direções diferentes, e isso me faz temer por esta grande aventura. Sim, estou preocupada, mas é difícil explicar exatamente o porquê. Tudo começou no dia seguinte a nossa primeira tentativa de converter o círculo na caverna nos mouros. Ele me chamou na Abadia, depois do café da manhã, como de costume, mas estava taciturno comigo, mesmo com raiva.

- Por que os espíritos dão respostas a você e não a mim? Ele perguntou de novo e de novo, como se fizesse com a intenção de irritar.

- Eu não sei, talvez você devesse tentar novamente.

- Sim, vamos voltar agora, imediatamente. E correu para fora da casa, nos dirigíamos imprudente através das montanhas. Uma vez na caverna, ele mais uma vez repetiu o ritual com uma intensidade feroz, seguindo as instruções cuidadosamente, sem omitir nada do estranho ritual. Com toda sua força e paixão, chamou os poderes e solicitou ao fogo imortal. Mas, novamente, o fogo saltou para a vida em minhas mãos, não nas dele. Ele não se resignou, entretanto, chamou cada palavra do encantamento que ele pode recolher, até que seus olhos queimassem de desespero. Eu não podia suportar ver-lo tão abandonado e triste, e eu secretamente desejava que lhe fosse concedido o seu desejo.

Enquanto as chamas brancas tremulavam em minhas mãos como crianças rindo, me pareceu que havia como se dar uma escolha. Eu não sabia que podia permitir incluir S. nos Mistérios ou não. E eu hesitei. Toda minha vida eu estive a sua sombra: mais jovem, ignorante, uma menina simples. Por um breve momento eu estava tentada a manter este novo poder para mim mesma. Eu não podia fazê-lo.



- Quero que aconteça, respirei. - Que seja como ele deseja...

Houve um ruído terrível na caverna, como um terremoto, eu pensei que as paredes caíam em cima de nós. Havia colunas de fumaça escura e línguas de fogo verde e rosa a seus pés e a ferida ao redor de seu corpo até que ele estava vestido de escuridão. Tentei ir até ele, mas eu estava deitada no chão de pedra. Uma luz prata explodiu em minha mente. Em seguida, uma longa fila de rostos de mulheres começou a passar diante dos meus olhos, todos o chamavam pelo nome, chorando, balbuciando e gritando, até que o último foi à garota estranha, cujo rosto começou a assombrar-me nos meus sonhos. Ela parecia tão triste. Um trovão soou forte e eu fechei os olhos e tapei os ouvidos de terror. Mais tarde, eu não sei exatamente quanto tempo depois que eu abri os olhos e vi S. sobre mim. Ele se abaixou e me ajudou. Um abismo profundo tinha aparecido no chão da caverna onde tinha estado o nosso Círculo.

- Já aconteceu, disse simplesmente. - Eu nasci de novo.

Isso é o que eu queria, depois de tudo. Mas não posso deixar de me perguntar se eu fiz a escolha certa. Esse pensamento tem me perseguido durante dias, como o grito das gaivotas no mar.

Doze

Eu estava suspirando pelo mar. Na realidade doía, uma dor física que se apoderou do meu peito. Não conseguia esquecer o que o médico me falou sobre ir nadar. Meu corpo ferido pelo agulhão da água e pela inclinação e



balanço das ondas grandes. Eu comecei a sentir que se não pudesse nadar entraria em colapso.

- Evie Johnson, você está trabalhando, ou está sonhando acordada? perguntou senhorita Scratton . As palavras na página que se supunha que eu estava lendo dançavam diante dos meus olhos como uma língua estrangeira. Parecia que um pouco de mim estava morrendo. E então, de repente, eu sabia o que fazer.

- Nadar no lago. Isso é tudo, pensei. - Eu fugiria durante a noite, e ninguém nunca vai saber. Então, a vibração de entusiasmo que cresceu em mim de repente, foi detectada. Laura. E sobre os pesadelos que tivera sobre ela? Não seria cem vezes pior se eu nadasse nas águas onde ela havia se afogado? Meu coração afundou-se novamente. Era impossível, uma estupidez, era uma má idéia. Esqueça isso.

Eu tentei. Eu realmente tentei. Mas uma noite eu não conseguia dormir. Celeste se queixou que estava com frio e acendi o aquecedor até que o quarto estivesse sufocante. Eu estava cansada, mas inquieta, deitada e desperta pelo que pareceram horas enquanto os outros dormiam, sentir-me ansiosa, com calor e sufocada. Eventualmente eu removi os lençóis e levantar-me para abrir a janela, mas o ferrolho estava fechado. Podia ver o lago, pálido e prata ao luar. Parecia tão fresco, limpo e atraente. Eu não pude resistir. Tinha que sentir o ar em minha pele tinha que sair. Tinha que estar perto do lago. Não nadaria lá, mas se eu pudesse olhar e sentir o vento fresco da noite através da água... Sabia ou adivinhava o que aconteceria se eu saísse àquela noite? E se soubesse, teria ido? Tudo o que sei é que eu me convenci que o que eu estava fazendo era perfeitamente racional e silêncio samente sai do quarto. Eu decidi usar a velha escada de serviço que Helen tinha me ensinado.



Havia menos chance de ser vista por esse caminho. Empurrando a cortina de veludo, afastei os parafusos e abri a porta. Procurei a lanterna de Helen, a acendi, meu coração batia. A pouca luz foi reconfortante, mas odiava a escuridão ao meu redor e as fendas escuras daquelas escadas estreitas. Basta seguir isso, eu disse a mim mesma. Tudo que eu tinha que fazer era ir para baixo tranqüilamente por elas e seria livre. Um passo de cada vez, um passo de cada vez... Cheguei ao fundo e eu percebi que estava prendendo a respiração durante o caminho para baixo. A porta para o salão principal estava à frente e atrás de mim estava ala desolada dos funcionários. Dei um passo à frente e pressionei o ouvido na porta. Havia vozes no corredor do lado de fora. Captei algumas palavras:

-...Outra tentativa... em breve. Parecia Senhora Hartle. Sua voz era muito baixa, para ser ouvida. Outra voz,

- Senhorita Scratton?

Protestaram:

- Não, ainda não. Temos de esperar. Então a Sra. Hartle cortou friamente:

- Eu sou a diretora, ou você? A briga dos professores de madrugada. Seria impossível ir por esse caminho. Eu teria que me infiltrar através da ala funcionários e encontrar um caminho até a porta verde que leva ao pátio do estábulo. Era isso ou desistir e voltar, não podia suportar a idéia de desistir. Tinha que seguir. Forcei-me a andar pelo corredor úmido, segurando a lanterna e tentando imaginar que Helen estava comigo enquanto passava na ponta dos pés pelas salas desertas e áreas de armazenamento pelas fileiras da velha igreja e através da porta da cozinha fantasmagórica, uma e outra vez até chegar à porta verde coberta de teias de aranha. Retire os parafusos e correntes, e depois fui para fora no frio da noite. A lua estava enorme, baixa e amarela no céu de



outono. Um cavalo galopava sem descanso nas proximidades. Havia feito. Tomei algumas respirações profundas de ar e sorri. Havia valido a pena. Estava livre.

Coloquei a lanterna atrás da porta verde e fugi agilmente para fora do estábulo para o terraço na parte traseira da casa. Certificando-me estar segura e que ninguém estava olhando pelas janelas altas, vibrando em todo o gramado e sob as sombras das árvores. As ruínas escuras do outro lado da água pareciam estar mais altas do que de dia, e por um momento pensei que poderia ver algo flutuando entre os arcos quebrados. Uma coruja piou. Volte, Volte... Parecia gritar. Eu ignorei as suas advertências e fui para o lago tranquilo. Debrucei-me sobre a água, sentindo-se extremamente feliz. Era eu mesma novamente, não um zumbi com um uniforme de Wyldcliffe. Meu cabelo caiu sobre meus ombros enquanto abaixava as minhas mãos nas águas rasas, a brisa agitou a minha roupa. Fechei os olhos em êxtase, imaginando que estava sentada na praia em casa, com o vento soprando, as ondas competindo e a água me chamando. Então, ouvi passos e sabia que havia alguém atrás de mim, me olhando, esperando por mim. Esquecer de respirar, e eu amaldiçoei por ser tão estúpida. Que perigos podem estar à espera? Abri os olhos e vi meu reflexo na água escura vacilante, e atrás dele uma figura familiar em um longo casaco preto.

- Eu lhe disse que nos encontraríamos novamente.

Virei-me. Ele estava ali de pé sob o luar, o menino com olhos inquietantes.

- Você me assustou!



- E você me enfeitiçou. Sorriu. - Você parecia uma ninfa das águas dizendo suas orações. O que você estava sonhando?

Ruborizei-me e tentei soar brusca. - Não é assunto seu.

- Eu quero que seja assunto meu. Eu sei tudo de você.

- O que faz você pensar que eu tenho algo a ver com você? Respondi bruscamente. Tinha a secreta esperança de vê-lo novamente, mas agora queria ir e me esconder, como se já soubesse muito sobre mim. -Eu tenho que ir, e você também deveria o fazer. Você vai estar em problemas terríveis se Sra. Hartle te encontrar aqui.

- Você também. respondeu. - Qual é a punição para as meninas que perambulam pelo lago à noite?

- Eu não sei, e eu não gostaria de descobrir. Eu comecei a andar.

- Não vá ainda. disse. Sua voz era suave e suplicante, e eu hesitei. - Eu não estou acostumado a pedir coisas. Mas eu estou fazendo agora. Por favor, fique. Eu só quero conversar com você. Ele veio por trás de mim e colocou seu casaco grosso em meus ombros. O calor do seu corpo ainda se agarrava ao material pesado. A estranha sensação que havia o conhecido antes, muito tempo atrás, me invadiu. Por um instante louco eu queria afundar em seus braços e me perder completamente nele. Mas me separei e virei para ele, tentando ignorar a beleza estranha e cativante.

- O que aconteceu naquela noite que eu cortei a mão? demandei. - Quem é você e por que você está aqui?

- Para ver você, respondeu ele. - Eu estive esperando por você, menina do mar. Eu acho que esperei você por toda minha vida.

- Como. Como você sabe que eu vim do mar?

- Eu vi seu rosto, isso é tudo. Seus olhos se mantinham nos meus, como um mágico.



- O que você quer dizer?
- Você já viu alguma coisa que outros não podem?
- Claro que não, eu comecei, mas depois parei lembrando da minha "visão" da velha sala de aula, a menina de branco. - Não sei, eu disse, confuso.
- Talvez nos meus sonhos.
 - O sonho de uma pessoa é a realidade do outro.
 - Mas cortei-me. Você tocou no vidro, e depois foi reparado. Este não era um sonho.

De repente, ele se aproximou da costa do lago. - Não foi nada.

- Mas...
 - Honestamente, não era nada. Basta lançar um velho truque, uma piada, isso é tudo. Eu queria te impressionar. Agradá-la.
 - Por quê?
 - Comportei-me como um idiota arrogante quando nos conhecemos. Então você estava triste com essa fotografia e eu queria fazer algo para você. Sua voz abaixou. - Eu sei como é perder alguém que se importa e não ter nada, exceto uma foto. Começou a tossir, um som rouco que parecia assombrar seu corpo inteiro.
 - Você está doente? perguntei, aproximando-me dele.
 - Não... Não... eu estou ficando melhor. O ataque de tosse diminuiu.
 - Eu não estou doente. Só estou cansado. Estou cansado de estar sozinho, Evie.
 - Eu também. Disse sem entender. O silêncio pendurou entre nós e os nossos olhos se encontraram. Eu senti como se ele pudesse ver dentro de mim, como se pudéssemos ver cada um para sempre e não me cansarmos disso ... Abaixei meus olhos e me afastei.
 - Como você sabe meu nome?



- Foi fácil. Eu tenho andado em torno da escola desde que nos conhecemos, na esperança de vê-la, tentando encontrar você. De repente, ele pegou minha mão e me puxou para ele. Mil agulhas subiram e desceram por minhas costas enquanto ele implorava: - Deixe-me conhecê-la. Desculpe-me se te assustei, nunca quis fazê-lo. Por favor, prometa que vamos nos encontrar novamente.

A voz na minha cabeça, um milhão de milhas de distância, estava dizendo:

- Não seja boba, Evie, você não sabe nada sobre ele. Pode ser louco. Seja sensata...

Evie não queria ser sensata por mais tempo. Ser sensata, sem criar problemas, colocando uma cara brava - Onde você estava? Presa a este triste deserto, a milhas de tudo e de todos que me importam. Mas este rapaz queria me conhecer. Ninguém em Wyldcliffe o fez. Olhei para ele, tentando ver dentro de sua mente.

- Qual é seu nome?

Ele hesitou, como se estivesse procurando algo ao longe.

- Meu nome é Sebastian. Segurou as mãos ainda mais forte.

Delicadamente, voltou a minha mão e apertou seus lábios na cicatriz quase invisível.

- Amanhã à noite, então.



Nenhuma resposta. O casaco caiu de meus ombros e fugiu, sem saber como voltar para a minha cama novamente, só sabendo que meu coração cantava a cada passo.

O dia seguinte voou. Tudo na escola era tão chato como antes, mas agora eu tinha um segredo, como um sonho agradável. Agora havia uma voz na minha cabeça me fazendo companhia, a voz de um menino de bochechas salientes, com olhos azuis zombeteiros. Ele parecia estar comigo onde quer que fosse este dia, conversando, tirando sarro de mim, me orientando. Quando as dúvidas sobre o caminho de volta para a classe da biblioteca, eu o ouvi dizer: - É para a esquerda. Pela primeira vez desde que cheguei a Wyldcliffe eu não estava sozinha. Isso não podia durar. Quando fui para a cama naquela noite, incapaz de ver novamente Sebastian outra vez dentro de mim. Havia saído em uma hora imprudente do recinto escolar, mas não era seguro fazê-lo novamente.

- Mas você disse que ia vê-lo novamente esta noite. Você prometeu. Só mais uma vez. argumentei comigo mesmo.

- É muito arriscado, meu eu racional foi respondida. - Você pode ser pego, você poderia ser expulso.

- Não! Serei cuidadosa.

- Talvez ele não esteja lá.

Eu sabia que estaria. Tudo que eu tinha que fazer era deslizar por baixo da escada e podia vê-lo novamente.

- Não faça isso, Evie. Seja sensata.



Meu lado sensato ganhou a discussão, é claro. Eu não era o tipo de garota que quebra as regras por um cara bonito. Bati meu travesseiro para dar-lhe forma, fechei meus olhos e deixei-me levar a um sonho agitado.

No meu sonho, senhorita Scratton estava furiosa com raiva de mim por algo que eu tinha feito, mas não tenho certeza do que era. Ela estava caminhando para cima e para baixo na sala de aula enquanto eu esperava miseravelmente para a minha punição. De repente, o som do trovão ressoava por toda parte, e as paredes começaram a tremer. Então eu sabia que não era um trovão, mas cavalos a galope. As paredes brancas rachando e entrando em colapso, e vi um exército de cavaleiros cruzando a grama de fora como sombras escuras. Um deles se virou e era Sebastian. Saltei atrás dele em seu cavalo preto e fomos embora, deixando senhorita Scratton para trás.

Ela gritou: - Seu colar, Evie! Dá-me o seu colar! Mas, eu ri dela e agarrei o corpo tenso de Sebastian enquanto galopávamos livremente sobre os muros paramos iluminados pelo luar. Descansei minha cabeça em seu ombro, seu cabelo saiu e se misturou com o vento. Então o sonho mudou. Estávamos sozinhos, sob as estrelas, e respirava o meu nome enquanto se inclinava para me beijar. Acordei e não reconheci onde estava. Lentamente, lembrei-me e sabia o que eu tinha que fazer. Tirando o fino cobertor em um lado, eu coloquei meus sapatos com cuidado. Depois fui para as escadas estreitas que me levariam a liberdade.

Treze



Diário de Lady Agnes, 19 de outubro de 1882

Eu sou como um passara que fora libertado. O caminho místico é lindo, como alguma coisa de uma historia à muito esquecida de estrelas, fogo e gelo. Ambos estávamos fazendo novas descobertas todos os dias, e mesmo que por alguma razão S ainda não conseguiu alcançar o Fogo sagrado, ele me surpreendeu com o que tão rapidamente tem dominado. Ontem ele me surpreendeu ao tomar meu pequeno espelho e quebrá-lo em pedaços, então me devolvendo como novo, aparentemente por controlar todos os átomos com sua mente.

Eu não teria acreditado nisso se não tivesse visto com meus próprios olhos, mas agora minha idéia do possível se transformou. Não consigo explicar essa estranha mágica. É o suficiente para eu ser capaz de ver isso e fazer isso. Passo horas estudando as paginas do livro, e S esta traduzindo as passagens que estão em Latim e Grego que escondem muitos mistérios. Mas, um capítulo pude ler facilmente sozinha? “Para trazer luz á lugares escuros.” Não pude resistir a isso e tive que testes minhas habilidades.

Na noite passada quando Mamãe acreditava que eu estava na cama, tranquei a porta do meu quarto e preparei meu altar mais uma vez. Então desenhei o circulo e fiz os símbolos, sussurrando as palavras secretas do livro. Todas de uma vez as velas se apagaram, e eu estava cercada por uma escuridão tão negra e especa que quase podia senti-la em minha garganta. Comecei a temer ter feito algo errado, por que isso não era o que eu esperava de maneira nenhuma, mas eu era perseverante, entoando os encantamentos e focando minha mente. Escutei o vento soprar através dos muros e o som distante do mar, e finalmente uma luz brilhou através da escuridão. Isso teria sido incrível o suficiente, mas houve mais que isso.



A luz parecia totalmente ao meu comando. Tomava qualquer forma que minha imaginação lhe desse, a principio uma estrela, mas então se tornou um pássaro brilhante com asas azuis luminescentes, então uma flor com vividas pétalas, e então uma pálida lua prata. Ri e peguei a luz em minha mão, então a soltei como uma nuvem de borboletas amarelo brilhante. Com certeza não poderia haver mal em algo tão bonito?

Quatorze

Sebastian era bonito, justamente como eu lembrava.

- Você sempre morou em Wyldcliffe? eu perguntei enquanto sentávamos perto do lago, com as altas e escuras ruínas às nossas costas.

- Toda minha vida. Dezenove anos. Uma sombra passou através do rosto dele. - Mas você não faz idéia de como esses anos realmente parecem longos.

- Onde você mora? Em um daqueles chalés na vila?

- Minha família possui uma velha casa no outro lado do vale. Ele falou evasivamente. Achei que ele não se dava muito bem com os pais e não queria falar sobre eles. Ele se levantou e passou a caminhar inquieto. - Conheço cada centímetro desse vale, cada colina, e cada caminho para o topo dos mouros. Oh Evie, eu anseio em ver algo novo!

- Mas você falou que esteve viajando através da Índia e Marrocos. Eu falei. - Você viu muitos lugares!

- Não o suficiente.



- Mas vai fazer coisas novas quando for para a faculdade. Ele havia me dito que iria estudar filosofia no ano seguinte.

- Oxford! Um bando de garotos de colégio ansiosos para se exibirem sobre quem pode fazer o comentário mais esperto e beber a maior quantidade de cerveja. Não é isso o que quero. Ele voltou a se abaixar, então fez um esforço para falar mais calmamente. - A única coisa que eu realmente quero é estudar o coração das coisas, para saber os segredos da imortalidade.

- Então você não quer muita coisa. Eu o provoquei. - Saber a verdade, o significado da vida... você não está sendo um pouco ambicioso?

Ele olhou para as águas profundas. - Eu não vou para Oxford.

- Mas, os teus pais não irão ficar desapontados se você desistir?

- Não. Ele respondeu. - Talvez. Eu não sei. Não vamos falar sobre isso. ele me deu um sorriso encantador. - Eu quero falar sobre você. Quero escutar tudo sobre a sua vida: o que você faz, o que você pensa, o que você come no café da manhã, como você era quando tinha cinco anos de idade.

Eu ri. - Cheia e mandona, com loucas mechas vermelhas.

-Irresistível.

- Sim, muito.

Era bom vê-lo sorrir. - Oh, Evie. Ele falou. - Você fez com que eu me sentisse bem novamente. Eu estava certa de que ele não estava tão pálido e cansado como antes. Ele olhou para mim sonhadoramente, como se tentando memorizar meu rosto. - Não posso acreditar que você realmente está aqui, falando comigo. Você é tão... diferente...



- Do que?

- Diferente de todas as outras garotas que conheci. Ele sorriu. Então a luz se esvaneceu do olhar dele. – Não sou muito bom com relacionamentos.

Eu não queria admitir que eu nem ao menos tivera um relacionamento. Eu não sabia nada sobre garotos ou encontros. Havia garotos na escola na praia, é claro, ruidosos e mal vestidos, somente falando de surf, escutando musica alta e falando de motocicletas. Eles nunca havia me interessado. Mas Sebastian não era como eles. Sua maneira idiossincrática de vestir, seu olhar intenso, sua maneira precisa de falar. Tudo sobre ele me fascinava.

- O que você quer dizer em ‘não ser muito bom com relacionamentos’? Eu perguntei. - Por que não?

- Eu estrago as coisas. Ele franziu a testa. - Se alguma coisa estiver menos que perfeita, eu destruo.

- Foi isso o que aconteceu. Quero dizer, você falou que havia perdido alguém... eu procurei pelas palavras certas. - Alguém com quem você se importava, você falou. As coisas deram errado por causa disso?

- Você poderia dizer que sim.

Obriguei-me a fazer a pergunta. - Então quem era ela?

- Vamos esquecer isso. esta tudo acabado. Ele levantou e caminhou para a beirada do lago, ele virou e olhou para mim, seus olhos tão azuis e brilhosos como um dia de verão. - Eu só quero pensar em estar aqui com você. Vamos, quero lhe mostrar uma coisa.



Não pude evitar imaginar sobre a garota que ele não queria falar, enquanto ele me levava para longe do lago. Imaginei se ela havia estado de coração partido quando eles se separaram. E onde ela estaria agora? Tentei deixar isso de lado. Não era importante. Nada importava além desse momento.

Caminhamos sob os arcos da capela em ruínas. No lado mais distante da capela, além de um gramado liso, havia um bosque repleto de arbustos. Uma pequena placa havia sido colocada ali, que dizia: Não ultrapassar.

- Outra regra para você quebrar. Sebastian sorriu. - Você está disposta?

Tive um breve momento de consciência sobre o que meu pai diria se pudesse me ver. Eu quase conseguia escutar a voz senhora Hartle, perambulando pelo campo à noite com um garoto local Evie? Isso dificilmente é algo que esperamos de nossas garotas em Wyldcliffe. Mas a última pessoa que eu queria escutar era a senhora Hartle.

- Claro. Eu sorri em resposta.

Caminhamos em meio aos arbustos, arrancando galhos e nos arranhando nas roseiras. Eu estava apenas pensando que fora assim que o príncipe chegou para acordar a bela adormecida, quando vi uma massa de rocha que se inclinava sobre mim na escuridão. A fenda aberta na rocha negra parecia como a boca de uma tumba.

- Nós não vamos entrar aí, vamos?



Sebastian notou o olhar ansioso em meu rosto. - Não há nada com o que se preocupar Evie. Estarei com você. Ele pegou minha mão e de repente o mundo todo pareceu seguro. Eu nunca havia me sentindo tão bem, tão maravilhosamente viva.

Entramos na caverna escura. Escutei o som de água corrente; então Sebastian largou minha mão e se ocupou acendendo um fósforo. Um raio de luz cintilou sobre as paredes úmidas e brilhantes.

- Olhe!

Levantei meus olhos maravilhada. As paredes da caverna não eram vazias e ásperas como eu esperava. Eles eram revestidos com conchas, cristais e pedras coloridas dispostas em um intrincado padrão de formas.

O fósforo se apagou e por um momento ficamos na total escuridão. Sebastian acendeu outro fósforo e em seguida entrou em uma alcova no lado da caverna, encontrou um pedaço de vela e a acendeu. A luz amarela e vacilante caiu sobre os fantásticos mosaicos de flores, frutas e faunos com aparências de maus, tudo brilhando nas paredes escuras. Na parte mais afastada da caverna, uma pequena fonte borbulhava ao redor de uma estatua de Pan, ou algum outro Deus antigo.

- Amo esse lugar. Sebastian falou. – E você?

Ele parecia encantado, como um garotinho que corre pela praia clamando todo o oceano para si. Eu não queria admitir, mas a caverna me assustava, como se as conchas brilhantes formassem centenas de olhos furtivos.



- É... hum... interessante. Mas que diabos é isso?

- É a caverna do Lorde Charles. As pedras e conchas foram todas enviadas da Itália para ele. Essa foi sua pequena indulgência quando construiu a casa sobre as ruínas do antigo convento. Era a última moda naqueles dias, um refúgio caro, e agora nenhuma das jovens senhoritas na escola provavelmente sabem que existe.

- Então para que era usado?

- Havia piqueniques e festas com músicas. E havia outras reuniões aqui, mais obscuras e sérias.

Os olhos dele brilhavam à luz da vela. Eu não conseguia dizer se ele estava triste ou bravo, mas ele parecia perdido em algum lugar distante.

- Como você sabe sobre os velhos tempos em Wyldcliffe? Eu perguntei.

- Sarah me falou que o Lorde Charles e sua família morou aqui mais de cem anos atrás.

- Algumas vezes sinto como se tudo ainda estivesse acontecendo. Você não consegue ver o Lorde Charles e sua tola e esnobe esposa sentados bem aqui e agora, admirando sua cara loucura? E você não pode ver ela... a Agnes? Você pode escutá-la?

Ele me lembrou de Helen. Você não consegue escutar as vozes delas? Por que todos em Wyldcliffe são tão obcecados com o passado? Parece mais real para eles do que o presente.

- Mas eu quero viver o agora. Escutei a mim mesma falando.



Sebastian sorriu tristemente, e o nó sob minhas costelas apertou novamente. Ele parecia preso em sua tristeza pessoal. Eu queria desesperadamente ser capaz de espantar as sombras que pairavam sobre ele.

- Você esta certa. Ele suspirou. - O agora é tudo o que temos. Ele olhou para mim como se estivesse saindo de um sonho. - Estou feliz por você estar aqui Evie.

- Bom. Sorri sem jeito. - Pelo menos alguém me dá valor.

- Não, eu quero dizer isso. Você me faz querer viver novamente.

Sebastian se aproximou, tocando o lado da minha bochecha tão gentilmente quanto uma pena caindo na neve. Ele me olhou, ansioso e inseguro.

- Oh Evie. Ele começou. - Se apenas...

- O que? eu respirei.

- Nada. ele hesitou. Pensei que ele fosse me beijar e meu coração criou asas. Então ele repentinamente se afastou.

- Você irá me ver novamente Evie? Por favor?

Eu queria abraçá-lo, para poder reconfortá-lo, falar para ele que eu queria vê-lo todas as noites pelo resto de minha vida. Mas é claro que não falei. Eu não era tão maluca assim.

- Claro. Por que não? vejo você no lago amanhã

Por um momento Sebastian sorriu seu mais glorioso sorriso. Amanhã a noite. Estarei lá.



Somente depois, enquanto eu deitava inquieta na cama, que lembrei que ele não havia respondido minha pergunta. Como ele sabia tantas coisas sobre os Templetons? Isso não importa, eu pensei sonolenta. Eu iria ver o Sebastian na noite seguinte. Amanhã, e na próxima noite, e na próxima... Helen suspirou e se virou na cama ao lado da minha. Fechei meus olhos e tentei me acalmar. Logo iria amanhecer. Não haveria tempo para descobrir tudo. Cai no sono, ainda sentindo o toque da mão dele na minha.

Quinze

Diário de Lady Agnes, 27 de outubro, 1882.

Preciso saber tudo. Preciso saber como realmente fazer feliz o S. sem destruir minha própria felicidade, como agradá-lo sem desagradar a mim mesma. Ele é maldoso e infeliz e isso põe tudo no escuro.

Temo que ele não tenha me perdoado por ser a primeira a tocar no mundo elemental. Todavia esse momento parece machucá-lo e ele esta buscando uma maneira de ser o líder do nosso “jogo” mais uma vez. Por exemplo, ele estava satisfeito por uma parte do livro que ele veio a mim e leu com prazer.

- Tem que prestar atenção que só as mulheres em nosso caminho são as únicas que se somadas com as forças de seu elemento escondido se converterem nas Irmãs Místicas...



- Então isso explica, Agnes. Disse com entusiasmo. - Devo alcançar os elementos por outros meios. Escute!

- Os homens também podem alcançar o conhecimento e a sabedoria seguindo os mistérios e ritos. Um homem de nossa espécie, O qual é chamado a um poder profundo e sutil, Pode construir-se em torno de um grupo de Irmãs que lhe serviram como suas mestras. Através da energia de sua aura, ele pode chegar a alcançar seus poderes elementais. Desta maneira a regra tradicional de sexo forte pode ser restaurada, mas tudo tem que ser usado para o bem comum.

- É isso que tenho que fazer Agnes; Não esta vendo?

Eu ri e disse-lhe que não serviria e que ele teria que procurar em outra parte o seu batalhão de Irmãs que obedeceriam a seus caprichos. - És demasiado mimado quando tem a atenção de todos. Eu brinquei - E além do mais eu não desejo ter um Mestre

- Mas um dia você se casará, Agnes e talvez seja rápido. Você sabe que sua mãe tem planos para te levar a Londres ano que vem e te conseguir um bom partido. Você não teria que prometer, de acordo com a sua Igreja, que obedeceria a seu marido? Ele não se converteria em seu mestre e em seu Senhor?

- Então não me casarei. Disse rápida.

- Tem certeza? Não há ninguém a quem você poderia entregar seu coração? Ele chegou mais perto de mim e tocou meu rosto suavemente, tão suavemente que foi como uma pluma caindo sobre a neve. Meu coração estava batendo como as penas de um pássaro atrapalhado, uma parte de mim desejava que ele me beijasse e a outra parte sentia medo. Me obriguei a rir.

- Eu já te disse, quero ser livre.



Mas, talvez no fundo eu não estava dizendo completamente a verdade. Havíamos ficado muito tempo juntos nessas ultimas semanas, no entanto nós já não somos mais o que costumávamos a ser. Não somos mais crianças.

Quando ele estuda o livro com seus olhos parecendo famintos e sem me reparar, eu o olhava em segredo, Tentando entender o que havia acontecido com ele desde que foi ao exterior. O ângulo de sua pálida face, a seda escura que era seu cabelo, a linha de seus ombros. Tudo isso mudou de uma maneira estranha que eu mal entendia. Senti que faria qualquer coisa por ele, não importava se era correto ou incorreto, bom ou mal. Tinha medo que eu pudesse ser arrastada pela força de sua presença e me perderia nele.

Papai havia sido tão bom em me deixar ver S. sem um acompanhante, dando a ele um privilégio como um velho amigo de família. Mas confesso que eu já não o via como um simples irmão.

Quando estamos separados, é seu rosto que eu vejo em minha mente; é sua voz que me chama no vento que atravessa os Mouros, é seu toque que eu realmente desejo.

O que diria meu querido pai se soubesse a verdade sobre o que estamos fazendo com nosso tempo? Ou se pudesse adivinhar que pensamentos giram em minha cabeça como uma tormenta?



Dezesseis

Eu respondi as cartas de papai com uma falsa alegria. Sim, estou bem; Wyldcliffe é incrível; Estou dando o meu melhor. Convenientemente, esqueci de mencionar a perambulação pelo terreno à meia-noite, já que minha consciência me dissera que papai não ficaria feliz se soubesse da verdade. Eu me iludi que os encontros com Sebastian eram apenas um pouco de diversão, não valia a pena fazer um reboliço desnecessário.

Mesmo que eu soubesse que não receberia outra carta de papai por um longo tempo, não pude me segurar de aguardar pelo correio toda a manhã, esperando de alguma forma que o mundo lá fora não tivesse esquecido completamente de mim. Recebi um cartão postal de uma garota que estudara comigo em minha antiga escola, mas isso foi tudo. Nada de Frankie, é claro.

Porém, em uma manhã, quando a bruma outonal sobrevoava o lago, lá estava uma carta. A caligrafia no envelope era fina e curvada e eu soube rapidamente que era de Sebastian. Não poderia ser de outra pessoa. Havíamos nos encontrado quase que em todas as noites, conversado sem parar sobre... Oh, tudo — natureza e história e filosofia e lugares que gostaríamos de ver e livros que havíamos lido. Mas notei que ele nunca falava sobre sua família.

Livros, estrelas, viagens, sonetos... Uma noite, Sebastian havia prometido entre risadas que iria escrever um poema para mim. Talvez esse fosse o conteúdo da carta. Meu coração pareceu quase explodir dentro de meu peito enquanto alcancei o envelope. Mas alguém pôs a mão primeiro. Era Helen.



- Ei, essa é minha carta!

- Você gosta de poesia, Evie? Ela perguntou com aquela expressão enervante.

- Eu... O quê? Com toda certeza ela não poderia saber sobre Sebastian, poderia?

- Dizem que palavras podem ser perigosas. Tomaria cuidado se eu fosse você.

Então, ela saiu andando e Celeste apareceu a minha frente.

- Evie Johnson recebeu uma carta? Quem no mundo iria querer escrever para você, Johnson?" Ela apanhou o envelope de minhas mãos. Tentei pegar de volta, mas ela rapidamente passou para Sophie, que jogou para Índia e logo uma multidão inteira de garotas rindo estava atirando umas para as outras, retrocedendo e esquivando de meu alcance.

- O que é todo esse barulho?

Com o som da voz de Srta. Scratton, elas pararam e estenderam-se em um círculo a meu redor. Eu estava com o rosto vermelho e furioso.

- Elas estão tentando pegar minha carta! Eu soei como uma garotinha mal-humorada de dez anos.

- Foi bem engraçado, Senhorita Scratton. Celeste sorriu, passando o envelope para ela. - Senhora Hartle sempre diz que é importante estar em um bom esporte.

Srta. Scratton acenou para que eu me aproximasse. Ela encarou a caligrafia preta do envelope.



- De quem é essa carta, Evie? perguntou.
- E-eu não sei. Um amigo.
- Um amigo que você não conhece? Que estranho.
- Um amigo de minha cidade, menti.
- Muito bem, Evie, aqui está. Ela pareceu relutante em me devolver a

carta.

- Tente não fazer outra cena no futuro. Você faria muito bem se não tentasse chamar atenção para si. Eu estava muito nervosa para escutar. Estavam colocando a culpa em mim por tudo isso, mesmo tendo sido culpa de Celeste. Voei e passei como um furacão pelo corredor de nossa sala de aula.

Estava vazia. Joguei-me em minha carteira e abri a carta.

Minha querida Evie,

Foi muito bom vê-la noite passada. Bom, você pediu por um poema e aqui está. Leia e perdoe-me por não conseguir me expressar tão bem.

Sebastian.

No outro lado estavam alguns versos. Comecei a lê-los avidamente.

Minha dama Eve,

Cujo coração é amável,

Que acalma e cura

Esta mente inquieta...

- Ei, Evie, você está bem? Eu pulei em meu lugar e olhei para cima. Era Sarah. Pela primeira vez eu não estava feliz em vê-la. Rapidamente escondi a carta. - Ouvi que Celeste estava sendo um tormento.



- Não foi nada.

Sarah olhou para mim de modo indagador, da mesma forma que Srta. Scratton havia feito.

- Evie... Ela hesitou assim que sentou ao meu lado. - Eu sei que pode parecer um pouco estranho, mas acho que há alguma coisa acontecendo com você. Está em algum tipo de problema?

- Estou perfeitamente bem. Só quero ficar sozinha por cinco minutos sem ter todo mundo se metendo em minha vida ou me encarando como se eu fosse algum tipo de monstruosidade.

- Ainda assim, você não está sozinha, não é? Posso ver.

- Você não pode ver nada sobre mim! Nenhum de vocês! Minha frustração com Wyldcliffe queimou fora de controle. - Sua vida é ótima com seus cavalos e sua família e seu dinheiro e todo esse seu jeito de 'Não sou como eles'. Bem, você também não é como eu também! Você não sabe realmente nada sobre mim e minha vida, então apenas me deixe sozinha!

Logo depois que deixei as palavras saírem, lamentei por elas. Sarah pareceu ferida e pegou seus livros para se sentar em outra carteira. O resto da aula começou a passar. Lancei um olhar suplicante para Sarah, tentando mostrar o quanto eu estava arrependida, mas ela deliberadamente virou-se para outro lado e começou a conversar com uma garota chamada Rosie. Tudo que eu fazia em Wyldcliffe parecia dar errado.

Sarah não se deu ao trabalho de vir até mim depois disso. Senti-me ruim, mas estava começando a ficar boa em esconder meus sentimentos. Eu a ignorei e ela me ignorou. Disse a mim mesma que já estava cansada de tentar



fazer amigos em Wyldcliffe. Por isso, passei pelo resto dos dias como um zumbi. Exercícios de ginástica, coro, notas — nada disso importava. Minha vida era de noite, com aqueles preciosos momentos junto de Sebastian.

Eu não mais sonhava com Laura. Não tive nenhum outro ataque de desmaio ou estranhas "visões" da garota de cabelo vermelho. Pareceu-me já que agora tinha alguém real em minha vida, eu não precisava mais de fantasias.

- Espere por mim!

Nós corremos pelo gramado molhado sobre a lua. Sebastian correu sem esforço a minha frente e chegou a uma parede coberta por hera que cercava ao redor dos terrenos de Abbey.

- Você roubou! arquejei assim que cheguei até ele.

- Como isso foi roubar? Ele riu.

- Suas pernas são maiores que as minhas.

- Você não pode me culpar por isso!

- De qualquer forma, porque estamos aqui? Perguntei, tentando trazer de volta minha respiração.

- Vamos fugir. Precisamos escalar a parede.

Ele agarrou-se a trepadeira e colocou a si mesmo no topo da parede. Então, ele me ajudou a fazer o mesmo.

- Não sei se é uma boa idéia isso, eu disse em um ataque súbito de consciência. Já era ruim o bastante se alguém me pegasse fora de noite, mas se me descobrissem deixando a propriedade...



- Por favor, Evie. Ele de repente estava sério. - Preciso conversar com você sobre algo importante, mas temos que dar o fora daqui antes. Prometo que não irá se meter em confusão. Irei cuidar de você.

Ele assoviou baixinho e sua égua negra apareceu como uma sombra muito abaixo da pista. Alguns minutos depois, eu já estava montada nas costas do cavalo sem sela.

- Você vai ter de segurar firme em mim.

Entrelacei meus braços ao redor da cintura de Sebastian, agudamente consciente de seu corpo flexível tão próximo do meu. O cavalo começou a andar delicadamente pela pista. Fechei meus olhos e respirei a presença de Sebastian, tentando me convencer de que aquilo estava mesmo acontecendo. Tudo parecia um sonho: o grande cavalo negro, as estrelas, o arrepio que correu por mim quando um pouco do cabelo preto de Sebastian passou por meu rosto. Vou sempre me lembrar disso, pensei. Não importa o que aconteça comigo, nunca irei esquecer-me desse momento.

Começamos a subir pela charneca alagadiça.

- Onde estamos indo?

- Para as velhas torres de observação. Dizem que foi parte de um forte nos tempos saxônicos. -É ainda mais velho que as ruínas de Abbey.

Nós cavalgamos mais, passando por algumas casas de fazenda solitárias na escuridão. Tudo era vazio e calmo. Era como se fôssemos as duas únicas pessoas na Terra, andarilhos imortais em uma terra silenciosa. Finalmente, Sebastian parou acima do topo de um monte circundado por pedras.



- Aqui estamos.

Eu estava desapontada. Estive esperando por torres altas com paredes e aberturas para flechas, como um castelo de um conto de fadas, não apenas uma colina sem nada a não ser pedras tombadas.

- Mas não há nada aqui, eu disse enquanto Sebastian me ajudava a desmontar.

- O forte deveria ter sido construído em madeira, então desapareceu há muito tempo. Mas antes disso provavelmente fora um templo ou um lugar santo. Ele se jogou na urze e olhou para o vale adormecido. - Em tempos antigos, as pessoas adoravam o sol e a lua e os elementos. Um topo de colina como esse devia fazer com que eles se sentissem mais perto dos deuses. Aqui era um lugar de poder.

- Eu nunca tinha pensando nesse tipo de coisa antes, falei. - É como se você não pudesse se livrar do passado em Wyldcliffe.

- Você não pode se livrar do passado, não importa aonde vá, ele disse amargamente.

- Sebastian, o que há de errado?

- Nada. Ele bateu no chão de modo convidativo. - Venha aqui.

Sentei-me. Vagarosamente, interrogativo, ele pôs seu braço a meu redor e me trouxe para mais perto dele. A melhor sensação de calor e paz se assentou sobre mim. Repousei minha cabeça em seu ombro, meu coração dançando como em uma criatura recém-nascida.

- Ah, Evie, ele respirou. - Minha dama Eve. Agora, nesse momento, estou feliz.



- Eu também, sussurrei.

Ele me abraçou apertado e murmurou.

- Quero me lembrar disso: você e eu, bem longe de Abbey e seu passado. Apenas um momento a se lembrar... não importa o que acontecerá.

Não sei por quanto tempo ficamos sentados em silêncio. Não havia necessidade de palavras. Eu estava com Sebastian e era o suficiente estarmos apenas juntos, olhando para as estrelas como as pessoas de milhares de anos atrás. Enquanto estávamos sentados naquele lugar, um vento forte passou por nós e as nuvens mudaram e eventualmente começou a chover.

- Eu poderia ter ficado dessa forma para sempre. Suspirei.

Para minha surpresa, a expressão de Sebastian se enegreceu. - Você já pensou em estar presa a um lugar para sempre? Iria ser como estar preso para sempre. Ele se levantou e andou para longe de mim e começou a falar em uma voz baixar, afetado e artificial, como se tivesse ensaiado o que dizer. -Eu disse que eu precisava falar com você, Evie. Você tem sido uma ótima amiga. Nunca irei esquecer. Mas depois desta noite — depois desta noite não sei se devemos continuar nos vendo. É muito arriscado para você.

O chão abaixo de mim pareceu derreter.

- Mas se eu for cuidadosa, ninguém da escola irá descobrir...

- Não é apenas a escola. Isso tudo poderia ser perigoso para você.

- Quer dizer que teve seu divertimento e agora eu posso voltar para minha pequenina vida de sonhos, explodi. - É isso?



- Não! Estou tentando pensar no que é melhor para você. Por favor, acredite nisso. Porém, há coisas que fiz no passado, coisas que fiz e que me arrependo.

- Não importa!

- Mas eu sim. Ele gemeu. - E você também, se soubesse.

- Então me conte, implorei. - Pelo menos me conte a verdade.

A face de Sebastian estava pintada de um branco doentio sobre a luz das estrelas. - Não posso.

Eu estivera tão feliz há alguns minutos. Agora, me sentia como uma pária. Sebastian havia me calado e a dor era quase física. A chuva açoitou o solo. Comecei a correr sobre o terreno alagado.

- Para onde está indo? Sebastian me chamou. - Você se perderá.

- Com que se importa?

- Evie! ele choramingou. Ele me alcançou. - Não vá desse jeito, Evie. Deixe que eu te leve de volta para a escola.

- Para que então possamos apertar nossas mãos no portão e dizer que foi tudo muito agradável? Se você realmente não quer me ver novamente, então é muito mais fácil que eu apenas vá agora.

- Eu quero vê-la de novo. É claro que quero. Só não quero estragar tudo de novo. Não com você. Quero fazer disso algo perfeito. E estou tentando pela primeira vez não ser egoísta, não apenas conseguir o que eu quero sem pensar nas conseqüências. Estou tentando fazer a coisa certa, mas dói demais!

Minha raiva derreteu como uma geada primaveril.



- Sebastian, falei gentilmente. - Não sou como você. Não espero que as coisas sejam perfeitas. E não sou obcecada pelo passado. É um novo dia, uma nova vida. Você não pode ficar andando por aí para sempre sobrecarregado por erros antigos.

- Não foi apenas um erro. Eu machuquei muito alguém. Ele falou em uma voz sem sentimento.

- É sobre a outra garota que me disse antes?

Ele acenou positivamente.

- Essas coisas acontecem. Não faça as coisas ficarem piores me machucando também.

- Não quero nunca te machucar, ele sussurrou. - Importo-me com você mais do que eu jamais conseguirei dizer.

Meu coração clareou. Ele se importava comigo. Era alguma coisa.

- Então não diga que não podemos mais nos ver, implorei. - Nada de ruim irá acontecer. Eu confio em você, Sebastian.

- Talvez não devesse. Às vezes acho que você foi mandada para mim, e às vezes acho que estou apenas dizendo coisas que quero ouvir. Não sei de mais nada. Só sei que estou tentando fazer a coisa certa para você, Evie.

- Como pode saber qual é a coisa certa? Você não me disse que não podemos ver o que acontecerá no futuro? Todos os dias é um risco. Estar vivo é um risco. Bem, estou disposta a arriscar se você estiver.

Ele hesitou, então olhou para mim gratamente. - Tem certeza? Você quer mesmo dizer isso?



- É claro que quero."

- Então ainda podemos ser amigos?

Peguei sua mão fria na minha. - Sebastian, eu vou ser sempre sua amiga.

Mas, assim que voltamos para escola no vento e na chuva, eu sabia que não estava realmente dizendo a verdade. Queria ser mais do que amiga de Sebastian. Ah, queria ser muito mais.

Dezoito

- Não será seu nível atual, Senhora Scratton franziu o cenho, devolvendo meu uniforme de William Blake. - Quero que você vá a biblioteca depois do jantar e depois ir novamente, e realmente deve deixar de bocejar. Evie! É muito descortês. Terá que ir para a cama ao mesmo tempo que as meninas mais jovens se continuar assim.

- Sinto muito, Senhorita Scratton. Eu lhe disse humildemente. A verdade é que eu realmente estava muito cansada.

A cada noite me faltavam exatamente três horas de sono por ver a Sebastian isso não me faz me sentir ansiosa por trabalho de escola; Tentando me concentrar no livro de poemas na minha frente, Eu li:

No abismo,



Do céu distante/

Queimado pelo fogo dos meus olhos.

Mas, os olhos que queimam em minha memória foram os de Sebastian. Finalmente a lição chegou ao fim. - Ponham seus livros longe garotas. Tenho algo a lhes dizer. Estaremos visitando Fairfax Hall na próxima semana como parte da nossa investigação sobre o século XIX. Algumas de vocês já estiveram lá, mas para a maioria de vocês imagino que será uma experiência nova.

Todo o mundo se olhou ansiosamente.

- Que é, Senhorita Scratton? Perguntou Celeste a olhando entusiasmada.

- Fairfax Hall é um exemplo perfeito de conservação de uma casa de campo vitoriana. Não é tão grande e imponente como Wyldcliffe, mas afortunadamente a Família Fairfax, mantém a casa praticamente intacta desde a sua construção.

O louge se transmitiu através de vários primos e de parentes distantes desde a Segunda Guerra Mundial, quando tornaram-se grandes casas, já não se pratica o mesmo.

Quando o último dos proprietários da casa morreu esta estava vazia.

Recentemente suas portas vem sendo abertas como um museu, graças aos esforços esplendidos da nossa sociedade histórica local.



- Como vamos ir para lá? Perguntou uma menina chamada Katherine Thomas.

- O museu esta a cerca de duas milhas através do deserto a leste de Wyldcliffe.

Tenho arranjado para que possamos comer lá, e um ônibus privado pegara para voltar a escola. Se o tempo estiver bom, eu proponho sair de manha cedo e caminhar pelo logue.

Um murmúrio de excitação se espalhou por toda a sala de aula. Supondo que a idéia de sair da escola e o Roaming* (*não faço a menor idéia do que significa isso*) dos mouros era o que atraia a maioria das meninas, ao invés de do lugar realmente ser um Museu.

-Vamos fazer isso meninas calma. Disse a senhorita Scratton.

Ela sorriu. - Terão que levar seus cadernos de bolso com vocês. Todo mundo devera se reunir na porta principal imediatamente depois da refeição do dia.

A campainha do almoço soou, e a classe saiu com empurrões no corredor, Falando com entusiasmo. Encontrei a Sarah ao meu lado, me olhando tímida mais decidida.

- Você pode sentar ao meu lado no ônibus se quiser. Disse em voz baixa.

Eu a olhei com a cara cheia de culpa e me perguntei como poderia haver estado enjoada dela.



- Eu realmente gostaria. Obrigada. E eu sinto muito Sarah eu nunca quis...

- Não importa

Ela sorriu e eu sabia que éramos amigas de novo.

- Já estive naquele lugar antes? – lhe perguntei.

- No passado eu já viajei para Starlight, Sarah disse.

- Não se pode ver muito, já que esta rodeado por arvores enormes.

Para ser honesta me parecia mais uma casa velha, mas com o benefício de Miss Scratton quero ir vê-la, não pode ser uma coisa ruim.

A perspectiva de passar o dia fora da escola na companhia de Sarah era como um sopro de ar fresco que voa através dos corredores e Wyldcliffe. Essa noite, quando eu estava limpando a sala de musica com Helen, lhe perguntei se estava alegre esperando nossa visita ao museu.

- Eu não iria ali nem que me pagassem. Disse ele me olhando mais desajeitada do que nunca.

- Não seja tonta. Eu ri - Não vão te prender no muro.

- Eu gostaria de me perder por ai. Exclamou apaixonadamente. - Eu gostaria de caminhar nas charnecas para sempre e nunca mais voltar”

Eu não a entendia. Estava só estranha? Ou estava mal de alguma maneira?

- Esta se sentindo bem, Helen? Você parece muito estressada. Não acha que deve dizer a Sra. Heartle.

- Não! Ele falou. - Não se atreva a dizer nada a ela!



- Sinto muito. Eu disse surpreendida.- Eu só estava tentando ajudar
- Melhor não. Ela ajeitou os papéis de musica. - Concentra-se em ajudar a si mesma. Você necessitará.

Dezenove

O Diário de Lady Agnes, 4 de novembro de 1882

Estou quase louca de preocupação. Eu gostaria de poder curar S. tão facilmente como fiz com Martha. Minha velha enfermeira incomodada por uma catarata no olho que nublava sua visão, mas agora ela chora e ri e declara que é um milagre que possa ver perfeitamente novamente. Eu só sei o que causou esta mudança foi o poder da vida. Fogo, permitindo-me o meu Circulo de cura.

Não posso me alegrar por isso, porque preocupo-me com o meu querido amigo. Porque ele está doente com alguma depressão estranha, e está tão pálido e magro como quando chegou em casa depois de suas viagens. Ele não consegue relaxar, e forçado a trabalhar mais para se aprofundar em seus estudos, sem jamais descansar.

Embora não gostava de pensar nisso, acho que S. inveja minhas conquistas, apesar do fato de que seus poderes estão aumentando dia-a-dia. Seus dedos longos e brancos podem dobrar metal, ou quebrar um vidro ou copo ou remontar seus átomos tão facilmente como os fluxos líquidos de uma



forma para outro. No entanto, esquecia o que tinha aprendido e queria mais. Ontem estava em um humor particularmente negro.

- Os truques de mágica, isso é tudo que eu sei Agnes. E os meus conhecimentos não parecem produzir qualquer coisa boa ou pelo menos útil. Eu não sou um curador.

É verdade. Ele não tem esse dom. Eu não sei o que dizer.

- Talvez eles viram mais tarde, ao estudar mais. Talvez! Já estou cansado de estudar. E talvez nunca conseguirei nada. Não tenho nenhuma ligação profunda com as competências elementares. Mas você foi tocado pelo fogo, o maior de todos eles.

Ele pensou por um momento, depois falou hesitante.

- Lembre-se que o livro diz que os homens... Os homens devem ter seguidores... Um grupo de mulheres?

Talvez seja isso que eu preciso para ir mais longe: Naquele momento parecia-me ver-lo, rodeado por um grupo de mulheres envolto em mantos escuros.

- Não! Por alguma razão, essa idéia foi desagradável para mim.

Então, a visão mudou e eu vi com uma menina, a menina que tinha visto antes e ele olhou para ela com tanta ternura, fazendo com que meu coração ficasse tenso por ele com dor... - Não, repeti com mais calma. - Este é o nosso segredo, para nós dois. Temos de mantê-lo dessa maneira.



- Dois de nós? Seus olhos brilhavam com um brilho, e ele pegou minha mão. - Agnes, eu e você podemos fazer muitas coisas juntos, se você realmente me ajudar.

- Eu vou te ajudar, protestei. - Você sabe que eu faria qualquer coisa por você.

- Então me diga o que você sabe Agnes, insisti. - Mostre-me seus segredos.

- Não tenho nenhum segredo, especialmente o seu também. Tudo o que sei veio do Livro.

- Isso não é verdade, e você sabe que não é assim. Fazer mais do que está contido em suas páginas. Como você faz? Diga-me!

- Eu não sei, realmente. Levo os rituais a cabo de acordo com as instruções, em seguida, penso, sinto, desejo. E então ...

- Então o que? Perguntou ansiosamente. Eu balancei minha cabeça.

- Como você descreve as imagens deslumbrantes em minha cabeça, o formigamento nas mãos, o aumento do poder através do meu corpo quando realizava os ritos místicos?

- Eu não posso explicar. Mas quem importa se acontece se o bem vem dela? Martha está feliz agora, e há tantos que eu possa ajudar.

Puxou a minha mão de lado. - Você tem o poder de fogo, Agnes, e ainda assim você não irá partilhar o seu segredo comigo. Eu vi o que você pode fazer, e você poderia me ensinar o seu segredo, se quisesse.

Eu balancei a cabeça em silêncio, pensando como ele queria primeiro responder aos espíritos, quando ele os chamou. Talvez ele estivesse certo: talvez pudesse ajudar ainda mais. Mas algo em seu desespero me segurou.



- Eu não posso explicar, eu disse lentamente. - É algo que chega a mim sozinha.

Eu estava errado em dizer isso? Eu estava errada em negá-lo? Como eu poderia recusar, quando a sua felicidade significava para mim mais do que a minha? Eu mal me entendo, mas sei que fiz o bem.

Agora o silêncio trovejou entre nós. Às vezes eu o pego olhando para mim fixamente, no entanto, nada a ver, como se ele estivesse perdido em pensamentos. Não posso descrever como isso dói. Eu faria qualquer coisa para ele... Qualquer coisa menos isto. Receio que já não seja de confiança.

Vinte

- Eu pensei que havia dito que confiava em mim, brincou Sebastian.

- Eu confio em você, respondi com uma risada. - Eu não estou segura sobre o barco.

Sebastian de alguma forma conseguiu consertar um barco a remo muito velho, que flutuava lentamente na beira do lago, e estava tão animada como uma criança com a idéia de ir dar uma volta no lago. Rezava para que ninguém nos visse flutuando no lago, mas foi bom vê-lo brincar, como se ele tivesse conseguido se livrar de suas preocupações por um tempo. Apesar do meu riso, me sentia tão grande. Era à noite antes da viagem da classe para Fairfax Hall, clara, sem vento e com um frio cortante. Eu tinha colocado um pesado casaco sobre o pijama, mas ainda me estremecia, como se estivesse



doente. Não tinha esquecido o meu desejo de nadar, mas esta noite o lago parecia pouco atraente, parecia carrancudo e com águas tão negras como a noite. Senti-me desconfortável. Esta noite não era uma piscina inocente, pensei. Laura tinha morrido aqui, neste lugar. Estava farta de sombras e segredos. Eu gostaria que os encontros com Sebastian, fossem como os dos outros garotos, nas cafeteiras, e no cinema e em festas. Só fazer coisas normais. Estava tão cansada de me esconder no escuro.

- Se o barco tem um vazamento poderíamos nadar no lago, isso é tudo, disse Sebastian, a desatando as cordas. Então me olhou. - Evie, você está bem? Você não tem medo. Verdade?

- Não tenho medo de nada, lhe disse, entrando no barco, tentando me livrar do meu humor estranho. Movi-me de lado a lado. Houve um leve cheiro de mofo da madeira mofada pela umidade.

- Onde você encontrou isso? Lhe perguntei.

- Oh, há todo o tipo de coisas que foram abandonadas em Wyldcliffe de pessoas que não as valorizavam. Esta pequena embarcação estava apodrecendo em um antigo galpão, coberto de arbustos de louro.

Rolando os olhos. Eu gostava da idéia de nossa expedição, ainda menos.

- Será um passeio curto. Sorriu-me de forma tão lisonjeira. - Não se preocupe. Só descanse e desfrute do passeio. Evie se cubra com o meu casaco.

Sebastian parecia tão feliz quando me passou o seu grande casaco. Ele começou a remar com habilidade através do lago. Suas bochechas avermelhadas, e as sombras escuras sob os olhos pareciam ter desaparecido. Deu-me um nó no estômago de apenas vê-lo, tão bonito, com cada remada que



estendia sua camisa de linho branco. E tinha um desejo enorme de começar a tocá-lo. Mas não sabia se queria. Eu sempre fui a Evie querida, a doce Evie, Evie é maravilhosa... Quando terminou parte da nossa viagem. Sebastian tinha sido tão gentil, atencioso e carinhoso, mas eu não havia tocado a mão, ou tentado me abraçar. E sem que nunca havia beijado, nem sequer um beijo na bochecha. Por que não? Me perguntava. Era pouco atraente para ele? E o que realmente aconteceu com a outra menina. À medida que deslizávamos para dentro do lago profundo, um pensamento horrível passou pela minha cabeça. A menina que Sebastian havia conhecido, poderia ter sido a pobre Laura. Laura é claro. Isso explicaria por que havia estado rondando a propriedade do internato na noite em que o voltei a ver. Ele deve manter-se vigiando o lugar onde Laura havia morrido. Era Laura que havia feito com que Sebastian fosse ao lago, não eu. Tudo fazia sentido agora. Eu estava dormindo na cama de Laura, tomando seu lugar na escola, e agora estava com o cara que tinha a deixado morrer. Na esperança de repetir cada passo.

Então porque estava determinado a me ver só como amiga. Afinal, como poderia competir com a memória de uma idealizada vítima trágica? Mas o que ele havia querido dizer, era que ele tinha feito algum dano que havia prejudicado a garota que ele havia conhecido? Como podia ser algo que não era? Talvez eles tenham lutado antes de morrer, talvez se culpe dessa forma.

- Esta muito quieta?, Disse Sebastian, deixando os remos pendurados na embarcação. - Quer voltar?

- Não, estou bem, menti. - Só estava pensando.

- Pode dizer-me, não é?

Só lhe disse a primeira coisa que me veio à cabeça. - Sinto falta da minha casa. Este lago, os jardins e as colinas, tudo se parece, não sei.



Asfixiante, de alguma forma. Gostaria de poder caminhar no mar quando as ondas estão com raiva e o vento batendo na pele. Realmente não sei como posso explicar, mas me sinto diferente eu não sou livre

- Eu gostaria disso, sorriu. – Me encantaria caminhar com você na praia. - Poderíamos caminhar, velejar e nadar, a minha voz rachada com nostalgia. Minha mente estava em chamas, e meu corpo inquieto doía, desejos sem nome. Fiz das tripas coração. Não podia ser mais a Evie sensível. - Pelo menos temos um dia livre amanhã, disse ele. - A minha turma vai fazer um passeio pelos arredores vamos visitar a antiga casa de Fairfax Hall. A conhece verdade?

- Claro, disse Sebastian. - Todo mundo aqui conhece esse lugar. Evie, se por isso esperas um grande entusiasmo para amanhã você vai ficar desapontada. É uma velha casa cheia de memórias de pessoas surdas que já não existem mais.

Amarrou a corda em volta de um galho grosso, e pulou do barco, suas botas fizeram espirrar lama do lago. Então ele se virou e me levou para a grama. Por um momento nós agarramos como amantes.

- Evie, disse ele com urgência. - Prometa-me algo.

- Claro. O que?

- Se você ouvir alguma coisa... na cidade... algo ruim sobre mim, confiara em mim ainda. Certo? Você ainda vai encontrar-se à noite para alguma coisa no lago. Promete? Ele me abraçou com mais força. Meu coração deu um pulo contra ele.

- Eu prometo... Eu prometo, disse quase sem fôlego. Sebastian recuou o rosto pálido e tenso. - Tenho que ir agora.

- Por quê? lhe perguntei. - Não vá ainda.



- Eu devo, repetiu. - Desculpe-me Evie. Ele começou a dar passos grandes sobre a grama escura.

- Sebastian espera. Quando eu vou vê-lo novamente? Quase grite.

- Amanhã à noite, parar e mudou de posição. - E lembra você me fez uma promessa.

Senti o frio em meus ossos. Por que alguém iria mudar a minha opinião de Sebastian?

Talvez realmente tivesse feito algo para ferir Laura. Talvez encontre algum amigo seu e se preocupe com o que ia encontrar. Ou talvez estivesse tão cansada que simplesmente não podia esperar para voltar à residência. Quando cheguei ao estábulo, algo parecia diferente. Parei. A porta verde que levava para as salas antigas dos empregados estava aberta. Estranho, pensei. Eu tinha certeza que tinha a fechado cuidadosamente. Tudo estava calmo nos estábulos, além do ranger das caudas dos cavalos. Me deslizei através da porta, em seguida, bati a porta fechada atrás de mim, e eu ouvi uma fechadura. Vir-me-ei e puxei a maçaneta, mas a porta não se mexeu. Alguém tinha fechado, e meu peito foi movido-se pelo pânico.

- Quem está aí? Chamei. - Abra a porta. Mas não houve resposta, apenas o som macio de passos lá fora. Procurando a lanterna de Helen no chão, mas era claro que não estava, se tinha a levado. E eu sabia que a tinha pegado de Celeste. Deve ter criado esta brincadeira de mau gosto. Seria tão ela... Pense Evie. Pense... Tinha que voltar para a residência antes que Celeste piorasse as coisas. Havia apenas um pouco de luz passando por cima da porta no corredor antigo. Tinha que ser o suficiente. Era fácil dizer a mim mesma que eu tinha que me acalmar, mas quanto mais eu andava, mais escuro era, logo estávamos na escuridão. Havia o murmúrio de uma saia e o ruído de botas caminhando ao



meu lado. Não podia ouvir as suas vozes? Eu tinha medo de sentir o toque de uma mão morta no meu braço. Não seja estúpido, dizia-me. Apenas o escuro, não pode te machucar... Ou realmente pode? Descobri a estreita entrada para as escadas de serviço e a subi as cegas. Respirava aos poucos e estava a chorar, eu estava convencida de que os passos me seguiam. E o swish-swish-swish, que era o som inconfundível de uma mulher com a saia era muito mais perto. Finalmente eu podia ver um raio de luz na frente, o contorno da porta sobressaía o da parede do quarto do dormitório. Fiquei quieta justo, a tempo de ouvir o ferrolho do outro lado da casa.

Celeste deve ter corrido pela escadaria principal e fechou. Meus esforços foram em vão. Eu estava trancada na ala antiga dos funcionários.- Armadilha, como não havia previsto. Deixei-me cair no chão com a coluna contra a porta e tratei de respirar. - Não há ninguém comigo, disse-me freneticamente. Estava sozinha. Tudo o que o que tinha a fazer era esperar até amanhã, quando Helen certamente abriria a porta e me encontraria aqui. Respire... Apenas respire. Lembrei-me de uma canção antiga que Sinatra que me cantavam quando criança.

*A noite é escura, mas o dia está próximo,
Baby, silêncio, não tenha medo.*

A noite é escura. Repeti uma ou outra vez, a noite é escura. Então eu pensei que eu iria gritar. Então. A porta por trás de mim se moveu, e alguém a abriu. Cai no corredor, esperando para ver Celeste. Mas não era Celeste quem tinha aberto a porta. Foi Senhorita Scratton e junto dela Helen.



Vinte e um

Tenho estado completamente errada sobre a Celeste. Ela não teve nada a ver com o que aconteceu nas escadas. Fora a Helen que me traiu para a senhorita Scratton.

Quando finalmente fomos para a cama, sussurrei para ela com raiva.

- Por que você fez isso? ela resmungou que um dia eu iria entender. Eu estava furiosa, mas pela primeira vez concordei com a Celeste: Helen Black era completamente maluca. E agora, graças a ela, eu estava em desgraça.

- Não consigo expressar o quanto estou desapontada com você Evie. A senhorita Scratton declarou no dia seguinte. Toda a classe estava esperando em frente à imponente porta da frente da mansão, casacos e chapéus açoiados pelo vento de novembro. A senhorita Dalrymple também estava lá, usando botas para caminhadas e segurando um mapa. - Foi muito tolo de sua parte sair vagando por aquelas escadas no meio da noite. Você poderia facilmente ter caído e quebrado o tornozelo. A diretora não ficara feliz quando souber disso.

Celeste olhou triunfante para Índia e Sophie.

- Esse é o segundo demérito que você ganha em seu curto período em Wyldcliffe. Que esse seja o último!

Peguei o cartão vermelho que a senhorita Scratton me entregou e o coloquei em meu bolso.



- As outras garotas não irão falar com você hoje, e você vai caminhar para Fairfax Hall ao meu lado. Se considere com sorte por estar nos acompanhando.

Eu me afastei das outras meninas. Sarah deu de ombros em simpatia, mas não se atreveu a falar.

- Agora garotas. A senhorita Scratton falou. - É uma longa caminhada, e não queremos nos atrasar. Senhorita Dalrymple você poderia gentilmente seguir em frente, e a classe começou a seguir a estrada.

- Oh espere! Sarah exclamou. - Onde esta a Helen?

- Helen não esta se sentindo bem. Ela não ira se juntar a nós.

Eu olhei para cima. A enfermaria ficava no segundo andar, com as janelas para a estrada.

Pensei ter visto um vulto com as características frágeis de Helen na janela. Mas fui distraída pela senhorita Scratton ao meu lado, parecendo mais severa do que nunca.

- Escute Evie. Ela falou. - Isso é realmente muito importante. Você não pode receber outro demérito. Isto esta claro? Então ela enrijeceu e olhou por sobre o ombro. A diretora, a senhora Hartle, estava parada no topo da escada da porta da frente, nos observando em silêncio. Senti como se alguém tivesse jogado água gelada sobre meu pescoço.

- O seu comportamento tem sido bastante vergonhoso, Evie Johnson. A senhorita Scratton anunciou em voz alta. - Agora fique ao meu lado.



Seguimos as outras através dos portões da escola. Ao invés de seguirmos em direção da vila e da sombria igreja, como fazíamos nos domingos, pegamos o caminho que levava para os mouros. A senhorita Dalrymple seguiu na frente, apontando para o local do antigo forte, onde eu havia me escondido com o Sebastian. Eu não escutei. Eu estava intrigada sobre o que a senhorita Scratton acabara de falar. Ela estaria simplesmente me dando um conselho, ou teria algum outro aviso escondido em suas palavras?

Olhei para seu rosto severo e plano, e pareceu que havia algum tipo de tensão entre ela e a senhora Hartle. Talvez a senhorita Scratton tenha almejado o cargo de diretora? Mas isso não era problema meu. Tudo o que me importava era que a senhorita Scratton havia acento minha fraca explicação na noite anterior, sobre ter me sentindo tonta e querer um pouco de ar puro no pátio. Fingi ter usado as escadas dos fundos por não querer acordar ninguém, então fiquei presa por acidente.

Enquanto começamos a subir mais alto pelo chão duro, me perguntei se a Helen sabia sobre o porquê de eu estar no pátio naquela noite. E se ela sabia sobre o Sebastian, será que ela contaria para a Sra. Hatle? Então eu realmente estaria com problemas. Eu podia imaginar o frio na voz da senhora Hartle, quase como um triunfo.

Eu nunca quis aceitar você na escola.

Papai ficaria tão zangado se eles me expulsassem. Eu não poderia decepcioná-lo dessa maneira. Secretamente eu me sentia um pouco envergonhada. Afinal eu havia vindo para Wyldcliffe para ajudar o papai, não adicionar mais problemas para ele. Eu estava na escola para aprender, não para correr atrás de um garoto de olhos azuis. Alguma coisa teria que mudar. Eu



não conseguia tolerar parar de ver o Sebastian, mas deveria haver alguma outra maneira de nos encontrarmos que não quebrasse mais nenhuma regra.

O caminho começou a serpentear descendo do outro lado do vale, para um caminho arborizado mais abaixo. A senhorita Dalrymple começou a falar sobre o calcário e as minas anciãs que haviam deixado um intrincado labirinto de túneis e poços na colina. As garotas se reuniram ao lado dela, fazendo perguntas e admirando a paisagem.

A senhorita Dalrymple se virou e sorriu mais do que desagrada, suas bochechas estavam rosadas por causa do vento.

- Senhorita Scratton não acha que a querida Evie poderia se juntar ao resto de nós? Seria uma pena ela não apreciar a aventura do dia.

- Evie teve aventuras o suficiente na noite passada. Ela falou para a senhorita Scratton friamente. - Ela irá ficar sob minha supervisão.

Estranhamente eu estava feliz com a resposta dela. A senhorita Dalrymple pareceu incomodada por uma fração de segundo, e então guiou a classe, falando entusiasticamente sobre o lugar ao nosso redor. Mas a senhorita Scratton e eu caminhamos atrás delas em silêncio.

Vinte e dois

Fairfax Hall não era o que eu esperava. Eu crescera acostumada com os prédios cinza e sóbrios da Abbey, mas o Hall, atrás da espessa tela de



louros, era uma casa graciosa construída com pedras claras, com elegantes pilares na fachada. Parecia deslocada ao lado dos muros acidentados. Mas essa não fora a maior surpresa. Quando chegamos à entrada de carros, vimos dois carros da polícia estacionados em frente à porta. A diretora do museu veio correndo nos encontrar.

- Oh é uma grande pena. Ela começou apressada. - Tentei ligar para você senhorita Scratton, mas a escola me informou que a senhora já havia saído, então já era tarde para lhe avisar.

- Avisar-nos do que? Perguntou a senhorita Scratton.

- Sobre o terrível arrombamento. Eu quase não posso acreditar. Todo o lugar foi revirado.

A pobre mulher parecia a beira das lágrimas, e continuava a empurrar nervosamente seus óculos para o lugar.

- Oh Deus, alguma coisa foi roubada? Perguntou a senhorita Dalrymple.

- Isso que é a coisa estranha, falou a senhora do museu. - Tudo foi deixado de cabeça para baixo, mas achamos que apenas um item na verdade foi roubado.

- O que foi? Perguntou a senhorita Scratton secamente. - Se a senhora não se importa de responder.

- Não me importo. Acho que tudo vai estar no jornal local, de qualquer maneira. Fora um porta retratos, não um de grande valor, mas de grande interesse: era de um membro da família Fairfax, um personagem fascinante. Oh Deus... é melhor eu voltar a falar com os policiais, e vocês caminharam todo esse caminho para nada. Temo que não será permitida a entrada de ninguém enquanto a polícia esta examinando o local.



Algumas garotas deixaram escapar grunhidos com a notícia.

- Mas, não podemos voltar imediatamente para a escola, podemos Senhorita Scratton? Sophie perguntou.

- Não, concordou a senhorita Scratton. - É longe demais para caminharmos de volta sem descansar, e o ônibus que contratei para nos levar, só ira chegar daqui a um par de horas. Teremos que esperar aqui até que ele chegue.

A mulher da casa parecia estar de coração partido com a idéia de estarmos sendo privadas da chance de vermos seu amado museu.

- Oh Deus, Oh Deus. Ela falou. -É claro que terei que falar com os policiais, mas talvez vocês pudessem pelo menos caminhar pelos jardins. Mesmo nesta época do ano eles estão cheios de espécimes interessantes. Eles foram trazidos no século dezenove pelo Sir Edward Fairfax e são consideradas um lindo exemplo... Oh deus, por favor me dêem licença.

Ela correu de volta para dentro da casa, aparecendo novamente alguns minutos depois.

- O sargento falou que as garotas podem caminhar nos jardins mais baixos, perto do lago.

O lago. Olhei para cima com interesse.

- Excelente. Todas podem fazer alguns desenhos garotas. Terá um premio para o melhor.A senhorita Scratton falou.



As garotas se reuniram ao redor da professora, animadas pela idéia da competição. Chegamos ao jardim formal atrás da casa, com suas calçadas e canteiros desenhados e imponentes. Mas o lago acabou sendo um desapontamento. Era um lago estéril feito pelo homem, uma poça glorificada com uma fonte extravagante presa no meio dele.

Encontrei um banco de pedra e sentei fazendo uma fraca tentativa em desenhar a fonte. Sebastian havia estado certo: nossa visita á Fairfax Hall havia sido um completo desapontamento. Me perguntei quando ele havia estado aqui, ele parecia saber tudo sobre o lugar. Imaginei-o sendo arrastado pelo museu pelos pais quando criança. Não, não deveria ser isso, eu lembre, por que a senhorita Scratton falou que a casa havia sido aberta ao publico apenas recentemente. Talvez ele tenha se esgueirado á noite, como ele entra em Wyldcliffe. Isso seria mais o estilo do Sebastian. Sorri para mim mesma, e repentinamente desejei estar com ele.

Sem estar ciente disso, desenhei uma figura usando um casaco longo e escuro próximo ao desenho do lago. Olhei ao redor, meio que esperando ver Sebastian recostado contra uma das arvores, com aquele sorriso irônico nos lábios.

Ele não está lá, é claro. No outro lado do gramado, arbustos escuros haviam sido cortados em formas altas. Além deles o jardim acabava e começava os muros.

Então notei algo. No alto da encosta que se erguia a partir da borda do jardim, atrás de um emaranhado de arvores retorcidas havia um bloco de



pedra escura. Uma menina estava em pé ao lado dele, seu cabelo pálido era soprado pelo vento.

- Helen! eu gritei e fiquei em pé, deixando meu caderno de desenhos cair no chão. - Helen! Espere!

Grandes gotas de chuva começaram a cair. As garotas ao lado do lago reuniram suas coisas e correram, meio resmungando, meio rindo, em direção da casa. Mas eu estava correndo na direção oposta, tentando ter uma visão melhor da garota. Então a senhorita Dalrymple apareceu na minha frente, bloqueando o meu caminho. Deixei escapar um grito de surpresa.

- Qual é o problema? Ela perguntou suavemente. - Você esta indo pelo caminho errado, vai ficar ensopada.

- Mas... mas eu vi a Helen lá na colina!

Ela deu uma pequena risada estridente. - Não há ninguém lá. Você esta imaginando coisas minha querida.

Era verdade. Não havia nada há se ver. Não havia nenhuma garota lá, apenas as árvores retorcidas e a pedra escura, e a chuva caindo como lágrimas.

- Evie!

Virei para ver a senhorita Scratton parada alta e magra em seu casaco escuro para chuva. - Corra para a casa e para fora dessa chuva! Teremos que nos abrigar lá até que o ônibus chegue a policia gostando ou não. Rápido!



Ela me mostrou a direção da casa, mas eu não estava certa se ela me queria longe da chuva ou da senhorita Dalrymple.

Quando finalmente retornamos a escola, nos mandaram colocar roupas secas. Corri para o dormitório para colocar uma blusa limpa, então achei o caminho para a enfermaria.

Bati na porta.

- Entre. A enfermeira olhou por cima da mesa. - Sim, do que se trata?

- Hum... eu vi para perguntar sobre a Helen. Como ela está?

- Ela não tem estado nada bem hoje. Parece que ela vai ter uma terrível gripe.

- Então, ela não esteve do lado de fora o dia todo? Eu perguntei, tentando espiar para além da enfermeira na tentativa de ver algum sinal da paciente. - Ela não conseguiu sair para um pouco de ar fresco?

- Acho muito difícil, com a febre que estava. E ela está deitada na cama agora.

- Bem... hum... diga a ela que eu vim aqui. Eu terminei, e sai. A garota que eu vi deveria ser alguém da vila. A verdade era eu disse para mim mesma, eu estava com a cabeça zozona de exaustão. Eu estava quase invejando Helen em sua cama da enfermaria. Eu ansiava por dormir, dormir e dormir.

Mas, ainda não. Eu havia prometido ao Sebastian que eu iria vê-lo à noite, e eu nunca quebraria uma promessa para ele.



Fiz meus planos como uma ladra. Helen iria ficar na enfermaria, então eu sabia que ela não teria como interferir. Depois do jantar, quando estava ficando escuro, rapidamente fui ao galpão de jardinagem e ‘peguei emprestado’ uma lanterna, para não ter que enfrentar aquela escuridão nas escadas novamente. Oh, eu tinha tudo planejado. Prometi a mim mesma roubar mais uma hora de felicidade com o Sebastian; então eu seria sensata e finalmente iria dormir.

Vinte e Três

- Mas porque não Sebastian? Eu disse olhando de mau humor para o lago. Nada estava acontecendo como eu tinha imaginado.

- Eu te digo. Suspirou. - Não posso te ver de dia. Esta é a única maneira que podemos nos ver.

- Posso te encontrar um domingo a tarde. Algumas das meninas eles permitem sair, para montar a cavalo, ou para caminhar.

- Assim que você vai disser a alta senhora que vai aos bosques para ver um garoto do povo. Ele perguntou. - De verdade acredita que ela vai permitir isso?

- Bem...Não. Disse. – Mas, se eu disser a ela que você é um amigo da família... Tinha que dizer o que estava em minha mente a algum tempo. - Já sabe que seus pais me levaram a sua casa para tomar o café logo, da senhora Hartle não podia opor-se a isso. Jéssica Armstrong tem alguns primos que vivem a umas poucas milhas de distancia e vão visitá-los.

- Não posso pedir aos meus pais que te conheçam. Eu sinto muito.

- Por que não? Eu estava ríspida. - Tem vergonha de mim?



- Não é isso!

- Será porque eu não pertenço realmente a Wyldcliffe? Prefere ter Celeste ou a Índia, ou alguém como elas para apresentar a eles? É isso?

- Não tenho idéia do que esta falando. Disse ele desconcertado por minha fúria. - Por favor Evie, é só que é impossível. Não arraste meus pais nisso. Eles...não entenderiam, são antiquados; não podem...Evie por favor não faça essa cara.

- Seus pais não conheceram essa outra menina? O espetei. Minhas teorias insistentes sobre a menina de seu passado, se havia sido Laura ou alguém mais se incendiou com uma chama branca e quente. - A mandou a sua casa?

- Eu não vou mentir. Sim eles a conheceram.

- Não é justo. Eu estava horrorizada pelo tom da minha voz quebrada e tratei de me recompor. - Simplesmente estou tão cansada. Supliquei-lhe olhando a água negra e ondulante.

- Quer dizer que esta cansada de mim?

- Sabe que não quero dizer isso. Mas, estou com um grande problema já, e se me der outro desses malditos deméritos não sei o que acontecerá. O que pensa de seus pais, não quero machucar a meu pai por conseguir ser expulsa de Wyldcliffe. E se fizer para mim. Continuei miseravelmente. - Então realmente nunca mais voltarei a te ver.

- Mas você disse que queria manter aceita, que não te importavam os riscos.

- Mas eu não vejo porque temos que arrastarmos na noite, todos os dias. E ridículo. Estou me pondo em uma ma posição na escola, assim como de esta esgotado, incluindo eu não sei...- Eu olhei sua cara de preocupação. Eu queria dizer, e eu nem sequer sei como você se sente por mim.



As palavras não quiseram vir. Temia ter uma resposta que eu não queria ouvir. Eu sabia no meu coração que havia uma barreira entre nós algo mais além de Sebastian. Sim eu era sua querida Evie, mas eu precisava de mais. Eu não podia seguir perguntando e esperando, esperando um sinal que nunca chegou. Bati numa velha raiz de Laurel que cresceu perto a borda da água e grunhi. - Eu nem sequer sei seu nome completo.

- Sebastian James. Disse com uma reverência abobada. - Encantado em conhecê-la. Assim está satisfeita.

- Onde vive? insisti.

- Já disse a você Evie, perto dos morros.

- Mas onde? Qual a direção? Qual seu número de telefone?

- O que está acontecendo com você esta noite? Explodiu. - Falou como um detetive de polícia.

- Talvez é isso que eu preciso para conseguir uma resposta de você. Meu temperamento explodiu em um instante.

- Te dou as resposta quando posso. Sebastian continuava sempre assim.

- Mas agora não.

Olhei fixamente para o horizonte escuro. Era difícil ver onde estavam o morros e onde começava o céu. As lágrimas começaram a borrar minha vista.

- Não vamos brigar. Supliquei-lhe. - Tudo o que quero é encontrar uma outra maneira de nos vermos. Algo normal. -Você não parece se dar conta do quão difícil é para mim. Difícil porque estou louca por você...Por que não se todavia sonha com a menina que perdeu tragicamente...porque eu não sei aonde isto esta nos levando.



- Duro? Quer saber o que é difícil? Acha que é fácil para mim passar cada dia só, perguntando-me o que esta fazendo, e esperando para ver-te por uns momentos arrebatados? Tenho que te ver Evie. Eu...preciso de você.

- Então me leve a sua casa. Argumentei. - Apresente-me a sua família, aos seus amigos. Me trate como alguém que você cuida, não só como uma travessura da meia-noite.

A súplica parecia fazer eco na noite. Por último Sebastian falou:

- Não posso

- Então não posso continuar te vendo. Respondi-lhe com amargura.

Me afastei dele, mas ele agarrou meu braço.

- Não vá. Ele implorou. - Eu o faria como você quer se eu pudesse. Confie em mim por favor.

- Como posso confiar em você depois disso? Solte-me!

Ele deu um passo atrás, seu rosto uma mascara de miséria. - Estarei esperando por você Evie.

- Não se preocupe. Gritei-lhe. - Não quero voltar a te ver!

Tropecei de novo para a escola, chorando o caminho todo.

Vinte e Quatro



Diário de Lady Agnes, 13 de novembro de 1882.

Solucei meu coração seco, e agora não consigo chorar mais. Minha antiga felicidade com S. está terminado. Tremo enquanto escrevo isto.

A chuva torrencial impediu-me de andar sobre as campinas durante vários dias. Estava preocupada por não ter ouvido dele todo esse tempo, mas ha dois dias atrás me mandou um bilhete pedindo que nos encontrássemos na gruta:

- Venha em torno da meia-noite, quando todo mundo esta dormindo. Dessa forma, não haverá perigo de sermos ouvidos.

Não gostei da idéia, mas odiava decepcioná-lo. Pelo menos esta pequena coisa que me pedia, eu poderia fazer. Quando imaginei que a maior parte da família tinha se retirado para a cama, coloquei uma roupa e sai sigilosamente pela escada de serviço do meu quarto. Pensei que iria manter minha excursão em segredo, se papai não estivesse sentado até tarde.

Uma única vela era suficiente para dar alguma luz para as escadas estreitas. Eu tinha vergonha de pensar que nunca tinha pisado nesse lugar antes. Era frio e vazio. Pensei nas criadas, Nellie e Mary, que ficavam subindo e descendo as escadas cinqüenta vezes por dia para nos servir, e me perguntei se as pessoas nos próximos anos, olhariam para trás e pensariam sobre nossas vidas :ricos e pobres lado a lado, e ainda sem saber como são seus mundos. Quando eu crescer gostaria de ter minha própria pequena casa, onde possa aprender a cuidar e não ter criadas, exceto pela pobre Martha, que seria bem vinda como uma fiel amiga.



Cheguei ao piso térreo, fui até a cozinha e sai para o pátio do estábulo. Então corri tão rápido como pude através do gramado em direção ao lago.

Como as sombras das ruínas pareciam brilhar sobre mim na escuridão! Nunca havia sentido medo delas antes, mas agora pareciam estar paradas como uma coroa quebrada, guardando a entrada a uma horrível masmorra. Meu coração começou a bater mais rápido, atravessei entre os arbustos. Escutei a S. chamando - me em voz baixa, e entrei na caverna.

Uma lamparina estava queimando sobre a base de uma estátua de Pan, e o pequeno deus parecia dançar à luz bruxuleante. S. estava sentado encostado à parede. Metade do seu rosto estava escondido no escuro, mas eu percebi, com o coração afundado, que estava com raiva, em um estado de animo premeditado. Parecia-me que estava muito doente, e soube nesse momento que o amava, que sempre o amei. E queria abraçá-lo, confortá-lo, tomá-lo em meus braços. Mas não sabia como.

- O quê esta acontecendo? Perguntei – Você está doente?

- Não, não é nada. Respondeu tossindo impaciente, e lutando com seus pés. - Vamos começar os rituais.

Comecei a fazer o círculo sagrado, mas ele me parou, prendendo meu braço rudemente.

- Qual é o problema?

- Não me sinto com ânimo.



- Então posso voltar? - Perguntei, mas não me deu nenhuma resposta. Seus olhos estavam apagados e tingidos de vermelho. O ruído da primavera ecoou no escuro. Ainda não falava, mas se agarrava ao meu braço, com um forte aperto.

- Devo voltar para minha casa? Repeti .- Se mamãe descobre que eu saí da cama vai ficar furiosa.

- Mamãe! Mamãe! Disse com um sorriso selvagem. - Ainda fala como uma criança, Agnes. Não entende o que temos aqui? Logo, ninguém será capaz de nos dizer? Faça isso, faça aquilo, vá para a cama, coma seu jantar, essa antiga vida acabou! - Em vez disso, nós lhes ordenaremos, mandaremos em todos.

- Por que íamos querer mandar em alguém, mais do que a nós mesmos?

- Não fale como uma tonta. Realmente quer passar por todo este trabalho secreto, apenas para curar uma dor de dente, sua cozinheira e essas insignificâncias?

- Se isso é tudo que posso fazer é melhor do que nada , eu disse teimosamente. – Por que te irrita que eu queira ajudar os outros?

- Por que não esta me ajudando! Eu deveria ser a quem oferece seus talentos, e não a humanidade. Não sou a pessoa mais querida para você? Agnes, não te importo em absoluto? -Lentamente me abraçou, até que pudesse sentir seu hálito quente em meus lábios.

Sua boca descansou sobre a minha, e o fogo saltou para a vida dentro do meu corpo enquanto ele me beijava. Eu havia estado sonhando com este momento, quis segurá-lo e não deixá-lo ir. Mas ele me rejeitou.

- Pare! O que importa seus beijos, quando não me dão a única coisa que eu quero?



- O quê? Cai, sem alento. -- O que você quer?

Permaneceu em silêncio por um longo tempo. Nossos batimentos cardíacos pareciam ecoar através da pequena gruta.

- Quero ir além disso ... estes truques que temos aprendido. O livro nos fala que o "Lado Místico" é o caminho da cura e poder. sua voz era artificial e estranha, como se tivesse ensaiado em um discurso. – Você é curandeira, Agnes. Eu vi o que você é capaz de fazer, e sei que poderia fazer grandes maravilhas. Eu quero que me cure.

- Te curar? Então você está doente? Diga-me!

Evitou os meus olhos, e falou com voz muito baixa.

- Sim, Agnes, estou doente. Tenho uma condição que me matara se não me salvar.

Sufoquei um soluço. Eu não podia acreditar no que estava ouvindo.

- É ... foi causada pela febre? Perguntei, obrigando-me a falar.

- Sim.- repetiu estranhamente.- Tenho uma febre ardente em mim. A febre da vida.

- Não entendo.

- Estamos todos doentes, Agnes. O que é essa vida, senão uma sentença de morte lenta? As sementes da nossa destruição estão dentro de nós no segundo em que nascemos. Preciso que me cure da minha humanidade e não morrerei.

- Mas...

- Deve fazê-lo! Agarrou meus braços novamente. - Esses estudos estão me esgotando. Sinto que agonizam minha mente. E qual é o ponto, de



que se esculpir nossos conhecimentos, se vão morrer conosco? Talvez não em dez ou vinte anos, mas sim eventualmente. Nós morreremos Agnes, quando for nossa hora de ir. Então porque não usar seu grandioso dom, que foi colocado em nosso caminho para transcender o tempo? Poder e cura, Agnes! Pense nisso! Ele me olhou com entusiasmo, o azul de seus olhos eram vidros de aço cinza com a tristeza da caverna.

- Por que não me curar tão completamente que possa transcender a morte? Por que não buscar o lado místico, para a chave da vida eterna?

- Não, pare. Está me assustando.

- Mas por que não, Agnes? O que nos impede de estar lado a lado para sempre: sem alterações, intocáveis, imortais?

Não podia falar ou pensar. Ele tentou me abraçar, mas me libertei dele.

- Porque é errado. É uma loucura.

- É uma loucura não fazê-lo e não vou permitir que me impeça. Sua voz era áspera, e ofegava um pouco como se tivesse febre.

- Tente falar razoavelmente.

- Esqueceu que a vida eterna já foi prometida a toda a humanidade? Seu rosto endureceu.

- E para chegar a ela tenho que envelhecer morrer e ser punido por meus pecados? Quem pode ter certeza de que existe um paraíso eterno nos esperando, e não uma condenação eterna? Além disso, eu quero viver aqui, neste mundo, ser jovem e forte para sempre, não desvanecer em outro mundo que pode não existir. Caiu de joelhos diante de mim.

- Por favor, Agnes, por favor, me ajude. Implorou. - Não posso continuar em frente, neste tormento, sabendo que tudo que desejo está tão perto e ao mesmo tempo tão longe de chegar. Deve me ajudar! Sei que tem o



poder de fazê-lo. Sei que tocas o Fogo Sagrado em sua mente, e eu poderia chegar até ele através de você, se só me deixar. Uma faísca seria o suficiente!

Eu queria ajudá-lo de todo meu coração, mas não podia ouvir seus delírios. Pela primeira vez na minha vida queria ficar longe dele.

Soltei meus pés de suas mãos e corri, escorregando no escuro, apenas sabia o que estava fazendo. Quando voltei para o meu quarto estava tremendo. Girei a chave na fechadura, e arrastei uma cadeira contra a porta. Tinha medo dele. Tinha medo de mim mesma.

Certamente as limitações da nossa vida humana foram colocadas para nos manter a salvo. Que nos impede de cair no vazio do caos? O que acontecerá se S. tentar passar por cima destes limites? Havia um olhar selvagem em seus olhos, um desespero que me atormentava.

Sei, nos lugares secretos do meu coração, que eu poderia aprender a fazer o que ele me pedia. Por alguma razão desconhecida, tenho sido abençoada, ou amaldiçoada, com a possibilidade de chamar o Fogo.

Mas ser capaz de fazer algo não significa que esteja certo. Eu poderia submeter meus poderes às trevas e ao desespero, e saber que isso levaria à miséria. - Os quatro grandes elementos podem curar e proteger, mas também podem destruir. Agora sei que tinha razão para ter medo, a primeira vez que nos atrevemos a explorar seus mistérios.

Desde essa terrível briga, eu me declarei doente e não vi ninguém. Não consigo dormir, não posso ficar quieta, não posso me sentar. Vou e volto por meu quarto com incansável energia, e sinto seus beijos ardentes sobre



meus lábios novamente. Morro de vontade de demonstrar meu amor, mas não por algo ruim.

À noite me levantei e me sentei no banco da janela, olhando através dos jardins das ruínas, e pensei que tinha visto algo dele, perto do lago. Ele estava vestido com o casaco de equitação e falava com uma garota, mas ambos estavam velados por uma mística estranha. Era uma menina com uma saia curta que eu vi nas visões. Eu não era ciumenta, mas sim estranhamente atraída por ela, meu coração disparou, por algum motivo desconhecido, como se fosse tão querida para mim como uma irmã.

Abri a janela e suas figuras foram fundidas pelas sombras. Logo, esta manhã estava caminhando nos jardins e pensei que a tinha visto outra vez. Tente chamá-la, adverti-la, mas ela desapareceu no ar como um sonho.

Hoje fiquei sabendo que ele foi embora para Londres. Acho que levou o livro com ele, já que desapareceu do nosso esconderijo na gruta. Odeio pensar que escuros lugares poderia estar buscando pela cidade grande, e em seu coração. Talvez seja tarde demais para salvar o meu amado. Mas, se não ha nada mais, tenho que descobrir quem é essa garota e salvá-la dele. E no que poderia chegar a convertesse.

Vinte e Cinco



- Evie Johnson! Senhorita Schofield gritou para mim do outro lado do campo de lacrosse. - É o quarto passe que você perde essa manhã. Pare de sonhar acordada!

Olhei para cima, sobressaltada. Eu estava me sentindo tão miserável por causa do bate-boca que tivera com Sebastian, que nem havia percebido a bola em algum lugar próximo.

- Se recomponha, Johnson, chamou Celeste enquanto, astutamente, enfiou em minhas costelas a ponta de seu taco. Então, Índia se transportou para cima de mim, uma expressão de zombamento estragando sua carinha bonita, mas eu não liguei. Nada comparado a dor de brigar com Sebastian. Nunca mais quero vê-lo de novo. Nunca mais quero vê-lo de novo... Nunca mais. O vento lamentou através das árvores, e me senti extremamente sozinha.

- Vamos! Traga logo esses equipamentos!

Enquanto eu trotava para lá e para cá, fingindo estar interessada, a luz de repente escureceu como se alguém tivesse apertado um interruptor. Os gritos vindos do jogo desapareceram gradualmente dentro do fino céu azul, até que o único som que eu podia ouvir era o do meu próprio coração, martelando uma mensagem de medo. Fiquei paralisada, enraizada no solo, incapaz de falar. O taco de lacrosse caiu inútil de minhas mãos. E, então, uma garota trajando branco saiu do meio das árvores ao lado do campo. Seu longo vestido flutuou com o vento, seu cabelo vermelho esvoaçando solto em seus ombros, e seus olhos cinza perfuraram os meus. Ela bradou, Fique longe dele... Fique longe... Tenha cuidado.



O que quer dizer? Quem é você? Tentei dizer em resposta, mas minha garganta estava seca e as palavras não conseguiam se formar. Então, ela sumiu aos poucos no ar como um sonho.

Bang! A bola de lacrosse atingiu um lado da minha cabeça e eu cambaleei. Pensei vertiginosamente que Celeste estava rindo de mim, mas então, vi Sarah correndo até mim.

- Oh, me desculpe, Senhorita Schofield, ela ofegou. - Eu errei minha jogada. Desculpe, Evie; você deve estar machucada. Ela olhou para mim, significativamente.

- Não, não estou, murmurei.

Senhorita Schofield enquadrou seus pesados ombros e me encarou. - É sua própria culpa por não manter o olho na bola toda hora, Evie. É a primeira regra do jogo.

- Tenho certeza de que não há nada de errado... começou Senhorita Schofield. Sarah apertou minha mão de modo doloroso.

- Ai! É... Está doendo.

- Está bem, disse Senhorita Schofield. - Está liberada. Agora, garotas, de volta ao jogo. - Vocês duas aí, Becky e Sophie, podem vir para cá e substituir, mas pelo amor de deus, concentrem-se. Naquele instante, Sarah já estava me guiando pelo caminho que levava para os jardins principais e as ruínas da capela. Sentia-me doente e atordoada. Eu tinha pensando que estava curada daquelas visões estranhas, que Sebastian as havia empurrado para fora da minha grande imaginação. Mas a garota parecera tão real. Fique longe dele. Olhei ao redor em pânico. Estava eu tendo alguma espécie de colapso?

- Vem, por aqui, Sarah disse firmemente.



Os restos esmigalhados das ruínas elevavam-se a nosso redor, e Sarah abaixou-se através de uma entrada íngreme. Uma escadaria úmida levava para baixo.

- O que é isso? Perguntei em alarme. Os degraus terminavam em uma pequena, friamente úmida câmara sobre de uma camada de líquen e musgo. Era apenas o tipo de lugar que eu odiava. Tentei me recompor, tentar pensar e falar racionalmente. - Onde estamos indo?

- Precisava falar com você em particular, onde não seríamos escutadas, Sarah respondeu. - Desculpe por ter jogado a bola em você, mas não tive outra escolha.

- Você quase me fez desmaiar apenas para conversar comigo? Não é um pouco extremo de sua parte?

- Estou apenas tentando te ajudar, Evie. Sei que está em perigo.

- Ah, qual é, você não está vindo com aquele tipo de lixo 'Eu sou uma cigana com sexto sentido'.

- Não é um lixo, Sarah argumentou seriamente. - É real. Nunca pensei que isso fosse especial, ela continuou. Porque sempre fui capaz de fazer isso. Não prevendo o fim do mundo, apenas coisas do tipo ser capaz de dizer a alguma pessoa se ela está feliz ou não, saber com certeza como o tempo será no dia seguinte. Uma vez, quando minha avó caiu e quebrou o braço, eu sabia que havia acontecido antes de minha mãe me contar. Mas, desde que você chegou a Wyldcliffe, tudo mudou. Continuo recebendo mensagens de alguém de muito longe que quer chegar a você. O que você viu naquela hora?

O que ela queria dizer? Ela havia visto a garota também? As palavras do motorista do táxi de repente ecoaram em minha cabeça. Aquele lugar amaldiçoado, ele nomeara Wyldcliffe Porque eu havia vindo para cá?



Pensei de modo selvagem. Estava me afogando em medo, ficando louca, rodeada de pessoas piradas. E agora, Sarah era um deles também.

- Diga-me o que viu, ela apressou.

- Eu não vi nada! O que há com você? Pensei que era a única normal por aqui, com os pés no chão...

- A terra é cheia de segredos, Sarah disse com um sorriso pálido. - Você também guarda alguns segredos, não é mesmo, Evie? Como perambular pelo terreno a meia noite.

- Como você sabe?

- Não há mistérios sobre nisso, ela respondeu. - Fui ver Helen na enfermaria ontem. Ela me disse que você tem fugido noite após noite. Ela vem olhando você. E está preocupada contigo.

- Ah, claro, tão preocupada que contou para a Senhorita Scratton!

Foi muito amigável da parte dela.

- Amigos às vezes tem de fazer escolhas difíceis.

- Escute, Helen Black não é minha amiga, e se ela quer perder o tempo dela me espionando, é o problema dela.

- E qual é seu problema, Evie? Porque estava encarando o nada agorinha, falando com o ar? Se eu não tivesse enfiado a bola em você, todo mundo teria notado. O que está acontecendo? Porque deixa os dormitórios todas as noites?

Não consegui mais lutar. Estava tão cansada, muito cansada de continuar fingindo. Afundando até o chão, caí bruscamente contra a parede fria de pedra e deixei que as palavras deslizassem para fora de mim. "Venho me encontrando com uma pessoa, um garoto que conheço. E eu a vi de novo."



- Quem?

- A garota de branco. Já a vi três até agora. A primeira vez foi naquele dia, na sala da Senhorita Scratton, quando eu havia acabado de chegar e você cuidou de mim.

- Eu sabia que tinha alguma coisa acontecendo, disse Sarah. - Tinha certeza disso. Então, você a viu mais uma vez?

- Sim, eu assenti. "Mas dessa vez ela estava me dizendo para ter cuidado com ele".

- O garoto que você conheceu?

- Acho que sim, eu disse miseravelmente. - De quem mais ela poderia estar falando?

- Mas quem é ele? Sarah perguntou. – Por que alguma garota iria te advertir sobre ele?

- E eu vou lá saber! Eu nem ao menos sei se ela existe. Só sinto que estou ficando louca.

- Como a garota é?

A pálida e fantasmagórica imagem flutuou a frente dos meus olhos mais uma vez. - Ela tem cabelos vermelhos e olhos cinza.

- Você quer dizer que ela parece com você?

Dei de ombros. - Talvez. Não sei quem é ela ou o que quer dizer. Mas estou com medo.

-Vamos lá. Temos que ir a biblioteca antes que alguém nos veja.



Alguns minutos depois, nós deslizamos para dentro da biblioteca ornamentada, que era alinhada com largas estantes de livro de mogno. Uma parilha de algumas garotas mais velhas estava lendo silenciosamente em uma das enormes mesas. Uma delas olhou para a gente e franziu os olhos.

- Vocês podem estar aqui?

- Senhorita Scratton nos mandou para achar alguma coisa, Emily, Sarah mentiu, andando de propósito até a seção de história. Ela procurou através das prateleiras cheias, tirando alguns livros e procurando por algo.

- O que estamos fazendo aqui? Perguntei.

- Só um minuto... Ah! Aqui está. - Ela começou a folhear um pequeno livro azul. Era velho e de aparência chata, dificilmente maior que um panfleto. Uma Pequena História da Escola Wyldcliffe Abbey por Reverendo A. J. Flowerdew. - Eu encontrei isso no meu primeiro ano. Sempre gostei muito desse tipo de coisa. Foi escrito por um vigário local — não o que nós temos; outro cara de anos e anos atrás. Espere — olha!

A única pintura sobrevivente de Lady Agnes é guardada em Abbey. Acredita-se que foi encomendado por Lorde Charles para marcar o aniversário de dezesseis anos de sua filha em 1882, dois anos antes de seu acidente fatal a cavalo, que aconteceu após um período de estadia no Continente. O artista é desconhecido.

A pintura havia sido reproduzida no lado oposto da página, suas cores borras no papel barato. Mas não havia erro com o rosto familiar, aqueles olhos cinza, emoldurados por uma vasta cabeleira ruiva e as longas e antigas roupas.

- É essa a garota que você viu?



Assenti vagorosamente. Um acidente a cavalo, o livro disse. Podia ver tudo muito claro. A garota deitada em um monte rachado na urze arroxeadada. Um cavalo castanho cheirando seu cabelo vermelho e ela encarando sem expressão o céu azul enquanto as cotovias voavam mais acima.

- Ela morreu, eu disse de modo idiota. - Ela está morta.

Mas, é claro que ela estava. Mesmo que ela tivesse vivido cem anos atrás, ela teria morrido há muito tempo.

- Ela parece com você, Evie. Eu sabia que você parecia com alguém que já havia visto na primeira vez que a vi. - Sarah franziu o cenho para as páginas desgastadas. - Vocês poderiam ser irmãs.

- Não parecemos tanto assim, respondi em pânico. - Só porque nós duas temos cabelo vermelho...

Emily nos encarou e disse:

- As duas já não encontraram o que procuravam? Estou tentando me concentrar aqui.

Sarah deslizou o livro para de baixo da saia dela e nós duas seguimos até as escadarias de mármore.

- Nós temos que ir até a enfermaria, ela falou. - Como contamos a Senhorita Schofield. Diga a ela que sua cabeça ainda dói por ter sido acertada. Se ela deixar você ficar deitada por algumas horas, poderá ler o resto desse livro e ver se tem algo útil nisso.



Deixei ser comandada. A enfermeira tirou minha temperatura, me deu uma aspirina e disse para que eu descansasse em uma das macas. Helen estava dormindo profundamente no lado mais longe da sala. Escondi o livro em baixo do meu travesseiro. Não precisava olhar de novo para saber se aquela garota era a mesma que eu havia visto.

Lady Agnes.

Se Sarah estava certa, eu havia sido contatada por um espírito de uma garota Vitoriana morta que parecia tanto comigo que poderia ser mal-entendida como minha irmã. E ela estivera me advertindo para ficar longe de Sebastian.

Vinte e Seis

Diário de Lady Agnes, 21 de dezembro de 1882

S. voltou de Londres há quase duas semanas. Consegui me fazer ficar longe dele por todo esse tempo. Queria vê-lo, mas não desejava repetir nossa desavença. Então, ontem, ele me chamou inesperadamente em Abbey e pediu que andasse com ele até o charco. Foi lá que ele me contou suas novidades, meio orgulhoso e meio desafiador.

- Como você pode fazer isso? Esbravejei. - E porque não me contou?



- Fiz isso porque você não teria me ajudado. Tive de encontrar aliados em outros lugares. E não contei para você porque sabia que iria reagir desta maneira.

Andei através da urze, vagamente ciente da onde eu ia. O sol brilhava pacientemente no topo do charco, mas entre nós dois havia uma nuvem de agitação e raiva.

- Pare! Agnes, espere! Deixe-me explicar.

Ele segurou minha mão e me fez sentar na relva molhada. A brisa soprou o cabelo de sua testa, e fiquei sem reação com a visão de sua face, tão aberta e impaciente quanto nos antigos dias. Se pelo menos eu conseguisse parar de amá-lo! Tudo seria muito mais simples.

- Então, que explicação você pode dar?

- Não tive escolha, Agnes, ele respondeu com uma estranha luz em seus olhos. -Você sabe tanto quanto eu que o Livro diz que para se tornar o Mestre do nosso ofício, preciso ter um conven* de Irmãs a meu redor. Você deixou claro que não iria me servir, então tive de procurar em outros lugares. - Encontrei o que eu queria aqui em Wyldcliffe.

**Coven : 13 bruxas*

- O que? Algumas simples garotas de vila bajuladas por suas atenções? - Como elas poderão te ajudar a conquistar alguma coisa grande ou boa?

- Estou as ensinando. Elas são mais poderosas do que você imagina. E estão dispostas a aprender, para me agradar." Seus olhos hesitaram em mim e eu corei, dificilmente sabendo o porquê. Então, ele riu de modo cruel. -



Porque, Agnes, eu acredito que você está com ciúmes das minhas Irmãs. Mas você não pode recusar a ficar do meu lado e reclamar se as outras escolherem ocupar o lugar que você deixou desocupado?

- Nunca teria deixado esse lugar se não tivesse me feito!

- Como? Como a fiz me deixar?

- Investindo em coisas muito profundas e obscuras, eu disse. -Não posso segui-lo nesse caminho que você está.

Ele veio e se sentou perto de mim, gentil por um momento, como uma águia adestrada.

- Sim, você pode, Agnes. Não é ainda muito tarde. Ele pegou minhas mãos. - Se juntarmos forças de novo, podemos encontrar a chave do que procuro. Estou tão perto, mas preciso que você me ajude. Pense, Agnes, pense! Vida eterna — uma vida sem morte, sem erros, sem doenças, sem fim. E poderia ser sua, se apenas concordasse. Poderíamos viver juntos para sempre, nunca sermos separados. Você não tem motivo para temer minhas novas servas. Elas são necessárias para mim, mas não significam nada; são apenas meros instrumentos para eu usar como desejar.

Lutei para resisti-lo. - Você não devia falar dessa forma. Cada uma delas possui uma vida preciosa — uma alma preciosa. E não está ensinando a elas os verdadeiros Mistérios. Está fazendo uma arte antiga virar magias doentes. Nós deveríamos usar nossos poderes para viver bem no tempo que nos foi concedido, não tentar roubar um tempo que não é nosso. Diga a essas garotas para voltar para suas mães e seus próprios caminhos. Você não as traz nenhum bem.



- Elas estão felizes que eu as esteja guiando em direção à imortalidade.

- Você está guiando elas para algo perigoso e cheio de desespero! Há coisas piores do que a morte. Viver para sempre é se tornar algo menos humano. Deixa-as irem! As liberte da sua ocupação.

- Eu tenho um plano melhor, ele disse. - Minhas Irmãs precisam de uma líder para guiá-las. Elas precisam de você, Agnes. Você seria a Alta Sacerdotisa do meu coven, e eu seria o Mestre. Você e eu — não é isso que você quer?

- Não, não dessa forma; é errado. Olhei para ele, de repente clara e calma. - Além do mais, há outra garota, muito longe. Eu já a vi com você. É ela que você ama, não eu. Você a colocará em perigo se continuar, colocará a todas em perigo.

- Que insanidade, Agnes. Ele riu. - Nós nunca conheceremos o perigo, apenas poder e glória. E é com você que me importo. Você sabe disso.- Os olhos deles me transpassaram como uma lasca de vidro; e eu estremei, sem poder sobre seu olhar. - Ah, Agnes, ele suspirou. - Nossa vida poderia ter sido tão bonita. De qualquer modo, não me ama?

Ele beijou meu cabelo, meu rosto e meus olhos. Senti a força de sua vontade batendo contra mim. Balancei vertiginosamente e ele me segurou em seu abraço.

- Sim, confessei. - Eu te amo. Eu te amo.

Ele me beijou e eu o beijei de volta de novo e de novo, até que eu estava tremendo de febre.



Então, ele disse: - Poderíamos ter esse momento para sempre. Isso e muito mais, prosseguindo sempre e sempre, e nunca sabendo disso. Eu já cheguei até metade desse caminho. Tenho tudo que preciso, com exceção a uma única coisa: Um toque de sua mente e vontade, Agnes, é tudo que peço, uma centelha de Fogo. Me cure dessa vez e para sempre, te imploro. Mas se recusar, você se tornará minha inimiga por toda a eternidade.

Dei um passo para trás. Esse foi o momento em que tudo havia sido levado nessa direção. E naquele momento eu soube que não poderia dar a ele o que queria.

- Desculpe-me. Não posso fazer como pede.

- Você pode, Agnes; você deve, ele apressou. - Divida seu poder comigo. Case-se comigo para que não precisemos ter mais segredos um com o outro, e viveremos felizes por toda a eternidade."

Ele começou a me beijar de novo e tentei empurrá-lo para longe.

- Não posso, soluzei. - Não irei! Deixe-me! Me deixe ir, eu te imploro...

Mas, ele não iria. Ele me apertou cruelmente, quase me quebrando em seus braços. - Preciso de seu poder. Eu os terei!

Em desespero, fechei meus olhos e vi o Círculo Sagrado em minha mente, queimando com um fogo branco na escuridão da noite. Eu repeti os encantos. Explosões de vermelho e azul e laranja queimaram atrás dos meus olhos e eu repeti uma palavra de Poder.



Uma rajada de vento joguei ele longe para o outro lado da urze. Um filete de sangue estava em sua face. Eu corri até ele e deitei sua cabeça em meu colo, tentando aliviar a sua dor. De novo e de novo eu murmurei, - Desculpe-me, desculpe-me, desculpe-me...

Então ele abriu seus olhos e cambaleou em seus pés, limpando o sangue com sua manga.

- Então, essa é sua resposta. Você não irá se juntar a mim. Você está pesarosa.

- Essa é minha resposta.

O silêncio pendurou pesado sobre nós. Uma cotovia planou e subiu acima de -Olha, Agnes, ele disse. - Isso é tão bonito.- Ele virou para mim e pausou. - Tão bonito — e tão longe para alcançarmos.

Então, ele se foi, andando pelo vale até que estava longe o suficiente para que não o visse mais.

Não o tenho visto por tantos dias. Não sei se o verei algum dia outra vez.

Vinte Sete

Eu não sabia se voltaria a ver Sebastian de novo, mas me aterrorizava seguir tendo mais visões. Enquanto estive na enfermaria por dois -



ou foram três? - dias, um fogo ardia em minha cabeça, trazendo pensamentos confusos e sonhos inconexos.

A enfermeira chamou o Dr. Harrison, que levantou as sobrancelhas novamente quando me viu. Ele disse algo sobre ter um vírus e necessitava de muito descanso e bebidas quentes. Fiz o que ele me disse, mas realmente não estava lá. Eu estava revivendo tudo o que tinha acontecido, analisando cada pedaço da minha mente, tratando de dar um sentido a tudo. A menina. Advertências. Sebastian. Mas ela está morta, eu disse a mim mesma, ela está morta. Eu não acredito em fantasmas... Não acredito em fantasmas... Não... Mas aconteceu. Eu já tinha visto, ouvido a sua voz. Por mais que você tente lutar contra isso, havia algo em mim que sabia que era real. Ela de algum modo era parte de mim. Isso era tudo me disse. A menina com cabelo vermelho era parte do meu subconsciente, uma versão de mim, uma parte escondida em minha mente que tratava de me dizer que tinha que ser cautelosa sobre o relacionamento com Sebastian. Sua recusa em deixar-me conhecer sua família havia-me assustado, e esta menina e sua mensagem era só uma espécie de reação psicológica. Tinha a visto no primeiro dia, contudo, lembrei-me, muito antes de ter começado a ter um relacionamento com o Sebastian. Um relacionamento. Essa palavra desajeitada e feia para algo que era impossível de realizar, uma dança complexa entre duas pessoas, como a força das ondas. Eu não sou boa com relacionamentos. Sebastian tinha dito isso. Foi culpa dele neste momento, ou era o minha? Na verdade não importa. Nosso relacionamento, ou seja, lá o que era, acabou agora. Eu havia-me afastado dele, e seu orgulho não vai tolerar isso. Porque eu tinha perdido minhas estribeiras tão estupidamente? Eu estava lamentando. No entanto, ele disse que estaria à espera. Era noite de domingo. Senti-me melhor, pelo menos fisicamente.



Uma bebida fresca estava no criado-mudo. Bebi-a com entusiasmo. Ninguém estava lá. Helen tinha voltado para a classe, curando-se do que tinha trazido aqui. Quando eu estava acordada ela dormia, ou fingia dormir, por isso não tinha tido a oportunidade de falar com ela. Não importa, de qualquer maneira. Não tinha nada a dizer a Helen Black. Aos poucos, eu saí da cama e caminhei até o banheiro pequeno. Abri a torneira e lavei o rosto com água fria. Quando eu olhei no espelho, minha pele translúcida e pálida mais do que nunca, tão pálida como uma garota vitoriana em uma pintura antiga. A pintura. Isso não foi apenas uma manifestação psicológica. Era um retrato de Lady Agnes Templeton. Era um fato claro e sólido. O quadro é semelhante ao da garota que tinha visto. E ela parecia a mim. Foi tudo isso uma mera coincidência?

- Evie! Saia.

A enfermeira estava me chamando do outro lado da porta. Enxuguei meu rosto e saí do banheiro. Ela estava segurando um termômetro na mão.

- Eu só vim a tomar sua temperatura. Sente-se melhor?

Não estava doente, eu estava um só um pouco cansada. Subi na cama.

- Sim, eu creio que sim. Que horas são?

- Quase nove. As meninas já devem ter jantado.

Ela pegou minha temperatura eficientemente .



- Sua temperatura é normal. Você será capaz de levantar e reunir-se com seus companheiros de classe amanhã. Falando nisso, sua amiga está morrendo de vontade de vê-la. Ela está esperando lá fora. Eu a deixo passar? - Concordei. A enfermeira saiu e falou com alguém no seu pequeno escritório. Eu estava com medo, meia esperando a garota de cabelos vermelhos com sua longa saia branca entrar. Mas era Sarah, feliz e real.

- Sarah! Eu soltei um suspiro de alívio.

- Como você se sente? Ela perguntou. Eu trouxe isso. Era uma delicada mostra de flores silvestres de cor azul pálido em um frasco pequeno.

- Obrigado. Elas são bonitas.

- Não são de minha parte. Encontrei-me com Helen perto das ruínas.

-Ela me pediu para dar-lhe e que lhe dissesse que a perdoasse.

- Perdoar por quê?

- Por dizer a senhorita Scratton que você não estava na cama naquela noite. Helen quer que saiba que o fez para deter-te e proteger-te de um problema maior. Ela disse que espera que você entenda.

- Não entendo. Na verdade eu não entendo Helen.

- Helen é diferente... Disse Sarah. - Ela teve uma vida difícil. Eu tinha ouvido dizer que antes de vir para Wyldcliffe estava em uma espécie de casa das crianças.

- Você quer dizer, que estava em um orfanato? Eu não poderia imaginar alguém sem família.

- Acho que sim. Ela não fala sobre isso.

- Uma vez, você sabe você teve confiança nela? Perguntei curiosa.

- Você não tem que ter nenhum dom especial para dizer que ela não está feliz. Mas para ser honesta, é como se ela estivesse envolvida em um redemoinho de vento protegendo-se de qualquer estranho. Ela sempre foi um pouco solitária. E algumas das meninas a fazem passar maus momentos. Eu sabia que ela estava se referindo a Celeste.



- Helen ... Ela era amiga de Laura?

- Não realmente. Laura era totalmente influenciada por Celeste em tudo o que fazia. Não havia se preocupado em tentar conhecer Helen. Muitas pessoas não o fazem.

Eu me senti desconfortável. Eu tinha muito rapidamente me livrado de Helen. Sarah foi assegurar-se que a porta estava fechada, então se virou para mim e perguntou:

- Evie, você já pensou um pouco mais sobre o que você viu?

Eu não pensei em mais nada. E eu estive me perguntando se todo o assunto com Lady Agnes não é algum tipo de mensagem de meus próprios sentimentos, me dizendo que eu tenho que parar tudo com Sebastian.

Eu disse sem jeito o nome. Ele tinha sido o meu segredo e parecia um erro falar de uma forma tão casual dele.

- Mas você disse que a menina estava vestida como Lady Agnes na pintura, e não tinha visto a pintura antes de te mostrar o livro. Assim que na primeira vez que você viu na sala de aula não poderia ter sido apenas uma imagem projetada de seu subconsciente ou qualquer outra coisa.

- Eu não tenho tanta certeza. O livro do reverendo Flowerdew diz que a pintura se conserva na abadia. Havia um monte de quadros antigos nas paredes. Eu poderia ter passado por ele no passado sem que eu soubesse.

- Ou mesmo possa ter recebido uma mensagem de Lady Agnes.

- Então por que você não a vê? Perguntei. Quero dizer você é a única que tem sangue cigano e você é clarividente.



- Não tenho a pretensão de ter o poder de clarividência. Só estou disposta a tirar outras conclusões. Enfim, eu acho que Agnes só aparece diante de você, porque você é o que ela precisa para se comunicar. Eu não estou convencida.

- Eu só acho que devemos ser racionais, disse:

- Não nos deixemos levar por todo este absurdo.

- Muito bem, então vamos ser racionais. O retrato de Lady Agnes parece de uma maneira estranha como você. Bem, há uma perfeita explicação lógica e científica para as pessoas que têm alguma semelhança.

- O que você quer dizer? Perguntei em voz alta.

- Genética simples, Evie disse

- Você e Lady Agnes podem ser familiares.

- Isso é impossível.

- Por quê?

- Porque ela era rica, aristocrática, Tratei de explicar. - E eu sou... normal.

- Acho que você é qualquer coisa menos comum, disse Sarah. - Ainda assim, as famílias mudam, perdem seu dinheiro, se mudam para áreas diferentes. Sabemos que Agnes não tinha filhos, porque ela morreu em um acidente. O livro do reverendo diz que seus pais morreram poucos anos depois de uma febre. Eles não tinham nenhum descendente direto para assumir a abadia, assim que se tornou uma escola.

- Eu não entendo

- É simples, Evie. Agnes pode ter tido outros parentes, como primos e eles podem ter tido filhos. Você disse que sua avó tinha família nesta área, certo? Poderíamos tentar encontrar a sua árvore genealógica para ver se esta de alguma forma relacionada com os Templetons. Isso não seria perder tempo com um velho vodu. Isso seria realista, ok? Eu estava fascinada com a idéia, que parecia tranquilizadamente prática.



Talvez não houvesse, mas que um velho vínculo familiar e os trabalhos do meu inconsciente.

- Mas eu não sei por onde começar. Não posso pedir a Frankie. Ela está doente demais para poder ajudar.

- Pode escrever e perguntar ao seu pai. Ele poderia se lembrar de algo.”

- Sim, ele pode, eu concordei. -Ok, eu vou escrever.

Sarah sorriu encorajadoramente, mas hesitou.

- Evie, quem é esse cara que você estava vendo? Perguntou. Isso foi uma pergunta que eu estava fazendo para mim mesma uma e outra vez.

- Ele se chama Sebastian James. Ele mora aqui perto. Busquei pelos fatos brutos.

- Ele monta um cavalo negro e vai para a faculdade no próximo ano. A Oxford.

- Estou impressionada. Tem que ser muito inteligente. Mas por que você se encontra com ele à noite?

-Sra. Hartle dificilmente vai convidá-lo para o almoço, você não acha?

-Bem, bem, disse Sarah. -Então, ele está esperando para ir para a faculdade, sabe que não deixariam entrar Wyldcliffe, e obviamente gosta de um romance com encontros à meia-noite... o que mais?

Havia mais, certamente. Como eu poderia descrever o enfoque masculino de sua bochecha, a luz em seus olhos e a calidez do seu sorriso?



Como poderia explicar a emoção que sentia em estar com ele, ou a dor de nossa luta? Eu não poderia sequer tentar. Então, eu não disse nada.

- Não sei se você está planejando ver Sebastian novamente, mas eu não acho que você deveria. Sarah continuou.

- Não até que tenhamos encontrado algo mais. E definitivamente não deveria se encontrar com ele na noite, Evie. É muito arriscado. Ele pode ser perigoso. Os estados de animo de Sebastian. O segredo de Sebastian. O brilho em seus olhos, o brilho de seu temperamento. Isso o fazia perigoso? Por acaso não todos os seres humanos são potencialmente perigosos? Uma voz irritante na minha cabeça me fez lembrar de algo que Sebastian uma vez disse:

- Não quero que isso vá muito longe. Pode ser perigoso para você.

- Você está dizendo que ele é um assassino? Eu disse defensivamente.

- Não, eu estou te pedindo que tenha cuidado. Se ele sente algo real entrara em contato com você. Você sabe, escrever uma carta ou algo assim. E se você for apanhada saindo de novo na noite você poderia até mesmo ser expulsa.

- Sim, bem, poderia ter feito sem que Helen tivesse falado, resmunguei.

- Ela estava apenas tentando...

- Eu sei, eu sei. Eu só estava tentando ajudar.

- Por favor, Evie.

Não queria dizer a Sarah que provavelmente isso tudo havia sido com Sebastian. Dizer-lhe o fazia muito real. Preferia fingir que fui persuadida por seus argumentos.



- Muito bem, eu concordei. - Esperarei. Não verei até que saibamos mais. Ok?

- Certo. Ela parecia aliviada. Naquele momento a enfermeira enfiou a cabeça pela porta.

- Sarah, é hora de ir. Parece mais radiante, Evie. Estar com sua amiga lhe fez bem, depois foi embora. Sarah apertou minha mão e sorriu.

- Te vejo amanhã

- Sim, te vejo amanhã. E muito obrigado, Sarah. Vi como ela ia, me sentindo melhor. Estar com a minha amiga tinha me feito bem. Olhei para as pequenas flores que Helen tinha me dado. Talvez Helen, em sua estranha forma de ser, também queria ter amigas. Minhas amigas. Pareceu uma eternidade desde que tinha sido capaz de dizer isso e as palavras rodavam pela minha cabeça luxuosamente: as minhas amigas, minhas amigas. E longe, uma voz ecoou de resposta: minhas irmãs, minhas irmãs. Eu estava cansada. Fechei os olhos, perguntei-me se o pai poderia saber todas as respostas quando minha carta chegasse a ele. Tudo que eu podia lembrar foi Frankie dizendo que sua avó tinha sido do norte, uma mulher do campo, que havia vivido em uma fazenda perto Wyldcliffe. Oh, qual era o nome da fazenda? Estava segura de que Frankie tinha o mencionado. Logo algo tinha ocorrido à fazenda por alguma razão e a avó de Frankie tinha morrido, deixando uma filha. Seu marido - o avô de Frankie - tinha casado de novo e se mudou com sua nova mulher e com a pequena menina, encontrando seu caminho para o oeste e do mar. E a criança cresceu para ser a mãe de Frankie.

Tudo parecia muito complicado. O relógio bateu dez na sala branca. Bocejei. Então, Frankie só tinha conhecido a mãe de sua madrasta. Lembrei-me de ver uma foto antiga dela.



- Sally? Molly? - Sentada em um barco e remendando uma rede de pesca. Mas essa não era a mulher certa, eu não estava familiarizada com ela. Eu estava à deriva, caindo no sono. Eu tive que ir mais para trás, tinha que voltar para a fazenda, o nome da fazenda... a fazenda... Quando eu abri meus olhos na manhã seguinte, a resposta estava soando na minha cabeça como um sino.

Vinte Oito

O Diário de Lady Agnes, 12 de fevereiro de 1883.

Ontem de manhã eu acordei com a resposta ao que fazer clara e brilhantemente em minha mente. Olho. Mas é muito difícil! Estas últimas semanas foram terríveis. S. tem estado muito mal. Se tão só pudesse ter ido para Oxford, em janeiro, como o havia previsto, as novas pessoas e idéias que haveria encontrado ali não poderiam haver abalado sua obsessão. Não há esperança disso agora. Há recaído em uma série de ataques e febres que fazem qualquer tentativa impossível. Seus pais estão desesperados e chamaram um conhecido médico de Londres para tratar sua melancolia. Marta me disse que os empregados cochicham nos salões sobre as cenas terríveis que acontecem lá, como à luta de S. contra o médico e que destruiu os seus instrumentos e delira como um louco até que ele tem que ser controlado por seu pai e os homens do serviço doméstico. Eles imaginam que a febre que sofreu em Marrocos está o consumindo de novo, mas eu sei o que é realmente o que está consumindo ele, em corpo e alma. Sei que sou eu quem ele procura no seu delírio, e o dom "precioso" que ele acha que pode dar-lhe se fosse de minha



escolha. Eu tenho que sair de lá, ficar fora de seu alcance. Tenho que fazê-lo. Como muitos desesperados antes de mim, resolvi fugir para Londres, onde é tão fácil de esconder-se. Rasgará o meu coração deixar Wyldcliffe, mais do que nada me dói pensar sobre a dor que causarei aos meus pais. Eles nunca vão saber por que tenho que fazê-lo. Eu escrevi uma carta para eles dizendo que quero liberdade e uma vida nova, e que será inútil procurar-me. Escrevi que devem fingir para o mundo cheio de fofocas que tinha ido ao exterior para ficar com a tia Marchmont em Paris.

Quando disse-lhes há um momento bom, eu disse a eles que eu os amo. Eles acreditaram quando ler a minha carta esta manhã? Não há nada que eu possa fazer, no entanto, não há outra opção que possa tomar.

Amanhã me levantarei antes, antes até da hora das empregadas, e tomarei o pouco dinheiro que tenho e uma pequena parcela de roupas. Subornarei o carteiro local, Daniel Jones, para que encontrar-me no final da estrada e me leve até a estação ferroviária mais próxima, e em seguida, viajarei para a cidade grande, vestida em roupa normal que eu comprei secretamente na cidade. Pobre de papai tinha prometido levar-me para Londres, em três deste verão. Como teria gostado de mostrar-me a paisagem mudando à medida que se aproximava da cidade. Agora vou estar viajando sozinha. Mas eu tenha dezesseis anos e eu sou grande o suficiente para ficar em um trem por várias horas. É inútil fingir que não estou chorando. Meu pai sempre foi tão bom para mim, e incluindo mãe, agora eu sei que nunca poderei vê-la novamente, e ela era mais amável comigo do que eu pensava possível. Agora eu vejo que ela só queria a minha felicidade, e se ela não pode imaginar uma maior felicidade do que ficar em uma elegante sala, isso não foi sua culpa. Eu não posso escrever mais. Minha nova vida começa aqui. Depois de amanhã, será como se a senhora Agnes Templeton não existiu. É o fim de tudo.



E é um começo.

Vinte e nove

Era um novo começo.

Deixei a enfermaria e descii as escadas de mármore, faminta pelo café da manhã, segurando minha flor no pequeno vaso. No topo da escada segui descuidadamente em direção do corredor e caminhei direto contra a diretora.

- Oh! Sinto muito!

Um pouco da terra preta do vaso caiu sobre a manga de ceda clara da senhora Hartle. Ela calmamente a limpou, e então me impediu de tocar em seu braço. Aquilo me deu uma sensação estranha, como se tivesse sido tocada por alguma coisa morta.

- É contra as regras da escola correr nas escadas e corredores. Você já deveria saber disso por agora.

- Sinto muito. Murmurei novamente.

- E o que é isso? seus olhos escuros descansaram na planta. Ela parecia tão frágil e fácil de esmagar na presença da diretora. - Ah, é uma *Campanula rotundifolia*. Eu devo ter parecido confusa, por que ela explicou



com uma ponta de desprezo. -Em inglês a comum harebell. Uma de nossas plantas nativas. Ela cresce nos muros.

- Helen que me deu. Vou plantá-la no velho jardim da cozinha.

- Helen? ela repetiu com um leve arquear de sobrancelhas.

- Que agradável. Só que você deve lembrar que é muito difícil para uma planta selvagem sobreviver depois de arrancada. Acho que você vai descobrir que seu presente não viverá muito tempo.

Minha pele se arrepiou quando os dedos dela se aprofundaram em meu braço. Então a diretora pareceu ter perdido o interesse em mim, e seguiu pelo corredor em direção de sua sala. A observei indo. Eu não gostaria de vê-la realmente irritada, decidi. Segui meu caminho para a sala de jantar, tomando cuidado para não correr.

Deslizei em um assento em frente á Sarah, ansiosa para contar para ela as novidades. Um instante depois alguém bateu em minhas costas. Celeste estava parada sobre mim.

- Bem, vejamos quem esta aqui... nossa amiga Evie, retornando dos mortos. Achei que aquela bola de Lacrosse tivesse acabado com você? Que desapontamento. Ela se afastou, e a senhorita Scratton chamou a atenção de todas para as orações.

- Por que ela me odeia tanto?Perguntei para a Sarah enquanto estávamos comendo o café da manha.

- Oh, a Celeste sempre foi um pouco dramática. Ela adorava a Laura, e de alguma forma colocou na cabeça que você esta tomando o lugar da Laura. É claro que é totalmente injusto, mas acho que ela ainda esta muito chateada. Tente não deixá-la te aborrecer! Sarah abaixou a voz.



- Você já escreveu para o seu pai?

- Eu não preciso. Falei animada. - Lembro do nome do lugar onde a família da Frankie viveu. Se chama Operculiforme Farm. Tenho certeza de que é isso. Uppercliffe. Para minha surpresa Sarah ficou desanimada.

- Não acho que vamos obter muitas informações lá. Já cavalguei por Uppercliffe muitas vezes. Esta em ruínas. Mas ainda podemos ir e dar uma olhada. Ela adicionou rapidamente, vendo meu desapontamento.

- Tudo bem. Quando?

- Vamos cavalgar por aquele caminho no domingo à tarde. -Vamos precisar pedir permissão da senhorita Scratton primeiro. Não posso me dar ao luxo de levar outro demérito, então vamos ter que fazer dentro das regras. tenho certeza de que ela vai nos deixar ir. Ela sabe que venho cavalgando há anos, e ela me deixa sair sozinha algumas vezes.

- Eu não sei nada sobre cavalgar! a única vez que estive sobre um cavalo fora com o Sebastian, e na ocasião eu podia me segurar nele. Isso seria diferente.

-Vou ensinar você. Temos alguns dias para praticar. Vou montar Starlight, e você pode ficar com Bonny. Ela é um anjo, tudo o que você terá que fazer é ficar sentada lá e não cair.

Mas, eu já podia me ver caindo. Tudo o que eu conseguia ver era meu corpo retorcido entre os muros, meus olhos sem vida abertos em direção do dia cinza, justamente como ela há muito tempo atrás. SEJA LEGAL OU VOCÊ MORRE. Empurrei o pensamento para longe.

- Tudo bem. Falei com um esforço. -Vou me esforçar.

A senhorita Scratton fez um sinal e as meninas começaram a sair. Olhei ao redor á procura da Helen. Ela ainda estava sentada do outro lado da



sala, esmagando um pedaço de pão e olhando para o vazio. Caminhei na direção dela.

- Obrigado pelas flores Helen; foi muito gentil da sua parte. Sem querer eu estava usando a voz que as pessoas usam com quem está doente. A voz que as enfermeiras usam quando falam com a Frankie. Tentei novamente.

- Sarah me falou que posso plantá-la na parte dela do jardim da parede.

- As coisas não deveriam ser emparedadas. Ela murmurou. Oh senhor, eu pensei, ela é completamente louca. Então ela olhou para cima e me deu um raro e doce sorriso. Vi pela primeira vez o quanto ela era bonita, com seu cabelo branco-dourado e seu rosto delicado.

- Estou feliz que tenha gostado Evie. É a minha flor favorita. E realmente sinto muito sobre o demérito. Eu só queria impedir você de sair à noite.

- Por quê?

Ela olhou ao redor nervosa, então sussurrou.

- Coisas estranhas acontecem em Wyldcliffe. Tenha cuidado.

Eu precisava saber mais.

- Helen, acho que vi uma coisa estranha em Fairfax Hall. Sei que você estava doente naquele dia, mas vi alguém que se parecia exatamente como você, com a mesma cor de cabelo e tudo o mais. Era... poderia ter sido você?



A expressão dela mudou, como se uma sombra tivesse caído sobre ela. A senhora Hartle havia entrado na sala, e estava dando uma mensagem para a senhorita Scratton. Helen pulou.

- Não quero falar sobre isso.
- Mas...
- Deixe-me em paz!

Parecia que nós não iríamos finalmente ficar amigas.

Nossa Comunidade:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=97125945>

Nosso Blog:

<http://traducoes-revisoes-rs-rts.blogspot.com/>